



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Leidiane dos Santos Aguiar Macambira

**Encontrar(se), (não)ver(se), diferir(se): platôs para pensar a educação de
pessoas que não veem (apenas) com os olhos**

São Gonçalo

2017

Leidiane dos Santos Aguiar Macambira

Encontrar(se), (não)ver(se), diferir(se): platôs para pensar a educação de pessoas que não veem (apenas) com os olhos

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Anelice Ribetto

São Gonçalo

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

M114 Macambira, Leidiane dos Santos Aguiar.
TESE Encontrar(se), (não)ver(se), diferir(se): platôs para pensar a educação de
pessoas que não veem (apenas) com os olhos / Leidiane dos Santos Aguiar
Macambira. – 2017.

133f. : il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anelice Astrid Ribetto.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio
de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação especial – Teses. 2. Educação inclusiva. 3. Cegueira. I.
Ribetto, Anelice Astrid. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Faculdade de Formação de Professores.

CDU 371

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Leidiane dos Santos Aguiar Macambira

Encontrar(se), (não)ver(se), diferir(se): platôs para pensar a educação de pessoas que não veem (apenas) com os olhos

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Aprovada em 21 de fevereiro de 2017.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Anelice Ribetto (orientadora)
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo – UERJ

Prof. Dr. Walter Kohan
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof. Dr. José Valter Pereira - Valter Filé
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Prof^ª. Dra. Carmen Lúcia Vidal Pérez
Universidade Federal Fluminense – UFF

São Gonçalo
2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho...

*Aos meus amores Jorge Luís, Sofia e Leila, pelas
dores e alegrias que passamos juntos durante cada
momento.*

*A Regina Célia, Eli, Joaquim, Sandra e Amélia, pessoas
que me ensinaram a ver para além dos meus olhos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo amor, vida e força com que tem me sustentado.

À minha orientadora Anelice Ribetto, que entre palavras e gestos generosos vem me compondo neste processo formativo que chamo de vida.

Às colegas da orientação coletiva – Celinha, Bruna, Rejane, Vannina, Rafaela, Sara, Silvia, Kamilla e Vanessa –, que têm importante participação neste trabalho. Todas elas também são coautoras desta pesquisa.

Ao Instituto Benjamin Constant e à equipe da reabilitação por terem aberto as portas para que estes desejos se concretizassem.

Ao PPGEDU por acreditarem neste trabalho e dedicarem suas forças na formação de pesquisadores na periferia de São Gonçalo.

Aos professores Valter Filé, Carmen Pérez, Aldo Victorio e Walter Kohan pelas importantes e primorosas contribuições nas bancas de qualificação e defesa.

À CAPES pelo apoio financeiro.

E aos tantos outros encontros que, embora não citados, foram importantes na feitura deste trabalho.

Esta não é uma casa... isto é uma história.
É uma história porque foi feita de pensamento e sonho.
...uma casa feita de cacos transformada em flor.

Gabriel dos Santos¹

¹ Frase de Gabriel Joaquim dos Santos. Artista que construiu, a partir de materiais de refugo, a “Casa da Flor” em São Pedro da Aldeia/RJ. Disponível em: <http://casadaflor.org.br/hist.htm>. Acessado em: 17/11/2015.

RESUMO

MACAMBIRA, Leidiane. *Encontrar(se), (não)ver(se), diferir(se): platôs para pensar a educação de pessoas que não veem (apenas) com os olhos*. 2017. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

Esta dissertação é um efeito da pesquisa na qual busquei conhecer as experiências e os percursos de vida de pessoas que não veem (apenas) com os olhos: seus processos de deslocamentos possíveis neste mundo saturado por imagens visuais, que ao vivê-lo resistem e fazem (re)existir mundos outros possíveis. Toda esta processualidade deu-se através de encontros, os quais não ficaram limitados à presença física de corpos, mas sim aos efeitos provocados pela presença e a existência de um outro, que nos desloca, nos atravessa e nos transforma. Foi esta dimensão intempestiva do encontro o que fez pulsar esta pesquisa na reabilitação do Instituto Benjamin Constant (RJ), que foi um dos espaços primorosos para nos encontrarmos, mas não o único: atravessamos ruas, atalhos, quartos, campos, cidades, bairros etc. Por outro lado, a escrita da pesquisa foi composta em platôs, que, diferentemente de capítulos, não propõem uma liga literal ou uma ordem preestabelecida de leitura e entrada no texto. Como num rizoma deleuzeguattariano, os platôs funcionaram como dispositivos possíveis para dar a ver as experiências e os saberes emanados de cada encontro. Como efeito da escrita, a dissertação se apresenta múltipla: na sua composição há um CD-ROM com a versão digital e em hipertexto em PDF que pode ser lida com o auxílio de sintetizadores de voz. Há também todas as faixas com as paisagens sonoras produzidas – como imagens não visuais – ao longo desta pesquisa. É apresentado um audiolivro, que não se resume à transcrição de todo o texto em áudio, e, finalmente, há a versão física deste trabalho, que foi apresentada à banca de defesa e oferecida para publicação na biblioteca da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Todos estes suportes apresentados não são substitutivos entre si, são narrativas outras, em linguagens outras, com suportes outros. Modos outros que nós – pessoas que não veem (apenas) com os olhos – vimos inventando, ao longo desses dois anos, ao viver, resistir e (re)existir mundos outros possíveis na educação e na vida.

Palavras-chave: Diferença. Inclusão. Cegueira. Pessoas que Não Veem (Apenas) com os Olhos. Educação Especial.

ABSTRACT

MACAMBIRA, Leidiane. *Meet(if/self), (not) see(if/self), differ(if/self): plateau to think the education of people that don't see (only) with the eyes*. 2017. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

This dissertation is an effect of the research in which i sought to learn about the experiences and the life paths of people who don't see (only) with the eyes: their possible displacement processes in this world saturated by Visual images, which to live it resist and make (re)exists other possible worlds. All this processuality came through meetings, which were not limited to the physical presence of bodies, but rather to the effects caused by the presence and the existence of another, that move us, go through us and transforms us. Was this untimely dimension of the meeting which made this research pulse on rehabilitation of the Benjamin Constant Institute (RJ), which was one of the exquisite spaces to meet, but not the only one: we cross streets, shortcuts, rooms, camps, cities, neighborhoods etc. On the other hand, the writing of research was composed in plateaus, that, unlike chapters, don't propose a literal connection or a preset order of reading and text entry. As in a delezeguattariano Rhizome, the plateaus worked as possible devices to give the view to the experiences and knowledge emanated from each encounter. As an effect of writing, dissertation presents itself multiple: in its composition there is a CD-ROM with the digital version and in Hypertext in PDF which can be read with the aid of speech synthesizers. There are also all the tracks with the soundscapes produced – as a non-visual images - throughout this research. It is introduced an audiobook, which isn't summed up about the transcription of all text on audio, and, finally, there's the physical version of this work, which was presented to the defense stand and offered for publication in the library of the teacher graduation College of the State University of Rio de Janeiro. All these supports presented are not substitutive each other, they are other narratives, in other languages, with other supports. Other ways that we – people who don't see (only) with the eyes – came over making up, over this two years, while living, resist and (re)exist other possible worlds in education and in life.

Keywords: Difference. Inclusion. Blindness. People who don't see (only) with the eyes. Special Education.

ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – “Verbete colagem Platô”	14
Figura 2 – “Encontro”	47
Figura 3 – “ <i>Argus Panoptes</i> ”	57
Figura 4 – Exercício “Ponto cego”	58
Figura 5 – “Um IBC a desconstruir”	60
Figura 6 – “Ruínas em desconstrução: ao jeito tapera”	61
Figura 7 – “O banco”	78
Figura 8 – “Rizoma”	80
Figura 9 – “Folha do diário”	81
Figura 10 – “O IBC oficial”	86
Figura 11 – “Imagem panorâmica do IBC”	86
Figura 12 – “Texturas e peles”	87
Figura 13 – “Atividades no IBC”	87
Figura 14 – “Olhares”	88
Figura 15 – “Ponto de vista”	90
Figura 16 – “Rabiscos em pesquisa”	96
Figura 17 – “A foto (in)visível”	115

ABREVIATURAS E SIGLAS

AVD – Atividade de Vida Diária

CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

DDI – Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação

GPS - Sistema de Posicionamento Global

IBC – Instituto Benjamin Constant

PPGEdu – Programa de Pós-graduação: Processos formativos e desigualdades sociais

SUMÁRIO

	O ÚLTIMO DIÁRIO A SER ESCRITO: (DES)ENFORMANDO AS PALAVRAS...	12
	Um modo outro de produzir e expressar a pesquisa em educação.....	15
1	...COMPOSIÇÕES EM PLATÔS EM UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO... EM QUE LÍNGUA DIZER DOS AFETOS QUE NOS ATRAVESSARAM?.....	16
1.1	A produção de um audiolivro.....	19
1.2	Entretantos.....	20
	IMPLICANDO-(SE) NA PESQUISA... TORNANDO-(ME) PESQUISADORA (ENTRE).....	25
2		
3	VER (SE) VER (NOS) ¿QUÉ COSA ES MIRAR?.....	48
4	DESCONSTRUINDO O CONCEITO DE CAMPO DE PESQUISA! ESGARÇANDO SUAS FRONTEIRAS E COMPONDO (OUTROS) INSTITUTOS BENJAMIN CONSTANT.....	60
4.1	Esgarçando as fronteiras de uma pesquisa.....	73
4.2	Entrando de visitante: em uma instituição e em uma língua desconhecida....	75
4.3	Caminhando com outros passos: guiada pelo ritmo do metrônomo feito de bengala	79
4.4	Dar a ver talvez... O Instituto Benjamin Constant.....	83
4.5	Paisagem sonora: minha escuta no Instituto Benjamin Constant.....	88
4.6	Paisagem sonora: imagem não visual do IBC	89
5	CRÔNICAS DE ENCONTROS POSSÍVEIS ENTRE PESSOAS QUE NÃO VEEM (APENAS) COM OS OLHOS.....	93
5.1	Crônicas de encontros possíveis... Cartografias de uma entrada...	103
5.1.2	<u>A encontrar-me... Com o que cada um vai para um encontro?.....</u>	104
5.1.3	<u>Chegando de visitante... A imprevisibilidade de um encontro</u>	106
5.1.4	<u>Estrangeira em terras conhecidas.....</u>	107

5.1.5	<u>Em terra de cego quem pode ser invisível?</u>	108
5.1.6	<u>Não é para aprender nada, mas me faz bem!</u>	110
5.1.7	<u>(A produção da) Paisagem sonora: entulhos de uma edição: da Urca até a Rocinha</u>	111
5.1.8	<u>Novamente um primeiro dia!</u>	111
5.1.9	<u>Olha a minha amiga aí! Está vendo?</u>	113
5.1.10	<u>A passear por um IBC desconhecido... Sempre</u>	118
5.1.11	<u>É necessário dar a volta para estranhar o demasiado conhecido</u>	121
5.2	Cartas (entre) queridas amigas encontrando-(se) na academia	123
	REFERÊNCIAS	130

O ÚLTIMO DIÁRIO A SER ESCRITO: (DES)ENFORMANDO AS PALAVRAS

Junto a este movimento de tornar as experiências da pesquisa em um texto dissertativo acadêmico a fim de publicá-lo na biblioteca da universidade, teço a última página do diário de pesquisa que me acompanhou nestes dois últimos anos da minha vida: o período em que cursei o mestrado.

O teçi... Sobre um guardanapo cheio de mandalas desenhadas em um intenso fundo vermelho... O teçi em decoupagem... Colei o guardanapo na parte de dentro da capa traseira, porque não havia mais folhas disponíveis para escrever. Ali então tornou-se a última folha. Tão vivo era o vermelho, quanto eram as mandalas. Um espetáculo de cores que pareciam girar. Sobre esta viva estampa preendi com uma fita adesiva, uma folha que minha filha havia me dado durante um passeio na praça naquele mesmo dia. Uma linda folha seca caída de uma árvore desconhecida. Uma folha em forma de coração.

Sob esta folha pulsa vida...

Muitas vidas...

Em cada folha desse diário pulsa vida. Vida esta que passou por um tenso movimento de esticamento e alinhamento a fim de virarem letras, palavras, frases... Tais vidas também foram inventadas. Por meio de imagens visuais e não-visuais trouxemos a existência muitas de nossas experiências. Há ainda a vida impronunciável, a vida incapturável. Estas vidas que ficam apenas nos afetos e afecções, resistem às palavras, às imagens... ou à qualquer forma de captura ou enclausuramento.

Hoje, precisei esticar, alinhar e capturar mais uma vez a escrita da pesquisa. O texto teve que sofrer uma série de mudanças para que pudesse entrar nos moldes de formatação bibliográfica acadêmica. Sua composição inicial era em platôs soltos, não tinha uma ordem progressiva de leitura e nem paginação sequencial, cada platô iniciava e terminava em si mesmo. Deste modo, o leitor poderia adentrar a leitura da dissertação por qualquer ponto do trabalho.

Há também um audiolivro narrando, em outra linguagem, as crônicas produzidas no decorrer de cada encontro. O mesmo segue gravado em um CD-ROM². Abaixo, há uma nota com o link do audiolivro. Havia ainda alguns detalhes estéticos como: clipes de papel para prender as fotografias, papel vegetal com os bilhetes e cartas datilografados em tinta que sobrepunham e formavam um linda composição com o texto impresso. Enfim, são detalhes dos quais tive que abrir mão ao transpor todo o trabalho para o formato atual.

Hoje, finalizando este diário e esta formatação, lembro-me de uma fala de Nise da Silveira durante a última cena de um documentário³ em sua homenagem. Em que diz, que “há dez mil modos de viver uma vida”. Embora tenha assistido ao filme, faz pouco tempo, percebo que Regina Célia, Eli, Joaquim, Sandra, Amélia e tantas outras pessoas que não veem (apenas) com os olhos, com as quais me encontrei nesta pesquisa, percebi com elas que há muitos modos de viver uma vida, de produzir os espaços vividos, de reinventar a cidade. Aprendi com elas, também, que há dez mil modos de narrar uma pesquisa. Aliás, este é o exercício que me proponho ao produzir esta dissertação. Narrar, e narrar, e narrar, e... Sempre de um jeito novo... sempre uma história nova... poderia dizer até, sempre uma pesquisa nova...

Segue então, a pesquisa *Encontrar(se), (não)ver(se), diferir(se): platôs para pensar a educação de pessoas que não veem (apenas) com os olhos* contada agora de um outro jeito. Não o melhor ou o pior, mas, outro.

Diário de pesquisa
Em 12 de março de 2017
Leidiane Macambira

² Link do audiolivro: <https://drive.google.com/drive/folders/OB68lM8uiTEQxVXFIMDFCbDRVUEE>

³ Nise: O Coração da Loucura.

Um modo outro de produzir e expressar a pesquisa em educação

pla-tô (francês *plateau*)

Exercitar na própria estética deste texto a composição de um platô/ O que seriam platôs?/ O significado... substantivo masculino. Palco de um teatro. *Planalto*⁴/ "Plateaus are sculpted by geologic forces"⁵/ Planície, superfície, plano de superfície/ Deslocando-me na pergunta. O que tem na palavra "platô"?/ Tem muitos planos/ Diferentes intensidades/ Planícies esculpidas pela intensidade da experiência/ Planície sensível/ Deixa-se tocar/ Deixa-se friccionar/ Deixa-se rasgar/ A pele da pesquisa/ Dizer de platô requer dizer também de conhecimento/ O conhecimento moderno/ Estrondoso/ Arboreamente estrondoso. / *Uma grande árvore, cujas extensas raízes devem estar fincadas em solo firme (as premissas verdadeiras), com um tronco sólido que se ramifica em galhos*⁶/ Sua estrutura é alimentada por suas raízes/ Os galhos, disciplinas específicas/ especializações/ não [guardam] entre si outras ligações que não sejam o tronco comum⁷/ O tronco comum, a totalidade do conhecimento⁸ – a Filosofia/ Os galhos, por sua vez, relacionam-se apenas com o tronco/ Pode o pensamento, o conhecimento dar-se de um modo tão linear e hierarquizado assim?/ Por que insistir sempre na tola tentativa de identificar a raiz do saber de determinada ação em nosso cotidiano?/ Onde fica a multiplicidade de nossas questões?/ Platôs, escrita rizomática/ Rizomas/ Conhecimento transversal/ Caótico/ Que pulsa/ Subversão da ordem paradigmática arborescente/ Vegetação expandida com múltiplas raízes/ Não há um ponto central/ Mas pontos abertos que podem se interligar a outros pontos/ Que se encontram com outros pontos/ Suas conexões não são horizontais e nem verticais/ Transversais/ A entrada é possível de ser feita por qualquer ponto/ A leitura-escrita, neste sentido, não se preocupa em formular conceitos como verdades, mas almeja a produção de sentidos... e sentidos... e sentidos.../ Uma *pesquisaescritaleitura* que nos force a pensar sobre o nosso próprio pensamento/ Uma leitura que nos provoque sentidos outros⁹ que nos exija inventar outras línguas para conversar/ Uma *pesquisaescrita* em platôs/ No plano da superfície.../ Planos de experiências/ A pele da pesquisa... sentida, friccionada, rasgada, reinventada/ Estar disponível ao que passa para que atravesse e nos arpie a pele¹⁰/ Poderíamos nos ater a uma produção ainda no plano da superfície?/ Uma produção que não está preocupada em construir conceitos como verdades universais? / Trabalhar na provisoriade.../ Pois tudo é provisório... *tudo é por enquanto*¹¹/

⁴ In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/plat%C3%B4> [consultado em 7/7/2015].

⁵ In *National Geographic*. Disponível em: <http://science.nationalgeographic.com/science/earth/surface-of-the-earth/plateaus-article/>. Acessado em 7/7/2015.

⁶ GALLO, Silvio. *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 73.

⁷ *Ibidem*, p. 73

⁸ *Ibidem*, p. 73

⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

¹⁰ LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

¹¹ LISPECTOR, Clarice (Curadoria de Roberto Corrêa dos Santos). *As palavras*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. p. 31.

1-...COMPOSIÇÕES EM PLATÔS EM UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO... EM QUE LÍNGUA DIZER DOS AFETOS QUE NOS ATRAVESSARAM?

De certo modo, será necessário voltar a pensar numa linguagem habitada por dentro e não apenas revestida por fora. Como a pele, a linguagem também toma forma de batimento cardíaco ou de uma agitação do respirar ou de um estranho e persistente movimento. (SKLIAR, 2014, p. 20)

Perguntar-se pela linguagem necessária para narrar as experiências padecidas durante todo esse tempo ao produzir encontros entre pessoas que não veem (apenas) com os olhos me remete a pensar em pele. Não em seu sentido de dar contorno e revestimento ao que está dentro. Mas, sim, porque a pele sente, tem os poros abertos para viver o que lhe vier.

Pensar a escrita desta pesquisa não foi, portanto, uma mera escolha técnica, ou a ingênua procura por uma linguagem que revestisse (descrevesse) o que fora vivido. Narrar a experiência (LARROSA, 2014) nos força a extravasar as fronteiras das linguagens que já habitamos, a fim de fazer proliferar dizeres outros que façam falar o corpo. *“El cuerpo es el lugar donde se inscribe cada historia singular, el lugar donde sentimientos y pensamiento se manifiestan, en latidos, en palabras, en imágenes, en nudos que oprimen o en brisa que orea el alma” (PEREZ DE LARA; CONTRERAS. 2010, p. 31).*

Um *textocorpo* atravessado por corpos. Corpos em transpiração... corpos em palavras, corpos em imagens, corpos em sonoridade... Corpos encorpados, corpos (des)encorpados... *O corpo se transforma em marca e deixa sua marca (SKLIAR, 2012, p. 52).* Qual corpo se transforma? Não sabemos, as ramificações se alastram constantemente. Não há o Uno, mas multiplicidades (DELEUZE; GUATTARI, 2011). E estas multiplicidades nos requerem ensaiar outros modos de narrar. Ou seja, *na experiência sempre existe algo de “não sei o que dizer”, por isso não pode ser elaborada na linguagem disponível (LARROSA, 2014, p. 69).*

Já basta de falar (ou de escrever) em nome da realidade, em nome da prática (...) como expert, especialistas, críticos, porta-vozes (Idem, p. 70). O movimentar vivo deste corpo (outro) nos exige perguntar-se pelo que já sabemos escrever, pelo que já sabemos ler, pelo que já sabemos ver. As palavras por si não dão conta das tensões presentes em cada encontro.

Não sei o que dizer dos afetos *transitantes* nesta pesquisa... Não sei o que dizer quando me senti invisível a andar pelos corredores do Instituto Benjamin Constant... Não sei o que dizer ante cada encontro desconstruído... Não sei o que dizer...

Como tornar em palavras o que não sabemos, já que somos o tempo todo impulsionados a escrever o demasiado conhecido? Como trazer para as palavras todas estas intensidades sem cair na mera descrição? Como não enrijecer e tornar opaca e sem aberturas a pele deste corpo-texto? Como transformá-las em um texto dissertativo acadêmico?

Talvez, sua forma material mantenha-se em formato de texto linear escrito em fonte *Times New Roman*, com espaçamento de 1,5, margens de 3cm, e umas e outras transgressões de escrita e imagens. Nada muito fora do contexto acadêmico, já que se faz necessário passar pelo crivo da publicação. Entretanto, todos estes deslocamentos tornaram possível o exercício de pensar e discutir a escrita acadêmica como um dispositivo possível de ser atravessado por linhas não tão duras, linhas compostas por afetos. Ainda que sobre uma folha de ofício lisa e fria.

Por isso, proponho-me neste trabalho o passear por tentativas de dizer o que não sei dizer em palavras. Tentativas passadas pelos sons, pelas imagens, texturas, palavras em crônicas, platôs, silêncios... E neste tentar dizer, questionar o porquê de não ser possível dizer grande parte de nossas experiências em pesquisa. Ou seja, ainda que num suporte textual, faço o exercício de me perguntar pelas linguagens validadas pela academia e das quais fazemos uso constante.

Escolho, estética e politicamente, por apostar em uma escrita outra! Que não apenas descreva friamente um fato, mas que *provoque mundos outros* (LINHARES, 2015). Inventando realidades outras... *Escrita que se converte, ela mesma, em um exercício afásico e rizomático, em um encontro intempestivo, um acontecimento disparador de efeitos múltiplos* (CLARETO; VEIGA, 2016, p. 36).

Inventa-se escrever como experiência em transformação da própria escrita. Inventam-se exercícios de dar língua aos movimentos invisíveis dos afetos que vazam dos corpos-escritas em movimento. Inventam-se exercícios para fazer vibrar a escrita acadêmica rente ao campo intensivo da pesquisa em educação. (IDEM, 2016, p. 36)

Talvez a linguagem com que vimos nos constituindo enquanto pesquisadores esteja vazia de gente. E com ela nos formamos e criamos uma série de medidas prescritivas

acreditando ser o antídoto para todos os males da educação. Uma língua pesada, enfadonha, arrogante e excludente. Não há vida, porque nela não há lugar para estas coisas “efêmeras” do dia a dia. *Essa linguagem nos parece vazia e está se tornando impronunciável para nós* (LARROSA, 2014, p. 63). Há uma sensação de mudez ante cada acontecimento cotidiano, pois tudo que se necessita dizer não se encaixa no que já sabemos dizer.

Faz-se necessário inventar linguagens outras que não aniquilem os modos hegemônicos de escrita, mas que ainda dentro deste denso mar que parece nos afogar, aprender a respirar, absorvendo as moléculas de oxigênio, a fim de sobreviver (resistir) e seguir compondo escritas outras.

Uma linguagem sobrevivente, talvez, de nosso suposto domínio ou de nossa completa incapacidade para dominá-la. Uma linguagem cuja voz advém e deriva estritamente daquilo que nos acontece. Uma linguagem à flor da pele. Ou uma pele à flor da linguagem. (SKLIAR, 2014, p. 21)

Como registrar, na linguagem verbal escrita, os agenciamentos que vamos compondo no *entre* das relações com as pessoas que se colocaram à disposição para tecer esta dissertação juntos e *entre*? Como tecer as tensões, os toques, os olhares, os sorrisos? Como tecer os sons que guiam nossos percursos? Como?

Não há uma receita pronta para ser aplicada a fim de acalmar minhas inquietações, afinal, esta preocupação não é somente minha e muito menos inédita. O possível de ser feito é ir compondo com o que se apresenta. Ir narrando os acontecimentos na medida em que nos chegam. Se é que isso é possível. Aproveitando todos os recursos que possamos inventar. Fazendo da arte, da literatura e da poesia material para se inspirar, conversar e respirar. Ao final, não há garantia de que sairá um texto que passe por todas as *barreiras alfandegárias* (RIBETTO, 2009). Entretanto, teremos um texto possível, uma escrita possível de encontros possíveis.

Não há aqui um discurso simplório e pessimista de algo que não dera certo. Mas, sim, uma fala que assume riscos e responsabilidades por apostar num *texto-rizoma que não se quer linear, um texto que não começa e não termina, mas se movimenta no “entre”*. *Movimenta porque incomoda, tira do lugar habitual da escrita acadêmica comumente aceita e re-feita* (CLARETO; VEIGA, 2016, p. 36).

1.1 - A produção de um audiolivro...

Conversando com a banca de qualificação sobre como devolver o trabalho finalizado para o Instituto Benjamin Constant, foi-me sugerido que fizesse um audiolivro, gravado com minha voz, para que as pessoas pudessem ouvir o texto sem precisar de sintetizadores de voz, aquelas vozes mecânicas que são usadas para ler textos em tinta.

Com muita satisfação, comecei o trabalho de produção de outro texto. Realmente era outro texto, pensei que fosse um trabalho fácil, que fosse necessário apenas a gravação da leitura e por fim a edição da voz. Mas não foi como pensado.

Ao começar a gravação, fui percebendo que havia jogos de palavras que não soavam bem no suporte narrativo. O jogo de palavras e reticências com que gosto de trabalhar não aparecia sinalizado durante a leitura. Outra questão foram as citações, pois o recuo que usamos para nos antecipar ante a intervenção do texto de outro autor não aparecia impresso na minha voz. De modo que, na leitura em voz alta, quando entravam as citações, ficava deslocado, a sonoridade truncava. Não conseguia identificar, através da voz, o início e o fim de um texto citado. Resumidamente, ficou muito ruim. O texto que escrevera não servia para ser falado.

Tão logo fui percebendo que o suporte verbal escrito era extremamente visual, não somente contamos com a leitura das palavras, contamos também com a imagem que o sequenciamento de palavras e linhas produzem. No caso de citações, por exemplo, conseguimos identificá-las porque vêm em recuo ou em itálico, são recursos visuais. A inserção das cartas, bilhetes, trechos de diários são visuais, elas interrompem bruscamente os parágrafos e frases, e só conseguimos perceber essas nuances quando nos antecipamos visualmente.

Como produzir o audiolivro? Torna-se, então, necessário problematizar não somente a experiência de padecer esta pesquisa, mas também de padecer sua escrita.

Comecei então a fazer um outro texto. Tive que o reduzir ao máximo, já que o tempo da gravação não poderia ser tão extenso. As citações... foram repensadas, reduzidas, reescritas... Foi um outro trabalho. Precisei desenvolver um texto com mais recursos da oralidade do que da escrita.

Ainda escrevemos apenas para pessoas que veem com os olhos, que andam com as pernas, que ouvem através dos ouvidos, que são héteros e brancos. Escrevemos. Primeira pessoa do plural, na qual incluo todos nós enquanto instituição escolar moderna.

E agora? Uma dissertação que trata da visão, do não ver (apenas) com os olhos apresentando-se extremamente visual. Há muito que se fazer! Há muito que se pensar! Há muito da sociedade visuocêntrica em mim! Faço parte dela e a mantenho.

1.2 - Entretanto...

Inscrita com marcas de muitas línguas forjadas neste entremeio, tenho me encontrado com eles. E destes encontros produzimos afetos e efeitos, os quais tento registrar nos platôs – planos de experiências – com múltiplas intensidades e naturezas... Em muitas outras linguagens...

Talvez, produzir uma pesquisa-dissertação que aposte numa composição em platôs seja um modo de resistência e (re)existência (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Resistir e (re)existir como ato estético e político afirmativo de outros modos de viver e de pesquisar. Longe de negligenciar as linhas duras que esta expedição demanda, mas, sobretudo, nessas linhas afirmar outros modos de compor uma pesquisa. Como aposta *ética-estética-política* possível.

Compor em platôs...

Compor em planos de superfície... planos de experiência...

Compor como numa fotografia...

Eternizar num papel fotográfico o acontecimento, que não se resume em cristalizar uma imagem representativa do movimento, mas compor na fotografia, através da escolha do foco, do ângulo, da lente, do momento do clique, aquela imagem que possa compor com quem a vê uma história, um pensamento. Portanto, uma pesquisa em plano aberto...

A família se reunira para posar para uma fotografia. Alinharam todos no quintal, o avô era o único sentado, bem no meio de todos. O velho Mariano, alegre, ditava ordens, distribuía uns e outros pelos devidos lugares, corrigia sorrisos, arrumava alturas e idades. Dispararam-se as máquinas deflagrando os *flashes*. Depois, todos risonhos se recompuseram e se dispersaram. Todos, menos o velho Mariano. Ele

ficara, sentado, sorrindo. Chamaram-no. Nada. Ele permanecia como que congelado, o mesmo sorriso no rosto fixo. Quando o foram buscar notaram que não respirava. O seu coração se suspendera em definitivo retrato. (COUTO, 2003, p. 57 apud WUNDER, 2011)

O estado de morte/vida de seu Mariano dá-se no justo momento do clique de uma fotografia (WUNDER, 2011, p. 157). O velho estava lá... nem morto, nem vivo... Suspensão... Suspender talvez seja um modo outro de fugir do ponto final.

Suspender... deixar no ar!

Provocar fissuras... Manter as lacunas...

Fazer voar...

Dá abertura para outras composições...

Esta pesquisa é como o estado de morte/vida do velho Mariano. Nem morto, nem vivo! Em morte-vida... entre...

Por isso, a escolha, ou talvez aceitação, por escrever-compor-experimentar a pesquisa em forma de platôs. Escritas em fragmentos, como as imagens – um fragmento da cena –, fragmentos estes como ângulos e focos escolhidos pela *pesquisadora-fotógrafa-amadora* para compor com outros imagens outras – visuais e não visuais –, um pensamento, uma dissertação.

Os platôs não têm uma liga literal ou predeterminada para serem lidos. Como um álbum de fotografias não sequencial e atemporal monto esta composição. De modo que cada platô poderá ser lido sem obedecer a uma ordem preestabelecida. *Dar a ler, (...) sem dar ao mesmo tempo o que dizem as palavras* (LARROSA, 2004, p. 20). Podendo adentrar a leitura por qualquer lugar e fazer com ela quaisquer conexões.

Os platôs foram construídos ao longo dos encontros com pessoas que não veem (apenas) com os olhos; encontros acontecidos em muitos lugares e em diversos tempos. Dentre os muitos pontos de encontro está o Instituto Benjamin Constant localizado na cidade de Rio de Janeiro. Nos encontros, conversamos sobre nossas experiências (LARROSA, 2014) e percursos de vida neste mundo saturado de profusões visuais. E nos perguntamos como, ao vivermos nele, inventamos outros mundos possíveis, como efeito de resistência e (re)existência?

Portanto, em cada encontro não estava preocupada em explicar o que seriam imagens visuais e não visuais... Não nos importávamos com significados, mas sim em experimentarmos tais conceitos... Tais palavras-conceito, como imagens visuais e não visuais, percorriam virtualmente nossas conversas. Não surgiram desde mim, pela minha paixão por fotografias... Nem surgiram deles pelas suas experiências (in)visíveis... Estes conceitos movimentavam-se entre nossas questões... Foram sendo inventados no entre dos nossos encontros... Operávamos com o conceito sem conhecê-lo *a priori*.

Para esta composição aqui apresentada em formato de texto dissertativo lancei mão de muitos materiais inventados ao longo destes encontros: leituras, diários de pesquisa, fotografias, cartas, bilhetes, fotocartografias, poesias, paisagens sonoras, sensações, cheiros, sabores... Alguns deles não se permitiram a visibilização nestas linhas, talvez estejam em suas fissuras... Enfim, os platôs agrupados nesta dissertação, como num rizoma, são compostos por anéis quebrados (DELEUZE; GUATTARI, 2011) que podem ser conectados de maneiras múltiplas.

Neste sentido, os parágrafos a seguir não se constituem num sumário indicando uma ordem de leitura e entrada no texto. Meu desejo com estes pequenos parágrafos seguintes é dar a ver, ainda que em passos acelerados, as composições possíveis no decorrer desta cartografia.

No platô **“Implicando-(se) na pesquisa... Tornando-(me) pesquisadora (entre)...”**, conto, entre ficções e memórias, meu processo formativo enquanto pesquisadora que transita por caminhos forjados na vida. Uma vida que se inventa na medida em que é contada. E, em um gesto de abertura a um novo encontro, escrevo cartas endereçadas a uma querida amiga. *A carta faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige* (FOUCAULT, 1992, p. 7). Proporciona um face a face com quem lê. Deste modo, a experiência de leitura alcança uma dimensão muito mais singular que a simples leitura de fatos esboçados. Perde-se o rosto e torna-se outro com quem se encontra.

Em **“Desconstruindo o conceito de campo de pesquisa! Esgarçando suas fronteiras e compondo (outros) Institutos Benjamin Constant”**, busco dar a ver o processo histórico – e não apenas historiográfico – de criação do IBC através de outros meios como relatos e imagens visuais e não visuais.

Ensaio alguns problemas de pesquisa surgidos no decorrer de minha entrada no Instituto Benjamin Constant. Dentre eles, a desconstrução do próprio conceito de *campo de pesquisa*. O que seria o campo de uma pesquisa que se faz em meio a múltiplos encontros? Haveria um lugar físico que possamos chamar de “campo de pesquisa”?

Somos estrangeiros em terras desconhecidas... Habitamos um lugar ainda por vir... que está no entre... em um plano de experiências que se mantém vivo pelo fluxo constante de agenciamentos no presente. Um terreno flutuante que se reconfigura a cada presente, a cada encontro.

Em “**Ver (se) Ver (nos) ¿Qué cosa es mirar?**”, ensaio sentidos outros para o ver, o não ver, o cegar e o não ver (apenas) com os olhos. Neste ensaio conto com questões surgidas nos encontros com os interlocutores desta pesquisa: Carlos Castañeda, Don Juan, Saramago, Skliar etc., colegas da orientação coletiva e os dos encontros acontecidos no Instituto Benjamin Constant.

No platô “**Crônicas de encontros possíveis entre pessoas que não veem (apenas) com os olhos**”, busco dar a ver, através de crônicas, conversas entre pessoas que não veem (apenas) com os olhos, as questões e os estranhamentos surgidos durante cada encontro. Além das crônicas, puxei para esta trama outras linhas materializadas em trechos de diários de pesquisa, fotografias e paisagens sonoras, cartas e bilhetes que dão corpo aos fazeres nestes encontros.

Além de toda a produção escrita em tinta, há também uma versão digital para que se possa ter acesso à leitura através de aparelhos sintetizadores de voz e leitores de tela. Há ainda um outro trabalho que se vincula a esta dissertação: o audiolivro “*Crônicas de encontros possíveis entre pessoas que não veem (apenas) com os olhos*”. Uma produção outra a partir das crônicas produzidas no decorrer desta pesquisa. Esta produção não se trata, portanto, de uma transcrição direta do texto verbal escrito para a narrativa falada, há aí uma diferença de linguagem que nos colocou a produzir uma outra coisa, com uma outra pegada, um outro ritmo. Muitas das experiências de gravação deste audiolivro puderam ser narradas neste platô, a fim de acalantar a discussão das linguagens e do suporte que usamos na academia para produzir nossas pesquisas.

a cada movimento...

outras questões...

outro foco...

outros desejos...

outros objetivos...

há que se desmanchar...

rizomar-se...

(Diário de pesquisa,

7 de outubro de 2015)

2- IMPLICANDO-(SE) NA PESQUISA... TORNANDO-(ME) PESQUISADORA (ENTRE)...

A gente se inventava de caminhos com as novas palavras.
(BARROS, 2013, p. 430)
Invento para me conhecer.
(Idem, p. 425)

...

Este platô é a narrativa de uma vida que se inventa na medida em que é contada. *Trata-se de um corpo impessoal que não se atém apenas ao vivido, porque acredita que uma vida é feita de espaços vazios, de lacunas a serem preenchidas por ficções* (MACHADO; ALMEIDA, 2016, p. 81).

Invento para me conhecer... (BARROS, 2013, p. 430).

Com novas palavras, compostas e em decomposição, balbuciadas e gaguejadas, narra-se uma vida que não foi nem pretérito e nem porvir. Uma vida que se faz no tempo do acontecimento, no aqui e agora. Começa-se então por onde? Em que momento poderia dizer que foi o ponto inicial desta história? Há uma folha em branco?

Talvez, sua inscrição se dê num papel já usado! Cheio de palavras apagadas, raspadas, levemente marcadas, ainda aparentes... Um palimpsesto! Um pergaminho antigo usado para escrever, reescrever, inscrever, escrita sobre escrita, marcas sobre marcas... o novo sobre o velho... O novo misturado ao velho, conectado ao velho...

Começarei a partir de uma pergunta.

O que me move?

Livre de querer respondê-la, propus-me ao exercício de pensar com ela. Logo, pensar o que me move demanda pensar meu processo formativo, pensar minha vida, que para mim não iniciou desde a data de nascimento, iniciou pelo meio. Não tenho lembranças de quando nasci, mas tenho vagas lembranças de quando ainda era bebê e lembranças de quando já era uma criança mais crescida... Talvez, a vida seja começada pelo meio mesmo. A data de nascimento? Só para os outros! Para os que me chamam pelo meu nome (dado pelos outros)... sabem meu endereço... meu telefone. Mas para mim a vida começou pelo meio. E pelo meio venho andando... E dessas andanças, dessas implicações *entre* vida, formação e pesquisa, que tratarei neste platô, que como tal não poderia, senão, andar pelo meio.

Vou andando e escrevendo...

Pesquisando e contando...

Contando o que me move... Os meus desejos, meus medos... Meus sonhos...
Minhas frustrações... Minhas curiosidades...

Para esta expedição, o menor número de bagagens é fundamental! As malas de certezas e dos *a priori* estavam com peso excessivo. Portanto, era necessário me desfazer delas para continuar caminhando.

Seria possível sair plenamente do campo da certeza? Não sei... Movimento que me faz reviver a experiência de leitura de *A moça tecelã* de Marina Colasanti (2004). Uma tecelã que tornava real tudo o que tecia e, na medida em que não o quisesse mais, punha-se a destecer... Destecer para desfazer... Uma quimera eu pensar na possibilidade de ser como a moça tecelã.

Tecer e destecer (para desfazer) as certezas, as tentativas, os sonhos, a pesquisa... (como se esse movimento fosse apenas uma opção entre uma coisa ou a outra) Destecer para depois tecer novamente (novos encontros, novos sonhos, nova pesquisa)... Entretanto, desde as minhas experiências de *crocheteira*, os fios destecidos ainda guardam em suas dobras as marcas das tramas desfeitas. Há uma negociação intensa entre a permanência teimosa das tramas velhas ante a construção de novas tramas, também teimosas. E *sobre-com* estas marcas tecemos outras tramas... outros modos de ver... outros modos de ser na pesquisa... outros modos de estar sendo na vida...

Então, talvez, o movimento possível seja juntar toda esta linha marcada pela trama destecida e ir tecendo outra trama, que já não é mais nova, e sim o que há entre o velho e o novo: a mistura... o entre. E mais uma vez continuamos pelo meio... Sem a pretensão de ser uma coisa ou outra... Mas ir sendo o que for possível... Pesquisando o que for possível... Desejando o que for (in)possível...

Agora não quero saber mais nada, só aperfeiçoar o que não sei (BARROS, 2008, p. 139). *Aperfeiçoar o não saber... Permitir-se parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar* (LARROSA, 2002, p. 24).

Tratar as questões que me atravessam quase que num movimento artesanal, em que o artesão se debruça sobre o que está fazendo, dedica-se aos detalhes, permite-se perceber as dobras feitas pelas tramas desfeitas. Inclina-se tão perto da obra a ponto de perder-se nela. De não saber mais onde termina ele e onde começa ela. (Será que termina e começa?) De forma que seja imprescindível *suspender o automatismo da ação*, [para então] *cultivar a atenção e a delicadeza* (LARROSA, 2002, p. 24) que as tramas exigem.

Como ato de atenção e delicadeza que estas tramas exigem, escolhi contar meu percurso de vida e o modo como me aproximei ao desejo de pesquisa através de cartas... endereçadas a uma querida amiga (uma... várias!). Pois,

Escrever é (...) “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que se recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face a face. (FOUCAULT, 1992, p. 8)

Assim, proporcionar um face a face e dar a ver modos (outros) de narrar as experiências, de apresentar a pesquisa, de afirmar sua presença... *Uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros. A carta faz o escritor “presente” aquele a quem a dirige* (FOUCAULT, 1992, p. 7).

Esta escolha – escrever também por cartas – foi um escape encontrado, um modo outro de *tomar a palavra em sua força de criação de outros sentidos* (PASSOS; BARROS, 2014, p. 156). Somente uma questão estética? Política? Talvez, uma outra política de narratividade, e

Nesse sentido podemos pensar a política da narratividade como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político. (PASSOS; BARROS, 2014, p. 151)

Por conseguinte, reafirmar a dimensão implicativa da pesquisadora com o que pesquisa é uma questão política! Não há separação... neutralidade... higienização... objetividade... O que temos numa pesquisa que aposte em cartografar processos é produção de subjetividade... invenção... agenciamento... implicação... E para isso precisamos de outras formas de narrar... outros meios que suportem outras línguas inventadas dentro da própria língua.

Tentarei, nas cartas a seguir, contar minhas andanças pela vida, minha trajetória de formação, formação humana. Narrar-me na travessia...

São Gonçalo, 29 de maio de 2015.

Cara amiga,

Muito feliz com a ideia de lhe fazer esta carta, estou aqui, mais uma vez sentada no meu sofá, escrevendo e revivendo minha lembrança de ser criança, estudante de escola pública num bairro da periferia de São Gonçalo. Não quero ser sensacionalista, perdoe-me se em algum momento parecer, mas acho potente marcar isso, visto que também sou fruto de um movimento de abertura das universidades públicas para as classes populares. E isso não poderia deixar passar despercebido, ante os movimentos políticos que vimos atravessando.

Agradeço-lhe por esta oportunidade do exercício de relembrar meu processo formativo. Confesso que já o fiz em outros momentos. Entretanto, fazê-lo mais uma vez não se constituiu num ato mecânico, mas fez-me reviver minha vida de criança, de gente “miúda” que faz as “coisinhas pequenas” dessa vida.

Trato de “miudez” e “pequenez” não para pormenorizar politicamente as ações de pessoas que geralmente não são protagonistas nas grandes histórias oficiais, mas para marcar sua potência. A mesma potência vista nas coisinhas do chão – como diz o poeta Manoel de Barros – encontradas pelo artista Gabriel dos Santos¹², quando dos materiais de refugo constrói arte, a qual hoje é considerada patrimônio artístico de São Pedro da Aldeia (Rio de Janeiro).

Como as coisinhas daquele chão tiveram tanta repercussão? Como os cacos de xícaras quebradas, e os tantos outros restos de vidro e porcelana jogados fora puderam tornar-se arte? Como as astúcias desse artista ressoaram em coisas tão potentes? Responder-lhe isso eu não poderia. Fiz-lhe esta pergunta apenas para agregar mais pessoas a perguntar comigo.

Então, tentarei, nesta carta, e em breves palavras, contar-lhe minhas andanças pela vida, pela formação, como venho sendo professora, pesquisadora, mulher, mãe, caminhante... Narrar-me nesta travessia.

Enfim...

Cresci numa época, política e economicamente, muito difícil, não difícil para todas as pessoas do meu país, pois algumas, nesta mesma época, estavam enriquecendo desenfreadamente, enquanto eu e as outras pessoas da minha comunidade estávamos vivendo

¹² Maiores informações disponíveis em: http://visitesaopedrodaaldeia.com.br/735_casa-da-flor

e sobrevivendo à vida pobre. Época essa em que os pais tinham que chorar, literalmente, para a diretora abrir uma vaga na escola (o que não mudou muito nos dias de hoje, né?!).

Lembro-me de que em toda minha infância vivenciei a tensão do desemprego, ora pela minha mãe, ora pelo meu pai, ora pelos dois juntos, os quais encontravam escape no que tão somente mais tarde (já na universidade) soube ter o nome de subemprego. Enfim, toda minha infância fora alimentada – ou mal alimentada – por estes subempregos. Esta subvida em que acordava todas as manhãs e que reforçava com um ralo café com leite e pão sem manteiga, e, também, as estimulantes palavras da minha mãe: “Acorda para ir pra escola! Vai aprender para ser gente e não sofrer como eu e seu pai sofreros”. Esta frase era quase que uma ladainha na minha vida. Perseguia incessantemente o que a escola poderia me oferecer para ser “alguém na vida”. Buscava os conhecimentos... os “saberes sérios”... os quais acreditava que me levariam a algum lugar.

No desespero de ser alguém que ainda não era, esqueci-me de desfrutar de todas as potencialidades daquele espaço. Esqueci-me de ser simplesmente criança. De experimentar com mais ênfase a arte, o brincar, o bagunçar...

Muito embora também tenha tido meus momentos de infância. Lacunas que encontrava para respirar, e nelas poder brincar, jogar, paquerar... Mas confesso que poderia ter feito mais se não tivesse martelando em mim o medo de fazer bagunça... de ficar com fama de malcriada... De talvez não passar de ano... de talvez não conseguir ser a “gente” que tanto minha mãe almejava para mim.

O contato com a literatura, com a arte e o hábito da própria leitura aconteceram muito tardiamente. Não via meus pais lendo o jornal pela manhã, ou talvez um livro de literatura. Minhas poucas experiências aconteceram na escola ou com alguns livros que achava no lixo. Entretanto, sabia – pelas palavras da minha mãe – que aquela era uma das únicas saídas. Precisava estudar para ser “alguém na vida”.

Enfim, cresci estudando em escolas públicas até o primeiro ano do ensino médio. Após isso, pela necessidade do trabalho, comecei um curso supletivo em que poderia cumprir um ano letivo em apenas seis meses. Foi a única saída encontrada para seguir estudando em meio ao novo modo de ser jovem-adulta, de ter que ganhar o próprio dinheiro.

Concluí o curso supletivo e, uns três anos depois, passei no vestibular para Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores. Ser professora era o que eu queria ser.

Meu olhar em relação ao curso ainda carregava a advertência da minha mãe. Depositava sobre a universidade uma responsabilidade que era minha. Acreditava que, se eu

frequentasse todas as aulas, se lesse os textos, me tornaria uma pessoa diferente, letrada, uma pessoa que venceu na vida!

No passar dos períodos fui percebendo que o desejo de ser transvestida num ser acabado, letrado, formado pela academia, não acontecia... Vi a necessidade de colocar-me como sujeito do meu próprio processo formativo. E que me formar professora não era apenas a apreensão técnica de teorias e metodologias de ensino no curso de Pedagogia, mas eram todas as experiências (LARROSA, 2002) que atravessavam minha vida, da qual era sujeito reflexivo – autora e padecedora do que me acontecia. Foi quando eu comecei a procurar por outros espaços possíveis de andar.

Nestas andanças conheci o Napes-SG (Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado – São Gonçalo), que foi um dos precursores para o que hoje considero ser uma das minhas paixões: o campo de estudos da Educação Especial. Neste núcleo, que oferecia formação continuada aos professores da rede e à comunidade, participava de encontros para falar sobre surdez, cegueira, baixa visão, deficiência intelectual, TDAH, transtorno do espectro autista etc...

Comecei a andar também pela poesia... ler poesias, atentar-me para obras artísticas espalhadas pela cidade, ouvir músicas que não estava habituada a ouvir... Assistir a filmes que não costumava assistir... Tentei deslocar-me do lugar de tranquilidade e passividade através desses dispositivos. “Eu queria mesmo desver o mundo” (BARROS, 2013, p. 421).

Desver como o destecer... Não o destecer da moça tecelã... Mas o destecer da lã que guarda as marcas das tramas ali tecidas. Desver o mundo... Para ver um mundo outro... Não um mundo novo... Mas com olhares outros... Ao modo de não sermos mais nós mesmos (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 17). Um mundo possível de ser de modos outros...

O mundo destecido-tecido...

A experiência...

O entre da vida que segue, e não para, e não espera...

Neste mundo outro que construía, andei, como bolsista de iniciação científica, pelo projeto de pesquisa “Diferenças e alteridades na educação: saberes, práticas e experiências (inclusivas) na rede pública de ensino em São Gonçalo”, coordenado pela Prof^a Anelice Ribetto. Neste projeto pesquisávamos como as novas políticas de Educação Inclusiva se materializavam no cotidiano escolar. Para além de uma mera comparação plebiscitária que aponta ao “cumpre-se” ou “não se cumpre” a lei. Nosso desejo era, a partir do

mergulho no cotidiano, ver as tensões provocadas pelos modos de materialização dessas políticas.

Neste movimento, meu olhar acerca da vida foi mudando. O que desde pequena via como certo/errado, ser gente/não ser gente, crescer/não crescer, começou a tomar tons mais mesclados. Conseguia ver na grande massa verde, que acreditava ser a copa da árvore, seus galhos, suas folhas, as ranhuras das folhas etc. Comecei a perceber um “entre” em meio a todas estas dicotomias.

*E neste turbilhão de implicações provocadas em minha vida, assisti a um documentário que veio diretamente ao encontro das minhas inquietações. O filme *Janela da Alma*, de João Jardim e Walter Carvalho. Um filme que problematiza os diferentes modos de olhar: pessoas que achavam que viam “normalmente”, mas que ao colocar os óculos perceberam um mundo diferente... Outras que preferiam ter a visão enquadrada dos óculos... Outras que eram estrábicas e se orgulhavam, pois tinham uma “supervisão” e conseguiam ver muitas coisas ao mesmo tempo... Outras que eram cegas, que “não conseguiam ver” as imagens, mas que as produziam por meio de fotografias...*

Enfim, abriu-se mais uma vez diante de mim um mundo outro. Um mundo de possibilidades outras de ser e habitar nele. Daí, uma nova paixão disparava. A paixão pela cegueira, por visualidades, pelo ver. “Eu bem sabia que a nossa visão é um ato poético do olhar” (BARROS, 2013, p. 428).

A visão como poesia do olhar. A poesia que não se encontra no olho. Porque o ver transcende ao funcionamento do órgão ocular, este é apenas um dos instrumentos que usamos para ver. E quem não conta com este órgão para viver? Poderia ver? Teria um déficit na visão? Seria um deficiente visual?

Com Skliar (1997) comecei a perguntar-me e a estranhar o que considerava e naturalizava ser normal. Por que o mundo se construiu numa dinâmica tão visual? Por que acreditamos que pessoas que não adentram este mundo pelos olhos são prejudicadas e consideradas com deficiência? Seriam mesmo? E que por isso devemos pensar modos (artefatos inclusivos) para igualá-las aos que consideramos sujeitos “videntes”? Por que a “modernidade determinou o sentido da visão como o único capaz de, com precisão, observar, compreender e explicar a realidade” [?] (OLIVEIRA, 2008, p. 30). E mais, por que esgotamos a visão apenas ao pleno funcionamento do olho?

Quando, por intermédio do projeto de pesquisa, comecei a frequentar o Instituto Benjamin Constant – uma escola especial que hoje funciona como Centro de Referência para

peessoas cegas, surdocegas e com baixa visão – , estas minhas questões ganharam mais força. A cada visita, um novo estranhamento.

Percebia um mundo em que tais pessoas viviam “bem”. Crianças corriam pelos corredores, escorregavam pelos corrimãos das escadas, matavam aulas, faziam bagunça, praticavam esportes, namoravam etc. E por que pensava que elas não poderiam fazer todas estas coisas?

Não me contendo, desejei andar e construir caminhos outros no campo da cegueira. Fiz o curso de Braille, participei de cursos sobre adaptação de materiais pedagógicos para pessoas cegas e com baixa visão, apresentei trabalhos em eventos relacionados ao tema, ministrei oficinas de produção de material adaptado e livros táteis, multissensoriais etc. Este mergulho conduziu a outras águas, portanto, ainda no mesmo oceano. Pois tratar de questões relacionadas à visão, à cegueira, à visibilidade, à [in]visibilidade me conduz para outros caminhos que se constroem juntos: o da visualidade e, num caso mais singular, o das imagens visuais e não visuais. Pois entendo que “interseccionar cegueira e visualidade é romper com estereótipos e transgredir discursos tidos como indiscutíveis, é subverter as limitações dos sujeitos” (GAI; FERRAZ, 2013, p. 178).

Começo então a perceber que há pessoas que não têm o funcionamento fisiológico do olho e, no entanto, podem ver. Ver-outro... Ver por outros meios... Ver não com os olhos... Ver através de outros sentidos, como cheiro, paladar, lembranças, sons...

Pensando nestas questões, minha amiga, fico me perguntando se nós, pessoas consideradas videntes, enxergamos apenas com os olhos? Quem, ao ver a pessoa amada, enxerga apenas o que o olho consegue projetar em seu cérebro? Vejo as pessoas a partir dos afetos provocados pelo encontro...

Por vezes, ao sentir algum cheiro, me remeto a alguma situação vivida... Vejo minha vida por lembranças e por sonhos. Não vejo apenas com o olho! Seríamos todos pessoas que não veem com os olhos?

Neste frenesi em que me encontrava – pois, quando nos apaixonamos por algo, parece que entramos mesmo em estado de “doidice”, em estado de padecedor da paixão, porque a experiência é sim algo que se padece (LARROSA, 2002) – é que comecei a produzir o trabalho monográfico intitulado por “Ver, enxergar, olhar, ensinar... O processo de

criação de uma pesquisa e uma escrita outra sobre as experiências de professores de alunos que ‘não veem com os olhos’”¹³.

Para além de uma monografia apresentada como requisito de conclusão de curso, foi também um exercício tenso no meu processo formativo. Um ensaio de questões que surgiam à medida que eu mergulhava no campo problemático da pesquisa, no qual buscava conhecer através de conversas (SKLIAR, 2011; LARROSA, 2003) com professores videntes de uma escola da Rede Pública de Ensino em São Gonçalo – O CIEP 237 – as experiências vividas no cotidiano escolar a partir do encontro com alunos que não veem com os olhos.

E agora, como continuidade ao exercício de problematizar estas questões. De desnaturalizar as certezas... de destecer novamente os fios... Proponho-me a continuar pesquisando. Continuar andando e construindo outros caminhos...

Caminhos miúdos... De gente pequena, lá do meu bairro... E que hoje estão aqui, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na Faculdade de Formação de Professores, num Programa de Pós-Graduação em Educação... Gente esta que ainda conta as “coisinhas pequenas” e que as reafirmam como potência...

Cara amiga, agradeço imensamente por ouvir minha história... pela delicadeza de existir em minha vida, para fazer parte dela e fazer-me mais uma vez destecer o fio da trama para tecê-lo novamente, mas agora com a sua presença.

*Atenciosamente,
Leidiane Macambira*

¹³ Disponível em:

<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/2014/LEIDIANE%20DOS%20SANTOS%20AGUIAR%20MACAMBIRA.pdf>. Acessado em: 10/5/2015.

Que perguntas me movem?
Que desejos me põem a pesquisar?¹⁴

¹⁴ Perguntas feitas a mim na primeira reunião de orientação pela professora Anelice Ribetto.

Maricá, 17 de outubro de 2015.

Querida amiga,

Gostaria de lhe contar algo que me aconteceu neste ano e que me trouxe enorme alegria! Passei para o mestrado em educação na FFP¹⁵ !!!! O projeto que enviei tem ressonância com o que já vinha pesquisando na monografia. Ainda persigo esta paixão: pelos sentidos do ver, da cegueira e das imagens.

Entretanto, este desejo inicial começou a ganhar outras formas. A cada encontro com o grupo de orientação coletiva, voltava para casa com mais perguntas... Com elas, fui sendo modificada e tornando outros os meus desejos de pesquisa. Como nos diz Kastrup, Passos e Escóssia, *ele surgirá de modo mais ou menos imprevisível, sem que saibamos bem de onde*. [e o que cabe a nós é] *acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo* (2014, p. 40). Ajustando a lente, o foco, o enquadramento, e neste processo ir compondo a pesquisa.

Quero muito conhecer os diferentes modos de ver de pessoas que não veem (apenas) com os olhos, e seus processos e deslocamentos possíveis neste mundo saturado de profusões visuais, e os efeitos que produzem na composição de outros espaços ao viver-resistir e (re)existir, inventando assim outros mundos possíveis de serem habitados. Quais os caminhos inventados? Suas rotas... suas fugas... Nestes outros mundos, *quais as dimensões do visível?* (COELHO, 2006, p. 12).

O que abarcaria o sentido de ver? O que seria ver?

É certo que narrar experiências nestes mundos outros nos faz pôr em questão os próprios modos de contá-las. Faz-se necessário dizer em outro plano. Cartografar. E neste movimento investigativo fazer ploriferar, também, questões acerca dos múltiplos modos de pesquisar, e concomitantemente, problematizar a linguagem possível de narrar estes acontecimentos.

Diante de todos estes atravessamentos, querida amiga, tive que contornar um caminho possível. Mesmo que este passeio não tenha um destino fixo, é preciso dar o primeiro passo... E aí? Para onde lançar os pés para continuar andando?

¹⁵ Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Curso de Mestrado em Educação pelo PPGEdu (Programa de Pós-graduação: Processos formativos e desigualdades sociais.)

Caminhos possíveis...

Foi quando pensei em forjar encontros como dispositivos para dar a ver nossas experiências (LARROSA, 2014) e nossos percursos de vida desde a entrada no Instituto Benjamin Constant (IBC). E narrar através de conversas, passeios, crônicas e invenções imagéticas visuais e não visuais nossos deslocamentos neste mundo saturado de ver... Nossos modos de vida que vivem-resistem e inventam outros lugares possíveis de serem habitados.

O grupo é composto por muitas pessoas. Dentre elas, cinco “reabilitandos” da referida instituição – a saber: Eli, Joaquim, Amélia, Regina Célia e Sandra; e também a pesquisadora, que se incorpora como sujeito da pesquisa, por entender que *toda pesquisa é intervenção (...) [pois] sempre se realiza por um mergulho na experiência* (PASSOS; BARROS, 2014, p. 17).

Pois é... Também sou sujeito desta pesquisa! Me incorporo a ela por entender que a pesquisa não está lá, num campo *a priori*, esperando para ser desvelada. Ela coemerge desse plano de experiência agenciado no encontro (entre) Eli, Joaquim, Amélia, Regina Célia, Sandra, orientação coletiva, interlocutores, Leidiane... (Uso reticências aqui mais do que nunca, para marcar a (in)finitude de forças que nos atravessam). Sigo me encontrando com eles no IBC e em muitos outros lugares. À medida que tiver mais notícias, lhe escreverei.

Enfim, por enquanto é isso...

Em breve lhe conto mais. Obrigada por me ouvir e por se tornar tão presente em minha formação.

Com os melhores cumprimentos,

Leidiane Macambira

Maricá, 23 de outubro de 2016

Estar disponível...

Estar atenta ao que nos passa...

Ao que nos atravessa...

Cara amiga,

Como tem tocado a vida? Espero que muito bem.

Há algum tempo, aliás, quase desde o início do curso, tenho ido ao Instituto Benjamin Constant. Seja para me encontrar com o pessoal da pesquisa, seja para resolver algum assunto referente à documentação, seja para apenas ficar lá... perambular pelos corredores, sentar pelos bancos de praça... Gosto de estar lá, fazer parte daquele lugar.

Quase sempre, na volta para casa, escrevo no meu diário, tamanha a diversidade de experiências que vivo. Por vezes começo a perceber que meu trabalho está ficando uma miscelânea de narrativas, rrsrs... Sinto que preciso focar... Esta demanda é urgente! Entretanto tem sido também um exercício duro.

Atenção! Uma palavra necessária para este contexto que estou vivendo. Como direcionar a atenção num campo de coemergência em que tudo fervilha e nos salta aos olhos? Onde focar? Onde desfocar? Onde manter em flutuação?

Talvez a atenção não seja somente o ato de focar e desfocar, ver algo e ignorar outro... *A atenção não busca algo definido, mas torna-se aberta ao encontro* (KASTRUP; PASSOS; ESCÓSSIA, 2014, p. 38). Como diz Larrosa (2014), é permitir-se ser território de passagem. Como tornar-se uma película fotográfica, plano sensível, pois *é em mim onde se dá a experiência, onde a experiência tem lugar* (LARROSA, 2011, p. 6).

Talvez, o movimento possível neste momento seja voltar-se para si e perceber os efeitos que tais acontecimentos lhe provocam. Tornar-se um terreno sensível ao que passa, estar disponível ao que acontece.

A experiência, o elemento externo à película sensível, provocada pelo *outro* da relação, este, fator imprescindível para que o encontro aconteça, pois não há experiência sem um *outro*, sem relação, sem truncamento de desejos, sem atravessamento – esse outro é exterior a mim... *O passar de algo que não sou eu, (...) que não depende de mim, que não é uma projeção de mim mesmo* (Idem, 2011, p. 5).

Entretanto, sou película sensível desta passagem, a qual me desloca e me transforma, registra como em uma imagem fotográfica os efeitos deste encontro, a reflexividade daquilo que acontece (LARROSA, 2011).

Talvez estas idas ao IBC sejam apenas um pretexto para estarmos juntos, para inventar imagens visuais e não visuais, e, talvez, fazer ploriferar encontros... Encontros, como *espaço-tempo* em que possamos “*fazer e inventar coisas, [e nos inventarmos] ao mesmo tempo*” (KASTRUP; PASSOS; ESCÓSSIA, 2014, p. 84). Espaços propícios para conversarmos sobre estas e outras questões que nos chegam. Sobre nossas andanças instituintes num mundo extremamente visual e saturado de ver.

Encontros para invenção de imagens visuais e não visuais... sendo elas fotografias... paisagens sonoras... textos... texturas... cheiros... sabores... Para forjar de modos (outros) de vida, *olhares outros, palavras novas, embriagadas por uma suave ousadia* (MOEHLECKE, 2012, p. 167-168).

Tornar-se atenta a tudo isso que nos passa e cartografar as experiências deste fazer... O encontro como território de pesquisa... o território de passagem (LARROSA, 2011)... Produzidos por linhas... Desejos de percursos... Lugares... Muitos outros lugares...

Sigamos neste gesto de atenção ante nossos fazeres na vida...

Abraço forte,

Leidiane

Maricá, 7 de março de 2016

Querida amiga,

Hoje foi minha qualificação! Como foram intensas as intervenções feitas pela banca! Sai de lá cheia de questões, ainda estou fervilhando com tantas ideias... Percebo até que as palavras não dão conta da velocidade do pensamento.

Ao final da qualificação tive uma conversa com um dos professores, Valter Filé. O mesmo, não satisfeito com tudo o que propusera durante a qualificação, me fez uma pergunta que me deixou encucada. (Segue um bilhete que fiz com a pergunta dele junto desta carta).

Desde então fiquei me perguntando... Qual era a câmera de Manoel de Barros ao fazer esta poesia? Sempre naturalizei ser uma máquina fotográfica! Aliás, na hora em que ele me fizera tal pergunta, pensei comigo: “Ora, sua câmera era uma câmera fotográfica!”. Óbvio!

Óbvio demais!!!! Rsrtrs

Comecei então a me perguntar pelas dimensões possíveis de uma imagem, sobre sua multiplicidade de linguagens e suportes. A foto que Manuel de Barros fizera era sua própria poesia.

– A linguagem era a sua câmera! – dizia-me Filé durante a conversa.

Por que então continuar insistindo em produzir apenas imagens visuais? Parece até contraditório querer registrar numa fotografia (um suporte imagético) experiências que se dão no campo dos outros sentidos, das percepções... Como fotografar o perfume? Como fotografar o toque quando seguram meu ombro para podermos andar pelo IBC? Como fotografar o vento que nos conduz e nos localiza pelos corredores? Como fotografar o cheiro de comida que nos indica estarmos perto do refeitório? Como querer insistir em produzir em imagens visuais o que resiste e (re)existe em outras línguas? Em outro modo de estar no mundo?

Lembro-me sempre da fala de Evgen Bavcar, não sei se você o conhece. Ele é fotógrafo, cego e também uma pessoa que não vê (apenas) com os olhos. Sua visão transcende o funcionamento do olho.

Certa vez, num documentário intitulado *Janelas da Alma*, de João Jardim, mostrara uma fotografia. Era uma menina vestida de branco correndo com seus braços abertos por um campo verde. Bem, ao menos era isso o que via. Na cena seguinte ele fala sobre aquela imagem. O que ele traz com suas palavras é uma outra imagem não visual da mesma fotografia, sendo que agora numa outra linguagem, a palavra.

Ele diz que levou sua sobrinha para um campo, deu guizos a ela e pediu que corresse livremente. Ao ouvir o som produzido pelo guizo ele fotografava. Ele fotografou o som provocado pelo movimento. Isso eu não consegui ver! Era uma imagem (in)visível.

Os sujeitos [que não veem (apenas) com os olhos], ao que se percebe, fogem às obviedades, trazem outro foco e escapam à simples descrição de imagens, à reprodução do mesmo e da mesmidade. Fabulam em perceptos e afectos e produzem novidades, raridades, rarefação... É um novidadeiro? Um potencial fotógrafo daquilo que não está saturado ao visível. (GAI; FERRAZ, 2013, p. 181)

Por essas e tantas outras experiências, me encontro com pessoas que não veem (apenas) com os olhos. Seriam estes outros modos de produzir visualidades? Poderíamos produzir imagens a partir de um som, de um cheiro, de uma brisa que toca a pele?

O que há nestas imagens para além daquilo que meus olhos conseguem captar? Há som de sinos como na fotografia da sobrinha do fotógrafo? O que há na imagem oferecida por Manoel de Barros em forma de poesia? Que câmeras estas pessoas que não veem (apenas) com os olhos usaram para produzir imagens que fogem às obviedades?

Um tempo mais tarde, ainda lendo algumas das poesias de Manoel de Barros, deparo-me o seguinte trecho:

“Quando o mundo abandonar o meu olho.

Quando o meu olho furado de belezas for esquecido pelo mundo.

Que hei de fazer?” (BARROS, 2013, p. 346)

Com esta pergunta que sigo ante cada encontro que desconstrói tudo o que entendia por imagem, por fotografia, por visualidade. “Quando o mundo abandonar o meu olho, que hei de fazer?”

Que hei de fazer quando os meus olhos não enxergarem mais?

Que hei de fazer quando meus desejos e planos não forem o suficiente?

Que hei de fazer?

Que máquina usar?

Que maquinaria produzir para seguir narrando estas experiências?

Como dar a ver o que não podemos ver (apenas) com os olhos?

Querida amiga, talvez consiga convencê-la a seguir perguntando comigo... Que havemos de fazer quando os nossos olhos já não mais nos servem diante de mundos que extrapolam nossas experiências visuais? Havemos de continuar negando a existência desses múltiplos mundos?

Atenciosamente,
Leidiane Macambira
São Gonçalo, março de 2015.

Leidiane,

Trouxe esta foto para você. Não é minha, mas diz muito de mim. Ela foi tirada numa oficina aqui no IBC. Neste dia fomos à praia. O passeio foi maravilhoso!

Você está vendo? É a praia de Botafogo. A minha amiga está logo aí na frente. Está vendo?

Consegue ver?

Setembro de 2015,
Sandra

Leidiane,

Qual a máquina de Manoel de Barros?

Madrugada a minha aldeia estava morta.

Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.

Eu estava saindo de uma festa.

Eram quase quatro da manhã.

Ia o silêncio carregando um bêbado.

Preparei minha máquina.

O silêncio era um carregador?

Estava carregando um bêbado.

Fotografei este carregador.

(O fotógrafo, 2013, p. 351)

Banca de qualificação

Valter Filé

Querida,

Esse é o bilhete de que havia lhe falado. Agora entende minha inquietação? Qual a câmera de Manoel de Barros? Como ele fotografou seu carregador?

Atenciosamente,

Leidiane

Maricá, 20 de setembro de 2015

Cara amiga,

Estou aqui em casa mais uma vez cartografando a pesquisa. O dia está tranquilo. Tem feito bastante calor, mas de vez em quando surge um vento gelado para refrescar. Neste exato momento estou relendo tudo o que escrevi até hoje na dissertação. Há muita coisa que mudou, por exemplo: não vou mais trabalhar com oficinas, pois ao longo deste percurso tenho percebido que o que temos feito são encontros... Outra coisa que mudou drasticamente foi o caso da fotografia pinhole. Não ficarei presa à fotografia. Embora seja meu lugar de conforto. Mas não há como resistir às questões e aos desejos dos participantes.

Imagine só! No encontro passado pedi que levassem uma fotografia de si. Ninguém levou, com exceção de Sandra, que toda entusiasmada me mostrou sua fotografia. Para meu desconforto, a foto era um cartão-postal. Ela me contando, disse que era a foto de sua amiga na praia de Botafogo.

Claramente, aquela foto dizia muito de si... Não só dela, mas de todos que estavam ali... O apego à fotografia era meu! Eu tinha um mapa de desejos já construído antes de habitar aquele território. E as pessoas deste território estavam me dizendo de muitas maneiras que queriam seguir outros caminhos, os quais eu não conseguia ver, ou resistia a ver devido a minha paixão pela fotografia.

Mas, enfim, naquela conversa com Filé, percebi que as imagens não se limitam às fotografias. Há imagens que não são visuais. Como a imagem narrada por Sandra, ao me apresentar este cartão-postal.

Tem sido um deslocamento muito difícil para mim! Agora, tenho experimentado paisagens sonoras.

Em breve envio mais notícias.

Com carinho,
Leidiane

Maricá, 27 de outubro de 2016.

Olá, querida amiga!

Tanto tempo tem se passado! Muitas águas rolaram nesse rio chamado vida... Estou a poucos meses da defesa da dissertação. Nesta semana que passou me encontrei novamente com Eli e Regina Célia. O grupo já não é tão grande. Eles foram os únicos que permaneceram. Os outros não têm vindo mais, por motivos de saúde, de burocracia da própria instituição, ou por desejo mesmo...

Nos encontramos para fazer uma visita pelo IBC. Sendo que dessa vez eu estaria de olhos vendados e eles iriam me conduzir. Uma experiência ímpar estar com eles nessas condições.

Durante todo o ano tive a falsa sensação de eu os conduzia por aqueles corredores. Mas diante do que vivi naquela visita guiada... diante de tudo o que me falavam, dos referenciais que usavam para se localizar... das perguntas que me faziam... das piadas com que me zuavam quando eu tropeçava... Tantas experiências... tantas intensidades se passavam entre nós naquele dia. Me fizeram perceber que esse tempo todo quem me conduzia eram eles.

Durante todo esse tempo em que estive lá para conhecer estes mundos vistos e vividos por pessoas que não veem (apenas) com os olhos... sinto, hoje, que o que me aconteceu foi que eles, também, me ensinaram a ver. Olhar para além daquilo que meus olhos conseguem enxergar. Por vezes até cegar, cerrar os olhos para então poder ver.

Hoje, fechei os olhos e enxerguei algo diferente.

Vi uma aula.

A aula foi fora da escola. (Ou estava ainda dentro dela?) Uma professora, um aluno... Seguem em direção à portaria. Nesta cena, o mais perceptível era que não havia distanciamento entre os dois. Eles seguiam rumo à parte externa do edifício. Ela na frente e ele a suas costas, com a mão sobre seu ombro.

Seria ela a extensão do corpo dele? Seria ela seus olhos?

Seria ele a extensão do corpo dela? Seria ele seus olhos?

Seguiam os dois, juntos. Um outro corpo ali formado. Nem ele, nem ela, um novo corpo... um corpo (entre)...

A sala de aula? Esta não tinha paredes e nem carteiras, não há quadro-negro e muito menos giz. A aula se dá sobre uma faixa de pedestres, abaixo de um sinal sonoro, interrompido pelo som de muitas pessoas que atravessavam de um lado ao outro, e

conversavam – umas com as outras... tocando seus afazeres... seguindo suas vidas... sem, talvez, perceber que estavam dentro de uma aula...

– E estava lá aquele corpo (entre) em agenciamento...

– Aperte o botão à sua direita.

– Ouviu o som? Agora sigamos...

– Preste atenção em seus passos. Quantos já deu até aqui?

E assim seguiam com a aula... Um corpo (entre)... uma escola (fora)... um currículo (outro)... uma aula (outra)...

Abraços,
Leidiane Macambira



Figura 2

3- VER(SE) VER(NOS) ¿QUÉ COSA ES MIRAR?

Mira Capitán, hubo un tiempo, hace mucho tiempo, en que nadie miraba... No es que no tuvieran ojos los hombres y mujeres que se caminaban estas tierras. Tenían de por sí, pero no miraban. Los dioses más grandes, los que nacieron el mundo, los más primeros, de por sí habían nacido muchas cosas sin dejar mero clarito para qué o por qué o sea la razón o el trabajo que cada cosa debía de hacer o de tratar de hacer.

Bueno, el caso es que los dioses primeros, los más grandes, nacieron el mundo, pero no dejaron claro el para qué o el por qué de cada cosa. Y una de estas cosas eran los ojos. ¿Acaso habían dejado dicho los dioses que los ojos eran para mirar? No pues. Y entonces ahí se andaban los primeros hombres y mujeres que acá se caminaron, a los tumbos, dándose golpes y caídas, chocándose entre ellos y agarrando cosas que no querían y dejando de tomar cosas que sí querían. Así como de por sí hace mucha gente ahora, que toma lo que no quiere y le hace daño, y deja de agarrar lo que necesita y la hace mejor, que anda tropezándose y chocando unos con otros. O sea que los hombres y mujeres primeros sí tenían unos sus ojos, sí pues, pero no miraban.

Y así se hubiera seguido todo hasta nuestros días si no es porque una vez pasó algo. Resulta que estaban los dioses primeros, los que nacieron el mundo, los más grandes, haciendo una su bailadera porque agosto era, pues, mes de memoria y de mañana, cuando unos hombres y mujeres que no miraban se fueron a dar a donde estaban los dioses en su fiestadero y ahí nomás se chocaron con los dioses y unos fueron a dar contra la marimba y la tumbaron y entonces la fiesta se hizo puro borlote y se paró la música y se paró la cantadera y pues también la bailadera se detuvo y gran relajo se hizo y los dioses primeros de un lado a otro tratando de ver por qué se detuvo la fiesta y los hombres y mujeres que no miraban se seguían tropezando y chocando entre ellos y con los dioses. Y así se pasaron un buen rato, entre choques, caídas, mentadas y maldiciones.

Ya por fin al rato como que se dieron cuenta los dioses más grandes que todo el desbarajuste se había hecho cuando llegaron esos hombres y mujeres. Y entonces los juntaron y les hablaron y les preguntaron si acaso no miraban por dónde caminaban. Y entonces los hombres y mujeres más primeros no se miraron porque de por sí no miraban, pero preguntaron qué cosa es “mirar”. (Trecho de “La historia de las miradas”, por Subcomandante Marcos, p. 13)

Confesso que me senti muito tentada a deixar somente este conto zapatista e não escrever nada mais, nenhuma vírgula sequer... Gostaria de encerrar este platô com a mesma pergunta que *los hombres y mujeres más primeros* fizeram aos *dioses primeros, los que nascieron el mundo, los más grandes...*

¿Qué cosa es mirar?

Há alguns anos, quando assisti ao documentário *Janela da Alma*, também fiquei com esta questão. Nele havia o depoimento de uma pessoa que dizia enxergar perfeitamente, até que um dia, quando colocou óculos, percebeu o mundo de maneira diferente. O que ele

via, quando achava que enxergava bem, não era mais a mesma coisa. Desde então venho me perguntando, *¿Qué cosa es mirar?* Muito embora não queira encontrar uma resposta fechada, acabada e consensual para esta pergunta. Desejo mesmo é conhecer as múltiplas outras possibilidades que há no jogo do ver que eu ainda não conheço. Talvez seja um número infinito...

O que está em jogo quando se está a ver? (KIRST, 2003, p. 43). Se os nossos olhos não são os únicos órgãos, ou, melhor dizendo, os únicos dispositivos em agenciamento no ato de ver, que outros dispositivos estão neste jogo?

Ao caminhar, de olhos vendados, pelo Instituto Benjamin Constant com Eli e Regina Célia percebi outra dimensão do visível. Muitas sensações me atravessavam naquele momento. O lugar onde estávamos parecia ser muito maior. Eu não contava com a antecipação ou a dimensão de profundidade proporcionada pelo olhar, mas percebia com muito mais atenção cada passo que dava, parecia ser em muito mais quantidade que antes. Não andávamos apressadamente e nem a passos largos, íamos devagar quase que apalpando o chão com os pés.

Mudança de piso entre um corredor e outro, lombadas, degraus, valas, pedrinhas... passaram a ter mais importância naquela caminhada, pois impediam nosso andar lento e contínuo. Outra sensação importante foi o vento. Corria pela nossa nuca como nunca antes houvera feito. Sua direção nos indicava se estávamos ou não indo para o lugar certo.

Tantas sensações, e eu sem nenhuma fonte de registro, nem a câmera e nem o meu diário. Tudo o que vivemos ficara ali, acontecendo no presente, reverberando efeitos no aqui e agora, os quais se tornam contínuos. Talvez nossa mania de registrar, capturar tudo a nossa volta para que seja postergado, acabe nos cegando.

Don Juan, um bruxo do povoado de Sonora no México, em uma de suas expedições com Castañeda a fim de ensiná-lo a ver, lhe disse que uma de suas predileções era ver, mas gostava de ver tudo. Castañeda, seu aprendiz, um antropólogo pesquisador, lhe disse que também sabia ver tudo. Entretanto Dom Juan lhe contradiz: *Você só olha para a superfície das coisas* (CASTAÑEDA, 1971, p. 16).

O que há neste jogo que Dom Juan nos incita? Que olhar é este que não se atém apenas a decifrar imageticamente o que vemos?

Os agenciamentos engendrados no ato de olhar modificam o que olhamos? Modificam, ou produzem? Há uma realidade *a priori* que possa ser vista? Ou será que o visto é efeito destes movimentos, deslocamentos que comportam *linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação?* (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 18). É na relação com o outro que construímos mundos? E estes mundos mudam ante uma nova relação, um novo outro... um novo eu? O ato de olhar, atravessado por todas estas linhas que o compõem, é também um modo de construir mundos. É agenciamento!

Assim como há muitos olhos, e de todos os tipos... *de todos los colores y de todos los tamaños, los había de diferentes formas. Había ojos redondos, rasgados, ovalados, chicos, grandes, medianos, negros, azules, amarillos, verdes, marrones, rojos y blancos* (SUBCOMANDANTE MARCOS, p. 13). Há também muitas pessoas, com múltiplos modos de ser e de estar no mundo. Dando aos seus modos de ver muitas tonalidades, ângulos, perspectivas e profundidades. Talvez o jogo do ver seja outra coisa que vá além da função fisiológica do olho.

Eu bem sabia que a nossa visão é um ato poético do olhar (BARROS, 2013, p. 428). Em outras palavras, no jogo do olhar implicamos os nossos desejos, nossos medos, sonhos, certezas... De modo que tudo aquilo que nos passa, nos atravessa e nos modifica, o que se torna saber de experiência (LARROSA, 2014), compõe o jogo do ver.

Seria, portanto, muito reducionista se esgotasse a visão apenas às pessoas que tenham o “sadio” funcionamento fisiológico da visão, do órgão ocular. Entretanto, durante minhas experiências de leitura e convivência com pessoas que não veem (apenas) com os olhos, percebi que a visão não se esgota no funcionamento do olho físico. Então, *¿Qué cosa es mirar?*

Quando [Willian Blake] afirmava que ele não via com os olhos, mas através deles. Isto significa que ver (...) equivale a alcançar a compreensão de algo, utilizando todas as explicações, metáforas, parábolas etc. com que contamos (FOERSTER, 1996, p. 59). Há pessoas que, mesmo não tendo os olhos convencionais e convencionados, conseguem ver coisas que não são tão fáceis de serem captadas quando olhamos apenas com os olhos.

Y entonces los dioses que nacieron el mundo se dieron cuenta de que no les habían dejado claro para qué servían los ojos, o sea cuál era su razón de ser, su por qué y su para qué de los ojos. Y ya les explicaron los dioses más grandes a los hombres y

*mujeres primeros qué cosa era mirar, y los enseñaron a mirar. Así aprendieron estos hombres y mujeres que se puede mirar al otro, saber que es y que está y que es otro y así no chocar con él, ni pegarlo, ni pasarle encima, ni tropezarlo. Supieron también que se puede mirar adentro del otro y ver lo que siente su corazón. Porque no siempre el corazón se habla con las palabras que nacen los labios. Muchas veces habla el corazón con la piel, con la mirada o con pasos se habla. También aprendieron a mirar a quien mira mirándose, que son aquellos que se buscan a sí mismos en las miradas de otros. Y supieron mirar a los otros que los miran mirar. (Trecho de *La historia de las miradas*, por Subcomandante Marcos, p. 13. Grifo meu)*

Cotidianamente aprendemos a olhar. Entretanto desaprendemos a ver as coisas como realmente necessitam ser olhadas. Olhamos de maneira distanciada, nos antecipamos por que vemos, e se já vemos não precisamos tocar para saber o que é, aliás, de antemão fazemos uma série de preconceitos e definições para o que olhamos.

Por que, vendo, cegamos?

O que nos impede de ver?

Lembro-me de Dom Juan, que em um dos escritos de Castañeda disse *que eu estava com tudo pronto e que, no entanto, minha mania sempre me cegava no final. – Não há nada para entender. Tal faculdade é apenas uma coisa muito pequena, muito pequena mesmo – disse ele* (CASTAÑEDA, 1971, p. 294).

A mania de explicação, a fixação por encontrar um entendimento consensual para as coisas e trazê-las para o plano da racionalidade... Estes artifícios do homem moderno que sempre cegavam Castañeda, que, lógico e racional, com sua cabeça pensante separada do corpo desejante, busca incessantemente se informar sobre que ocorre a sua volta, *cada vez sabe mais, cada vez está mais bem informado, porém, (...) o que consegue é que nada lhe aconteça* (LARROSA, 2014, p. 19). Está sempre em dívida com as informações e com o tempo, busca sempre se manter atualizado, acumula informação, e no entanto, não dispõe de tempo para que alguma coisa aconteça. O tempo, moeda valiosa em nossa sociedade, é cada vez mais escassa.

Ver com os olhos, talvez, tenha sido o meio mais rápido que desenvolvemos para nos apropriarmos do ambiente. Não temos tempo para perceber as coisas, situações ou pessoas através de outros sentidos. Antecipar-se pelo o que conseguimos captar com olhos tem sido o modo que consideramos mais objetivo. Olhamos e rapidamente já sabemos o que é, e tão logo decretamos nosso juízo sobre o que vemos. *No entanto, a obsessão pela opinião*

também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça (LARROSA, 2014, p. 20). Não tocamos, não cheiramos, não nos perguntamos sobre o que vemos, pois, se já vemos, entendemos tolamente que já conhecemos.

Nosso olhar... O preconceito primeiro dos sentidos...

Os objetos fazem parte do meu corpo, tenho muitos objetos em casa, pedras das ruas de Praga, de minhas visitas ao mundo. Também exprimem a materialidade do mundo, porque, quando se toca alguma coisa, se toca de verdade, enquanto o olhar imprime distância. (BAVCAR, Entre-falas¹⁶)

Ele nos distancia daquilo que olhamos, se consideramos o olhar apenas um ato contemplativo. Poderia então nos impedir de ver? Ver por outros meios, por outros sentidos?

Numa sociedade em que o predomínio da visão subsiste, e que é estimulada constantemente através dos meios urbanos, de sua arquitetura, organização e mídias,

Passar os olhos sobre as inúmeras imagens dispersas no centro urbano e nos meios de comunicação provoca a dispersão e não o centramento. Ao ser saturado de “luminosidade”, o indivíduo contemporâneo esquece de pensar o que há por trás desta luz, perde aos poucos a sensibilidade para perceber tudo aquilo que não é iluminado, o que não é “evidente”. (COELHO, 2006, p. 36)

Como diz Saramago (1995), esse excesso de luminosidade, de profusão visual, nos deixou cegos. *En una época donde todo se ha vuelto visible o posible de ser visto, quizá lo visual sea incontrolable, indescifrable, a la vez que cotidiano y familiar* (SKLIAR, 2009). Estamos tão saturados de ver que temos uma explicação e uma opinião formada para tudo o que nos rodeia. Antes mesmo de tocar, de experimentar a partir de outras sensações, já temos um significado representacional formado para o que olhamos, ainda que de longe. Não nos aproximamos, não experimentamos...

Hay tanto un exceso y saturación frente a la imagen como una sensación de anorexia visual: frente a la pluralidad y multiplicidad de imágenes estamos debilitados para poder ver, para poder entender y para poder producir algo con los efectos de lo apenas visto. (SKLIAR, 2009)

Deixamos de olhar como se fosse a primeira vez. Alimentamos um olhar domesticado, acostumado a ver apenas o que já se sabe (LARROSA, 2006). Eis a cegueira luminosa sobre a qual Saramago nos alerta. *Es como si todo lo que vemos no fuera otra cosa que el lugar sobre el que proyectamos nuestra opinión, nuestro saber y nuestro poder, nuestra arrogancia, nuestras palabras y nuestras ideas, nuestras conclusiones* (LARROSA,

¹⁶ BAVCAR, Evgen. *Jornal do MARGS*, setembro 2001, n. 72.

2006, p. 119). O que vemos a nossa volta é apenas uma constatação de nossas crenças e certezas que produzimos ao longo da vida, de modo que somente conseguimos ver aquilo que conhecemos. Certa vez,

Castañeda foi ao povoado de Sonora, no México, para conhecer um bruxo chamado Don Juan, a quem pediu que o ensinasse a ver. Assim Don Juan interna-se com Castañeda, no meio da selva mexicana. Caminham uma ou duas horas e, de repente, Don Juan exclama: “Olha, olha o que há aí! Viste?”. Castañeda lhe responde: “Não... não o vi”. Continuam caminhando e, uns dez minutos mais tarde, Don Juan volta a deter-se e exclama: “Olha, olha aí! Viste?”. Castañeda olha e responde: “Não... Não vi nada”. “Ah!”, é a lacônica resposta de Don Juan. Seguem sua marcha e volta a acontecer a mesma coisa duas ou três vezes, mas Castañeda nunca vê nada; até que, enfim, Don Juan encontra a solução: “Agora entendo qual é o teu problema!”, lhe disse: “Tu não podes ver o que não podes explicar. Trata de esquecer de tuas explicações e começarás a ver”. (FOERSTER, 1996, p. 67)

O mundo que vemos é o mundo que criamos com nossas singularidades. Este mundo está atravessado por nossas experiências, as quais não são apenas simples vivências, mas sim os acontecimentos que nos deslocam, forçam-nos a pensar o que jamais pensaríamos, a ver o que jamais veríamos e a sentir o que jamais sentiríamos.

Em um dos encontros com pessoas que não veem (apenas) com os olhos, perguntei-lhes se poderiam me dizer algo desse novo modo de estar na vida. Em poucas palavras, Seu Joaquim me diz que, desde então, passou a enxergar mais que antes.

*Acho que estou enxergando muito mais que antes. Antigamente, muita coisa passava do meu lado, na minha frente, e eu não via nada, não entendia nada. E agora estou vendo muita coisa que antes nem sabia que existia. Por exemplo, quando estou sozinho na rua, muitas pessoas vêm me ajudar, até mesmo pessoas mais idosas que eu, com menos mobilidade que eu. Então, passei a **enxergar solidariedade**.*

A fala de Seu Joaquim faz proliferar olhares. Seu novo modo de estar no mundo lhe provocou um estado de atenção para pequenos gestos que antes não tinha. Talvez, o excesso de estímulos visuais espalhados a nossa volta provoquem em nós uma certa acomodação do olhar, a qual sempre somos condicionados a olhar e vermos sempre nas mesmas direções, as mesmas cenas, com os mesmos ângulos. Vemos, e vemos demasiada e incansavelmente, as mesmas coisas todos os dias. E damos a tudo o que vemos as mesmas, demasiadas e incansáveis, explicações todos os dias.

Entretanto, Skliar e Seu Joaquim, e tantas outras pessoas que não veem (apenas) com os olhos, nos convidam a desver o mundo... a *multiplicar las formas de mirar*, [a] *multiplicar las posibilidades de mirar todo aquello que las imágenes producen* (SKLIAR, 2009). Não se trata de produzir uma outra maneira de ver, mas, sim, de desnaturalizar este mundo de imagens que nos cerca... Pensar no que vemos e nos perguntarmos por isso que vemos, e, também, pelo que não vemos e por que não o vemos.

Perguntar-se pelo que se vê...

Quando no caminho para casa, no dia em que assisti pela primeira vez ao documentário *Janela da Alma*, me vi questionando tudo a minha volta. Dentro do ônibus estranhava as informações que lia, as tonalidades das cores, o formato das janelas, as abria e fechava a fim ver a parte externa com e sem o filtro do vidro. Já não confiava plenamente no que os meus olhos me diziam ser real. *O abandono do lugar me abraçou com força. E atingiu meu olhar para toda a vida. Tudo que conheci depois veio carregado de abandono* (BARROS, 2013, p. 418). *Então era preciso desver o mundo para sair daquele lugar imensamente e sem lado* (Idem, p. 430).

O encontro com o filme, com o poeta rupestre, com Seu Joaquim, Regina Célia, Eli... ainda reverbera provocações... provocam outros encontros... e outros encontros... e outros... e... e... Encontros que mantêm pulsante a pergunta feita no início deste platô.

¿Qué cosa es mirar?

Supieron también que se puede mirar adentro del otro y ver lo que siente su corazón. Porque no siempre el corazón se habla con las palabras que nacen los labios. Muchas veces habla el corazón con la piel, con la mirada o con pasos se habla (Trecho de *La historia de las miradas*, por Subcomandante Marcos, p. 13). Como Seu Joaquim, que passou a enxergar solidariedade, como o poeta Manoel de Barros quando diz que *a visão é um ato poético do olhar* (2013, p. 428), ou até recurso da imaginação... Tão logo percebemos que a “falta de visão”, como assim considera o paradigma médico-clínico em relação à cegueira, está relacionada à atenção, ou seja, o “não ver” nos demanda um estado de atenção muito maior do que quando olhamos com os olhos.

Deste modo, o que proponho com esta pesquisa é nos colocarmos num exercício de pensamento sobre o que consideramos ver, enxergar, olhar, não ver, cegar... Mas não é a

cegueira fisiológica, aquela que afeta o funcionamento biológico do sistema ocular. Trata-se de uma outra cegueira.

Estamos imersos numa outra cegueira. Diga-se de passagem, que os nossos olhos *parecem sãos, a íris apresenta-se nítida, luminosa, a esclerótica branca, compacta como porcelana* (SARAMAGO, 1995, p. 12). Contudo, não vemos.

Por que não? Já que tudo se apresenta aparentemente bem? Isso já não é supostamente o suficiente?

Acreditava que a cegueira era apenas a ausência de luz, a qual se *limitava a cobrir a aparência dos seres e das coisas, deixando-os intactos por trás do seu véu negro* (Idem, 1995, p. 16). Todavia, no encontro com pessoas que não veem (apenas) com os olhos, percebi-me mergulhada *numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis* (Ibidem, 1995, p. 16).

Não via o que Regina Célia, Eli, Joaquim e Sandra traziam consigo para encontrar comigo, ignorava seus desejos e expectativas, forçando-os indiretamente a optar pelo que eu apresentava como desejo de pesquisa. Não percebia o vento que tocava a minha nuca todas as vezes que passava por aquele corredor... Não via a amiga de Sandra que posava para a foto durante um passeio na praia de Botafogo. Não via nada disso. Não via... E muito menos percebia que estava cega.

Não via que não via (FOERSTER, 1996), pois minha visão não estava tomada por pontos cegos e muito menos o que via era coberto pela ausência total de luz. Talvez, o que provoca esta outra cegueira, sejam as certezas e os *a priori* com que tocamos a vida.

Estamos imersos numa imensidão de imagens, de palavras, de saberes, opiniões, ideias e conclusões que nos cegam. E as pessoas que não veem (apenas) com os olhos? Seriam elas, também, propensas à cegueira luminosa de Saramago? Se considerarmos o olhar como preconceito primeiro dos outros sentidos, a cegueira seria condição primeira para vermos além do visível? *Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, cegos que veem, cegos que, vendo, não veem* (SARAMAGO, 1995, p. 310). O que não vemos quando vemos? O que vemos quando não vemos?

Durante um desses encontros fizemos uma vivência que era um passeio pelo Instituto Benjamin Constant sendo guiada por eles. Neste passeio eu não poderia enxergar com os olhos, colocaram em mim uma venda e disponibilizaram um profissional de orientação e mobilidade para que ficasse junto da gente cuidando para que eu não viesse a cair, visto que não sabia me locomover de olhos vendados. Afinal, não estava acostumada a me movimentar daquela outra maneira, é um aprendizado lento e árduo reaprender a se movimentar pela cidade sem o recurso visual – pensava comigo mesma. *Era como se tudo isso estivesse já a diluir-se numa espécie de estranha dimensão, sem direções nem referências, sem norte nem sul, sem baixo nem alto* (SARAMAGO, 1995, p. 15).

Naquele momento eu estava completamente cega. Ficar com os olhos vendados me trouxe tamanho desconforto que havia me esquecido de todos os outros sentidos. Tamanha era minha dependência. O mesmo percurso que fazia há vários meses se tornou longo, os minutos tornaram-se infundáveis, o tempo tornou-se outro, a dimensão espacial também. Já não era mais a mesma instituição. Andava tão lentamente que, com medo de cair, arrastava os pés. E, a passos miúdos, íamos nós três: seu Eli me guiando e Regina Célia segurando em meu braço esquerdo sendo guiada por mim. Nesse instante pergunto para onde estavam me levando: para o refeitório, responderam, e seguiram.

Passado algum tempo, Regina interrompe nosso percurso e diz: “Estamos indo pelo lugar errado”, porque o vento estava em outra direção, estava ventando na lateral de seu rosto, se seguíssemos em frente iríamos para o pátio gramado e não para o refeitório. O vento... Um outro referencial... Uma outra atenção nos era solicitada naquele momento. Confesso que por inúmeras vezes passava por aquele corredor e nunca havia percebido esse vento. Perguntei-lhes se era sempre desta maneira que se guiavam. Responderam-me que sim, que o vento naquele lugar lhes indica qual direção tomar.

Tornei a fazer-lhes outra pergunta: Vocês aprendem isso onde, com quem? Neste momento, Eli direciona sua voz ao pé do meu ouvido, quase que em tom confidencial, visto que tínhamos alguém tomando conta de nós, e me diz que os professores da Orientação e Mobilidade até ensinam como eles têm que se conduzir, em quais os referenciais prestar atenção em determinados lugares... “Mas, depois, a gente cria os nossos próprios! Criamos nossos modos de andar por aqui e pela cidade também”, disse-me enquanto seguíamos em frente.

Nossos olhos conseguem captar tudo o que nos rodeia? Seria ilusória a sensação de que vemos tudo? O homem da sociedade da informação, um homem atento a tudo! Ligado a tudo que lhe passa... Como se tivesse mil olhos. Ou, talvez, cem olhos como os de Argus Panoptes – “(aquele) que tudo vê”¹⁷. Símbolo da mitologia grega para a vigilância. Um gigante que nunca fechava por completo seus olhos, enquanto 50 dormiam, os outros 50 estavam acordados. Nada passava despercebido!

Fiquei curiosa por conhecer Argus. No afã de saciar meu desejo, pesquisei imagens que o descrevessem, quando me deparo com esta imagem.



Figura 3¹⁸

¹⁷ Fonte: Argos Panoptes. Disponível em: <https://mithologywithapurpose.wordpress.com/2007/07/04/argus-panoptes/>. Acessado em: 5 de julho de 2015.

¹⁸ Fonte: https://mithologywithapurpose.files.wordpress.com/2007/07/hermes_argospanoptes.jpg. Acessado em: 20/11/2015.

Seria ela a imagem de Argus? Imaginava que todos os cem olhos estivessem no rosto.

Ou será esta imagem uma subversão do gigante *Panoptes*?

Um corpo todo feito por olhos?

Ou um corpo que agencia todas as percepções, metáforas e experiências para compor o jogo do ver?

Uma imagem que compõe com o que Foerster (1996) nos traz como sentido outro para o ver, trazendo a percepção do corpo como um todo. O que deixamos de ver quando não implicamos todo o corpo e todas as sensações?

Foerster (1996, p. 60) nos inquieta afirmando que *Não vemos que não vemos*. Temos um ponto cego, mas não sabemos, pois neste ponto não há um vácuo escuro, apenas não conseguimos enxergar determinados objetos. Vejamos o exercício que ele propõe em seu artigo e que considero importante fazê-lo aqui.

Observem as duas figuras abaixo:



Figura 4

Segure a folha com a mão direita, tape o olho esquerdo com a mão esquerda. Olhando para a estrela com o olho direito aberto, movimente a folha para frente e para trás na altura dos olhos, numa distância de aproximadamente 20 ou 30cm. O que você vê? Certamente, haverá um momento em que o círculo não mais aparecerá. E há uma explicação médica para isso, entretanto, não quero me ater a essa discussão diante de um outro ponto tão importante quanto: a dimensão provisória, temporal e subjetiva de nossa visão.

O que me chama a atenção para este fenômeno é pelo fato de que não percebemos que não vemos. *Se alguém olha ao seu redor em todas as direções com um olho, depois com os dois, a seguir com o esquerdo, logo depois com o direito, vê sempre um campo visual sem*

solução de continuidade, sem interrupções (FOERSTER, 1996, p. 60). Não há interrupção de pontos cegos perambulando pelas cenas captadas pelos nossos olhos, deixando-nos com a ilusória sensação de que estamos vendo tudo.

Não vemos que não vemos e seguimos arrogantemente cheios de nós mesmos, na tola certeza de que nos tornamos Argus. A Modernidade e suas instituições (incluída a Universidade como Escola) acreditam ter se tornado essa criatura de 100 olhos. Estamos acorrentados às nossas razões, às nossas explicações, ao demasiado visto, ao por demais conhecido. É preciso desconhecer para ver! (Des)automatizar nosso olhar a fim de vermos as coisas como se fosse a primeira vez (SKLIAR, 2009).

Portanto, a *luz do conhecimento* nos cega a cada dia. Faz-se necessário desconhecer para poder ver. Trata-se *de liberar los ojos, de aprender a mirar con ojos de niños. El adulto [porta] una mirada disciplinada y normalizada, desde de la que no hay nada que ver que no haya sido visto antes* (LARROSA, 2006, p. 118).

Trata-se de aprender a olhar, com olhos de surpresa, de estranhamento... Talvez, *los dioses más grandes, los que nacieron el mundo, los más primeros*, não tenham deixado meio *clarito* todas as coisas que conseguimos ver com os olhos ou sem eles. Por isso, seguimos caminhando, *a los tumbos, dándose golpes y caídas, chocándose* e perguntando-se: *¿Qué cosa es mirar?*

4- DESCONSTRUINDO O CONCEITO DE CAMPO DE PESQUISA! ESGARÇANDO SUAS FRONTEIRAS E COMPONDO (OUTROS) INSTITUTOS BENJAMIN CONSTANT

– O campo não está lá... Nem aqui... Nem acolá! –
 Ao ouvir isso, curiosamente, e sem entender, a menina pergunta:
 – Mas onde está o campo? Como encontrá-lo? –
 Parecia a pergunta de Alice feita ao Chapeleiro Maluco, em sua incansável busca pelo coelho branco.
 – Menina tola! Não vê que faz a pergunta errada? Procura por um lugar que não existe! Talvez, se eu fosse você, começaria a se perguntar em como produzir um campo... Sim! Porque tudo é invenção! Puro agenciamento! Não há um lugar para encontrar, mas para ser inventado!¹⁹



Figura 5

¹⁹ Diálogo inventado a partir de uma palestra com o Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferrazo, durante a disciplina eletiva “Imagens, sons e narrativas nas pesquisas com os cotidianos”, ministrada pela Prof^a Dr^a Nilda Alves no Programa de Pós-Graduação em Educação: Processos formativos e desigualdades sociais (FFP-UERJ).



Figura 6

No caminhar e tecer deste processo de investigação, pergunto-me constantemente pelo campo da pesquisa. Seria ele somente um lugar físico por onde tudo se passa? Onde está o campo? Somos nós que o produzimos? Se sim, que forças e intensidades transitam por este território? Componho eu também este território de passagem? Por vezes acreditava que tais perguntas se resumiriam a procurar por um local, um campo delimitado, com suas fronteiras marcadas e bem divididas.

Entretanto, venho percebendo que esse território, por “onde tudo se passa” (LARROSA, 2014), onde as experiências acontecem, resiste a demarcações físicas de fronteiras. São planos de experiências, entrecruzamentos de muitas linhas com múltiplas intensidades e texturas, as quais, como num desenhar rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 2011), modulam – sem engessar seus contornos – a pele da pesquisa. A superfície onde tudo acontece.

– Menina tola! Não vê que faz a pergunta errada? Procura por um lugar que não existe!

As palavras de Ferraço, fabuladas por mim como as do Chapeleiro Maluco, provocavam inquietações. Afinal, guardava em mim uma paixão antiga pelo Instituto Benjamin Constant. Acreditava que aquele espaço, por ser um lugar histórico e Centro de Referência na educação de pessoas cegas, exercia alguma influência sobre sujeitos que o habitavam.

Durante minha graduação na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ) acompanhava os alunos que cursavam a disciplina Educação Especial a visitas ao Instituto Benjamin Constant. Uma instituição que se dedica à educação das pessoas cegas, surdocegas e com baixa visão desde 1854, oferecendo-lhes atendimento pedagógico, médico, psicológico e reabilitacional. Com o auxílio de uma professora da instituição, caminhávamos por todo aquele espaço e conhecíamos os trabalhos ali desenvolvidos e o modo como lidavam com a educação de pessoas com cegueira, surdocegas e com baixa visão.

O que eu via naquele espaço desafiava todas as minhas lógicas e certezas. De modo que pude perceber que, por mais que fizesse o exercício de desprender-me de certos preconceitos e estereótipos acerca da Educação Especial e das pessoas com deficiência, os preconceitos ainda estavam enraizados em mim.

Como pode uma pessoa cega andar pelos corredores sem ajuda, ir sozinha de um lugar a outro? Como subir e descer escadas correndo? Como essas crianças conseguem escorregar pelos corrimões das escadas? Como uma escola funciona se seus alunos, na maior parte do tempo, estão fora das salas de aula? Como mantém a ordem se até seus professores são cegos? Por que ensinam atividades de nossa vida diária, como cozinhar, passar roupas, vestir uma camisa, escovar os dentes? Em que parte do currículo está tudo isso? Isso é uma escola?

Este turbilhão de questões surgia a cada vez que visitava aquele espaço, perturbando minha tranquilidade formativa (RIBETTO, 2012) e fazendo deslocar toda minha atenção para aquele espaço. (Trecho da primeira versão desta dissertação enviada para a banca de qualificação)

E cada vez mais aumentava minha curiosidade e o desejo de habitar aquele espaço. De conhecê-lo no seu dia a dia. Entretanto esquecia-me que o espaço só é vivo pelas relações compostas pelos sujeitos que vivem nele! Minha paixão estava no encontro com as pessoas que habitavam aquele lugar – as pessoas que não veem (apenas) com os olhos –. Sujeitos que, apesar de viverem numa sociedade extremamente visual, *apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura do espaço* (CERTEAU, 2014, p. 189). Por estas artes de fazer que me apaixonei.

Além de um espaço físico com grandiosa estrutura e parte da história do Brasil, o que mais me encantava eram os modos como aquelas pessoas se movimentavam, como resistiam e (re)existem de outros modos, criando, por conseguinte, outros espaços, outros mundos, outros IBCs. Esses jogos de vida, resistência e (re)existência que prendiam minha atenção investigativa e que fazem do IBC um lugar de encontro: encontrar com amigos, com colegas, com a cegueira, com outros modos de vida etc. E nestes encontros fazer proliferar modos outros de seguir vivendo.

O encontro...

O terreno de passagem destas experiências... O território desta pesquisa...

Esta pesquisa... o traçado de uma caminhante errante neste terreno...

Terreno este que não tem limites fronteirios fixos... são compostos por muitas linhas das mais diversas texturas, intensidades e tamanhos...

Terrenos como planícies rizomáticas... Planos de experiência.

Faz-se necessário, portanto, forçar os limites das fronteiras desenhadas até então... E neste movimento, desconstruir o próprio conceito de campo de pesquisa. Para nessa desconstrução compor outra coisa que torne possível dar a ver as experiências nesses encontros.

Desconstruir, não para aniquilar... Mas para questionar-se pelas estruturas balizadas pela ciência moderna, ao modo de pesquisar hegemônico, ainda dentro da própria estrutura. Modo este que só é possível operar a partir de certas premissas. Nas quais faz-se necessário ter uma hipótese, ou até mesmo uma tese sobre algo – o objeto de pesquisa –. A partir daí temos que construir objetivos e metas que nos proporcionem averiguar, comprovar ou negar nossas hipóteses (vale marcar a importância do cumprimento de tais metas, se não a pesquisa não acontece!), para então formularmos um veredicto final, uma tese, que se tornará um produto a ser utilizado por futuras gerações a fim de sanar o mesmo problema levantado anteriormente, no início da pesquisa.

Todo este movimento só é possível a partir da observação distanciada do objeto em questão, fragmentação do mesmo e quantificação dos dados coletados etc. Para, através de um pensamento lógico e racional, exercer domínio sobre todo o conteúdo pesquisado e, por fim, conhecê-lo em sua totalidade (BOAVENTURA, 1995). De maneira bastante didática (e por isso pode parecer bastante generalizante) relatei nos dois parágrafos acima tudo o que não coube, ou que não funcionou com esta pesquisa que se enuncia.

Como então fazer pesquisa se há um desmoronamento das premissas prévias? Como fazer quando, no encontro com os sujeitos, nossas *hipóteses* são derrubadas? Como seguir caminhando mesmo quando *seus* desejos de pesquisa são *rejeitados*? Se o que se produz são experiências acontecidas no entre de cada encontro, onde estaria o “objeto de pesquisa”?

Como averiguar e comprovar a existência de um bem-te-vi sobre a árvore, o qual não consiga enxergar com sua visualidade racional? Como seguir insistindo em produzir algo que não fora aceito pelos parceiros da pesquisa? Que veredicto final será possível ante uma pesquisa que narra (des)encontros? Como manter-se distante numa relação que em todo tempo te envolve, descola e desmorona suas certezas? Como quantificar, categorizar e exercer um raciocínio lógico sobre a sensação de não conseguir enxergar a amiga na praia, capturada em uma foto, em que sua imagem está (in)visível?

Como então seguir pesquisando? Como continuar me encontrando com as pessoas que não veem (apenas) com os olhos? Já que o que fazemos não está “legitimado” como ESSA ciência? Há de ser necessário então desconstruir todos estes conceitos de campo, de pesquisa e de ciência que aprendi durante toda a minha trajetória acadêmica desde o jardim de infância.

Desconstruir uma oposição é mostrar que ela não é natural e nem inevitável, mas uma construção, produzida por discursos que se apoiam nela, e mostrar que ela é uma construção num trabalho de desconstrução que busca desmantelá-la e reinscrevê-la – isto é, não destruí-la mas dar-lhe uma estrutura e funcionamento diferentes (CULLER, 1999, p. 122, apud PEDROSO JUNIOR, 2010, p. 11)

Assim sigo na composição deste platô, e no movimentar desta pesquisa. Encontrando-se com pessoas que não veem (apenas) com os olhos, cartografando suas experiências de vida neste mundo saturado de profusões visuais, e as experiências padecidas a cada encontro... E neste movimentar... vir desconstruindo, questionando, desmantelando os modos de pesquisar hegemônicos e reinscrevendo outros modos de fazer ciência. Não o novo ou o melhor, mas o modo possível para esta empreitada.

Leidiane,

O campo de pesquisa é realmente o IBC?

O encontro se dá entre você, as pessoas que não veem (apenas) com os olhos, entre o grupo da orientação coletiva, entre as questões que nos surgem, entre as imagens visuais e não visuais... Talvez estes pontos de encontro poderiam ser distribuídos rizomaticamente. O encontro como grande nó de onde saem as linhas da pesquisa! Nesses encontros, o que está em jogo? Faz-se necessário tornar explícito os seus desejos para os sujeitos da pesquisa.

Este encontro com eles é a metáfora do encontro dos

Um monge descabelado me disse no caminho: “Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha ideia era de fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro. (O olho do monge estava perto de ser um canto.) Continuou: digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo”. E o monge se calou descabelado. (MANOEL DE BARROS, 2013, p. 357)

Impressionante como os encontros fazem romper com as barreiras do tempo cronológico e do espaço físico. *É interessante porque existem algumas coisas que pertencem ao passado e elas voltam em momentos totalmente inesperados. E voltam de outro jeito* (SKLIAR apud SAMPAIO; STEBAN, 2012, p.180). E nos fazem viajar por lembranças, as quais se atualizam no presente com a força expressiva de uma experiência.

O encontro com uma pergunta²⁰ dirigida a mim fez com que minha relação com meus avós e sua casa em constante reforma se tornasse, hoje, experiência. *En ocasiones, la experiencia puede ser [también] una recuperación de lo viejo, una afirmación y no un desmentido de algo quizás sabido pero olvidado, que irrumpe con la fuerza de un recuerdo ante la sorpresa de haberlo olvidado...* (PEREZ DE LARA; CONTRERAS, 2010, p. 24) O vivido já estava lá, nas minhas lembranças. Mas que somente hoje em relação com outro encontro me provocou deslocamento.

Meus avós construíram sua casa ao longo da vida ao jeito de tapera. Pareciam ruínas, e cada parede levantada ou desmoronada distanciava-se cada vez mais do que eu considerava ser *um projeto* para uma casa. Assim como os meus avós, venho construindo, ou melhor, desconstruindo esta pesquisa. Para, talvez, construir uma ruína, que abrigue nela o abandono de muitos dos meus conceitos preestabelecidos e apreendidos ao longo da minha formação, poderia assim dizer, ao longo da vida.

Você usa a metáfora da construção de uma casa para discutir sua pesquisa, no entanto, o que vejo aqui é a própria desconstrução! Por que insistir em construir?

Ans 17 de março de 2016 (banca de qualificação)

Estas foram as palavras que, como gesto generoso, encontraram-se comigo e me fizeram romper com força as minhas lembranças de vida com meus avós paternos. Que me fizeram perceber a riqueza e a beleza que estavam nas ruínas que construíram. Portanto,

²⁰ Esta pergunta foi feita pelos professores que compuseram a banca de qualificação em 17 de março de 2016.

desejo compartilhar um pouco das minhas lembranças... Para que, com elas, possamos forçar o pensamento a pensar (DELEUZE, 1988) com o que vimos, historicamente, construindo e reforçando como ciência.

Morávamos todos no mesmo quintal, meus avós, meus pais, meu irmão e eu. Além de nós, havia também a minha tia (por parte de pai) com seus três filhos que frequentavam diariamente nossas casas. Todos, embora tivessem suas casas, adoravam ficar na “casa da minha vó”, como costume, carinhosamente, dizer. Tal moradia era simples, com estrutura básica e sem nenhum requinte arquitetônico. Suas paredes chapiscadas desenhavam o que o desconjuntado telhado português cobria, proporcionando, não tão eficazmente, abrigo, calor e aconchego a todos que chegavam. A típica casa da vó, onde comíamos a melhor comida, aprendíamos as receitas mais estranhas e ouvíamos as histórias de roça mais assustadoras e instigantes possíveis.

Com o passar dos anos, as inúmeras obras projetadas pelo meu avô foram dando ao edifício uma configuração e uma estética outra que a tornaram distante do que entendia ser uma casa. Claro que é importante dizer que falo desde um olhar sudeste, educado pela escola, na qual aprendemos e apreendemos o conceito de casa como aquele típico modelo europeu: com quarto, sala, cozinha e banheiro. Onde se entra pela sala, na qual se tem acesso ao corredor que liga aos quartos, banheiro e cozinha, sendo esta o último cômodo da casa dando acesso aos fundos do quintal.

A casa construída, ou desconstruída por meus avós, não cabia dentro desse molde. Por vezes eu lhes dizia, que em vez de ficar remendando um cômodo no outro, seria melhor derrubá-la por completo e construir uma nova. Mas meus avós resistiam a esta ideia, e (re)existiam num lugar outro, numa casa outra, num modo outro de estar e compreender o mundo. Sua casa parecia um labirinto, ora entrava-se pela sala, ora entrava-se pelo quarto, ou então pela cozinha. Abriam-se portas onde se desejava! Bastava uma noite mal dormida para responsabilizar o novo buraco, a ponto de fechá-lo novamente e abri-lo em outro lugar. E assim seguiam... E cada vez mais suas paredes eram mais desconexas e marcadas por todas as portas (entradas) feitas e desfeitas. A cada entrada, uma nova marca na parede.

A cada encontro com a pesquisa, uma nova marca na pele de seus sujeitos... Somos sujeitos expostos. Entretanto, a exposição requer uma atitude de disponibilidade, uma ação ética de se colocar disponível ao que acontece, deixar-se ser território de passagem da experiência. E esta, a experiência, a que nos desloca do lugar de tranquilidade, que nos *forma*, que nos *faz como somos*, que *transforma o que somos e o que converte em outra coisa*

(LARROSA, 2014, p. 48). E vai nos tornando outro, e outro, e outro, e... talvez, até o ponto de não cabermos mais nos moldes de ser...

Um lugar construído ao jeito “tapera de ser” de que o monge de Manoel de Barros nos indica. Era uma casa em ruínas! Não porque fora abandonada, mas porque fora construída ao modo de ruína, pois ruína é uma desconstrução (BARROS, 2013, p. 357). Desconstruía-se o que entendíamos por casa... Desconstruía-se o que se entendia por ciência... Desconstruir...

(...) consiste em desfazer, sem nunca destruir, um sistema de pensamento hegemônico e dominante. Desconstruir é de certo modo resistir à tirania do Um, do logos, da metafísica (ocidental) na própria língua em que é enunciada, com a ajuda do próprio material deslocado, movido com fins de reconstruções cambiantes. (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004, p. 9, apud PEDROSO JUNIOR, 2010, p. 12)

Desconstruir para decompor uma estrutura, estranhar seu funcionamento, por em questionamento suas verdades... Como meus avós, experimentar, fazendo, outros modos de fazer uma casa, de compor uma pesquisa. Desconstruía-se o que entendia como pesquisa... desconstruía-se o que entendia como formação... e... talvez... desejo, nestas desconstruções, fazer renascê-las...

Numa manhã em que lhes visitava, ouvia de minha avó os seus lamentos: – Não gostei dessa parede aí! – disse-me com ar descontente após a reforma feita em sua cozinha. Há dois dias havia dividido a imensa cozinha ao meio – que em outro momento já havia sido varanda e fogão à lenha –, mas que desta vez decidiu-se por transformá-la em metade cozinha e metade área de serviço, lugar aberto que dava acesso ao quintal dos fundos e ao único banheiro da casa, melhor dizendo, fora da casa.

Estava lá, de um lado, a imensa parede dividindo os dois ambientes, e do outro, o descontentamento de minha avó. O motivo para tanta insatisfação foi que a bancada seca que fizera de granito ao lado da pia não comportaria o armário de três portas que acabara de comprar.

– Ali em cima só cabe um móvel de duas portas, e esse tem três! Tenho que dar um jeito... – lamentando-se ao mesmo tempo em que admirava a reforma.

Conversando sobre o lamentável incidente, percebemos que não dava para aumentar o espaço, visto que a parede – recentemente construída – ficava ao lado da bancada. Prontamente, apresentei-lhe a solução, que para mim, era a mais óbvia.

– Vó, vamos vender esse armário e compramos outro que caiba aí!

Fitou-me com seus expressivos e cansados olhos verdes, os quais me diziam: a vida não é tão óbvia assim!

A vida não é óbvia, não é linear e nem harmônica. Esta frase dita por seu olhar vem me perseguindo durante meu percurso nesta pesquisa... e também a cada encontro com pessoas que não veem (apenas) com os olhos. Muitas são as expectativas, os preconceitos, os desejos e paixões... Talvez fixar-me nesses *a priori* me tornaria irredutível à presença do outro. Portanto, seria uma quimera desejar desfazer-me destas certezas a fim de não atropelar o que trazem para estar ali comigo. Este desejo desvela-se – sorrateiramente – como um intento de neutralidade, como se pudesse despir-me de todas as minhas certezas para estar aberta ao encontro.

Não tem como apagar nossas experiências e tudo o que nos compõe ao nos encontrarmos com o outro. Há encontro, porque há diferença, *porque existe um afeto que supõe, ao mesmo tempo, o fato de ser afetado e de afetar* (SKLIAR, 2011, p. 31). A obviedade não nos permite o encontro, o que consideramos dissenso entre os sujeitos é o que dá vida e provoca encontros. Que movimenta a pesquisa!

Na semana seguinte, voltei a sua casa e para minha surpresa já haviam solucionado o caso. Aliás, ela mesma, a minha avó, de aproximadamente 74 anos, quem resolveu o problema do armário que não cabia.

– Leidiana (como me chamava), venha cá! Corre! Vem cá ver o que fiz! Resolvi o problema! O armário ficou ótimo! – Frase recheada de sorrisos orgulhosos.

Ao entrar na cozinha, vejo a parede, recém-construída, quebrada com um buraco na altura do armário. Do lado da cozinha, sobre a bancada seca, parte do armário, mais especificamente duas portas. E, atravessando o buraco, chegando até a área de limpeza, ao lado do tanque de lavar roupas, a outra parte, uma porta.

– Viu!? Resolvi e ainda fiquei com um armário na lavanderia! – disse-me com o mesmo tom de orgulho.

Por vezes, no caminhar da pesquisa, as pistas forjadas nos conduzem a inventar outros caminhos... Nos forçam a quebrar buracos onde só há parede, inventar caminhos outros. E neste movimento vamos tecendo um labirinto com muitos caminhos imbricados, cruzados, atropelados, inventados... Seguir os movimentos da pesquisa nos faz caminhar por lugares desconhecidos... Caso contrário, desconfie.

A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é ressignificado. O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo, de que fala Canguilhem. A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção. (KASTRUP; PASSOS; ESCÓSSIA, 2014, p. 10)

Há algum tempo li um livro chamado *O alvo*²¹. Conta a história de um menino campeão em arco e flecha, pois conseguia acertar todos os alvos dispostos na competição. Certa feita, perguntaram-lhe como conseguira tamanha façanha. E, para desmonte de todos, seguiu a responder: “Ora, eu lanço a flecha e, onde ela cai, eu vou lá e pinto um alvo”.

Ora, toda a bagagem com que vou para cada encontro, na pesquisa, são apenas desejos, alvos preexistentes... Entretanto, numa pesquisa cartográfica, em que se deseja acompanhar processos, sua direção está voltada para *hódos-metá* – *a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa* (KASTRUP; PASSOS; ESCÓSSIA, 2014, p. 13). Os alvos *a priori* são apenas desejos, que no friccionar do encontro com os sujeitos da pesquisa – os quais também trazem seus alvos – sofrem deslocamentos, transformações. Sendo assim, o rigor desta pesquisa concentra-se, não mais em seus objetivos preestabelecidos, mas, sim, na disponibilidade ética por parte do pesquisador a se tornar terreno de passagem (LARROSA, 2014) dos acontecimentos. Seguindo a flecha e pintando alvos, e, neste movimentar, recalibrando o percurso da pesquisa.

Pintamos muitos alvos diariamente. Em vez de ficarmos dando voltas e voltas para comprovar nossas hipóteses e teses anteriores, por que não acompanhar seus movimentos e com eles ir desenhando um outro caminho? Quebrando outras paredes e buracos... Quem sabe podemos até transformar o que já temos num armário para a cozinha e outro para a área de limpeza?!

Nesse ritmo seguiam-se as obras de reforma daquela casa, e seguem-se também as desconstruções ao modo de tapera desta pesquisa...

²¹ BRENAMAM, Ilan. *O alvo*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2011.

Uma casa atravessada por outra... paredes construídas, interrompidas, quebradas... chãos em diversos níveis e pisos com muitas tonalidades e texturas diferentes... paredes pela metade... janelas abertas e fechadas por um curto tempo... outras que perduram um pouco mais... portas que se mudavam constantemente... e os móveis sendo movimentados acompanhando todo este movimento. Olhando de fora, não conseguia ver uma casa. Era uma outra coisa imbricada em outra coisa...

E esta pesquisa? Como vê-la? Como concebê-la? O que ela é? Aliás,

(...) não estou certa de que a pergunta “o que é?” seja a melhor pergunta nem a mais importante. E às vezes, precisamente para não chegar demasiado depressa, para que os processos de elaboração de sentido sejam mais lentos, menos superficiais, menos tranquilos, mais intensos, é preciso resistir a responder a essas perguntas. (LARROSA, 2014, p. 43)

Assim como resisti em tentar conceber o que era afinal o que os meus avós construíram, também resisto à tentativa de alocar esta pesquisa em uma categoria fixa. E ao resistir, meus avós (re)existem em outros modos de moradia... e eu (re)existo em outros modos de seguir pesquisando... e pessoas que não veem (apenas) com os olhos (re)existem em outros modos de ser e de se apropriar da cidade, da vida, do Instituto Benjamin Constant. Então, no lugar de me perguntar pelo “o que é?”, pergunto-me por seus efeitos, e em como narrá-los...

Talvez, o que seja possível: construir desconstruindo, ou vice-versa... Como meus avós, seguir me encontrando com pessoas que não veem (apenas) com os olhos, e neste percurso ir levantando uma parede, abrindo uma janela, quebrando algum buraco, transformando algum armário...

Talvez a pesquisa seja essa busca, essa inquietude do pensar. Criar coletivamente outros modos de conversar, de ler e de escrever, de escrever-nos, que possamos fazer experiências com o pensamento de uma maneira tão impudica que, quando olhemos para nossas pesquisas e nossos textos, não tenhamos só desenhado outros currais epistemológicos, metodológicos e tudo o que acabe em *lógic@s*. (RIBETTO, 2009, p.20)

Proposta ousada essa, feita pela banca! “*Por que não apostar numa pesquisa em que se desconstrua uma pesquisa?*”²² Pensar a pesquisa, e desejar fazer pesquisa, para além de um processo de construção de conhecimento dado *a priori* a fim de se tornar verdades prescritivas. E apostar neste movimento como um processo de autoformação que se dá no coletivo de forças entre sujeitos, políticas, experiências, efeitos, arte etc. Apostar num modo

²² Notas feitas durante a banca que qualificação, no momento da fala da Profª Drª Carmen Pérez.

de se fazer pesquisa a fim de construir ruínas para saberes abandonados, saberes vazios de gente, fadados de informar (BARROS, 2013), de explicar, de prescrever...

4.1- Esgarçando as fronteiras de uma pesquisa...

A pesquisa tem por nome provisório *Encontrar(se), (não)ver(se), diferir(se): platôs para pensar a educação de pessoas que não veem (apenas) com os olhos* desenvolvida durante o curso de mestrado em Educação pelo Programa de pós-graduação em educação: processos formativos e desigualdades sociais.

Nela, busco conhecer, através de encontros com pessoas que não veem (apenas) com os olhos, suas experiências e seus percursos de vida em relação ao mundo que produzimos, quais os processos de deslocamentos possíveis e os efeitos que criam na própria invenção de outros modos de vida. E neste movimento investigativo proliferam, também, questões acerca dos múltiplos modos de pesquisar e, concomitantemente, faz-me problematizar a linguagem possível de narrar tais experiências.

Ao caminhar e tecer esta pesquisa, pergunto-me por que o IBC? Pergunta esta provocada durante as orientações coletivas que acontecem semanalmente entre minha orientadora, bolsistas de Iniciação Científica, professores de outras instituições que participam como ouvintes e colegas de curso. Nestes encontros lemos e orientamos os textos de cada uma com sugestões de leituras, discussões conceituais acerca do que fora escrito etc... Um momento que materializa e potencializa a pesquisa, por seu caráter coletivo, fruto de múltiplas linhas que nos atravessam na vida. Nestes encontros, somos, reciprocamente, *ajudadas, aspiradas, multiplicadas* (DELEUZE; GUATARRI, 2011, p. 17). E nestes movimentos, ajustamos, coletivamente, os sentidos e atenção para o que desejamos conhecer, tocar, sentir, perceber em nossas pesquisas... Deslocamo-nos enquanto pesquisadoras, alunas, mulheres, professoras... Desloca-se também a pesquisa, e, por conseguinte, reconfiguram-se as perguntas...

O que há no encontro entre desconhecidos? Que sentidos e efeitos podem surgir ao me encontrar com outros modos de vida? Que mundos outros podemos perceber quando não olhamos (apenas) com os olhos? Quais seriam os deslocamentos, os caminhos inventados? Suas rotas, fugas? Como resistir a um mundo saturado de profusões visuais?

Como (re)existir? Nesses mundos (outros), *quais seriam as dimensões do visível?* (COELHO, 2006, p. 12). O que abarcaria o sentido de ver? O que seria ver?

Percebo que a invenção do espaço, assim como tudo o que vemos neste mundo, está intimamente relacionada com as nossas experiências (LARROSA, 2014), com aquilo que nos constitui. Somos território de passagem, planos de experiência (Idem, 2014). O funcionamento do nosso corpo é ramificado, atravessado por muitas linhas de diversas outras composições que nos inventam e forjam o mundo em que nos movimentamos.

A descontinuidade das células, o papel dos axônios, o funcionamento das sinapses, a existência de microfendas sinápticas, o salto de cada mensagem por cima destas fendas fazem do cérebro uma multiplicidade que, no seu plano de consistência ou em sua articulação, banha todo um sistema, probabilístico incerto. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 34)

Nosso corpo transborda os contornos visíveis. Somos sujeitos rizomáticos, atravessados por experiências que, segundo Larrosa, só acontecem no encontro com o outro, na relação. As linhas que nos compõem são abertas a muitas outras conexões. Deste mesmo modo esta pesquisa transborda contornos visíveis, esgarça fronteiras que delimitam um campo. Por isso, o Instituto Benjamin Constant torna-se apenas um dos espaços nos quais nos encontramos. O IBC – durante a pesquisa – passou de ser “o campo” e se transformou em uma das linhas que compõem o plano de encontros: é aqui onde a gente se encontra, mas não é apenas aqui onde o encontro acontece.

Leidiane,

Por que tratar de campo quando está compondo platôs? Pois os momentos são diferentes com intensidades diferenciadas, e a ideia de campo delimita muito, é muito demarcado. Talvez, o movimento necessário seja abandonar a ideia de campo e tratar do IBC como um dos lugares de encontro.

Ao entender que a pesquisa não acontece num campo delimitado, mas que coemerge das relações agenciadas (entre) os sujeitos que a compõem (KASTRUP; PASSOS; ESCÓSSIA, 2014), precisamos desconstruir as delimitações fronteiriças. *A intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência – o que podemos designar como plano da experiência* (Idem, 2014, p. 17). Por isso, o IBC já não é mais o lócus privilegiado, não há mais um campo de pesquisa – talvez nunca tenha sido –, ele é apenas uma das linhas. Esta pesquisa, que não tem campo, se passa num plano de experiência. Um plano composto por diversas linhas e de natureza diferente (emaranhadas, alocadas, realocadas ou até mesmo descartadas) na medida em que nos permitimos ser atravessados pelos acontecimentos forjados a cada encontro.

4.2- Entrando de visitante: em uma instituição e em uma língua desconhecida...

Coletivo...

Uma palavra que tem me atravessado constantemente!

Um trabalho coletivo, feito a muitas mãos... atravessado por muitas vozes...

Como escrever em primeira pessoa?

Eu... Nós... Outros?

Eu... Outros

Nós – Eu multiplicado e atravessado

Outros – Muitos outros, inclusive eu.

(Diário de pesquisa, 21 de setembro de 2015)

Considerando que objeto, sujeito e conhecimento são efeitos coemergentes do processo de pesquisar (KASTRUP; PASSOS; ESCÓSSIA, 2014, p. 18), não há como produzir esta pesquisa sem, o quanto antes, me encontrar com seus participantes. *O ponto de apoio [nesta investigação] é a experiência, entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge no fazer* (KASTRUP; PASSOS; ESCÓSSIA, 2014, p. 18). No encontro com as leituras, as orientações coletivas²³, com as pessoas que não veem (apenas) com os olhos, com o Instituto Benjamin Constant (IBC), é que encontro as pistas para produzir este caminho investigativo. A pesquisa se compõe no entre de todas estas linhas.

²³ Encontros semanais entre professora-orientadora, mestrandas do mesmo programa, bolsistas de Iniciação Científica e professoras da rede municipal e federal de ensino. Compartilhamos nossos textos e contribuimos com orientações. Espaço que dimensiona mais uma vez o coletivo de uma pesquisa.

Não há como seguir com a pesquisa sem, o quanto antes, me encontrar com eles! Mas para que isso aconteça, é necessário trabalhar também com as linhas duras... linhas institucionais...

Fui ao Instituto Benjamin Constant para entregar os documentos de solicitação de autorização para esta pesquisa. Já comecei as disciplinas do primeiro semestre no curso, o tempo urge e preciso o mais rápido possível ter esta autorização.

– Nossa! Quantos papéis! Quantos formulários!

- ✓ CARTA DE APRESENTAÇÃO;
- ✓ FORMULÁRIO DE SOLICITAÇÃO PARA DESENVOLVER PESQUISA CIENTÍFICA;
- ✓ FORMULÁRIO DE PROJETO DE PESQUISA RESUMIDO;
- ✓ PRÉ-PROJETO: “Práticas entre artes e inclusão: a produção de fotocartografia com pessoas que não veem com os olhos no Instituto Benjamin Constant” (Título provisório no início da pesquisa);
- ✓ FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS;
- ✓ PLATAFORMA BRASIL – MINISTÉRIO DA SAÚDE – Conselho Nacional de Saúde – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – Conep²⁴.

Todas com letras garrafais, tamanha era sua imponência e seu imperativo de “cumpra-se”. Vale trazer para o corpo do texto estes movimentos burocráticos, mais engessados, pois também fazem parte da pesquisa e por isso torna-se importante ser cartografado.

Em sistema de *checklist* fui completando cada etapa...

Cada etapa a ser executada, um formulário a preencher. Pediam coisas que me levavam a voltar por várias vezes ao projeto para procurar, e que por inúmeras vezes não encontrava de maneira tão literal, tais como: objetivos gerais, objetivos específicos, hipótese 1, hipótese 2, 3, 4, 5...

²⁴ A Plataforma Brasil é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/Conep. Ela permite que as pesquisas sejam acompanhadas em seus diferentes estágios – desde sua submissão até a aprovação final pelo CEP e pela Conep, quando necessário –, possibilitando inclusive o acompanhamento da fase de campo, o envio de relatórios parciais e dos relatórios finais das pesquisas (quando concluídas). O sistema permite ainda a apresentação de documentos também em meio digital, propiciando ainda à sociedade o acesso aos dados públicos de todas as pesquisas aprovadas. Pela internet é possível a todos os envolvidos o acesso, por meio de um ambiente compartilhado, às informações em conjunto, diminuindo de forma significativa o tempo de trâmite dos projetos em todo o sistema CEP/Conep. Disponível em: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf;jsessionid=B4A15FFD17AF802B85A59CC6AD42C31C.server-plataformabrasil-srvjpdf1300>. Acessado em: 4 de setembro de 2015.

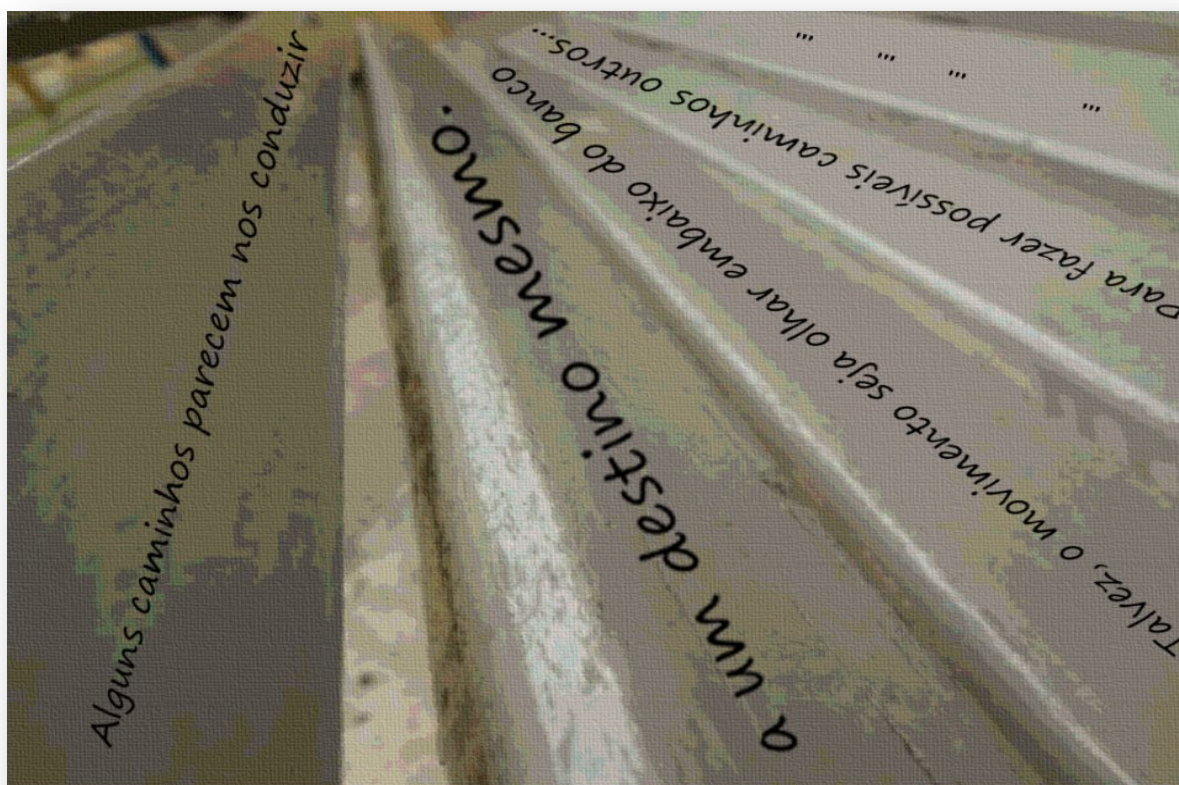
– Onde coloco as perguntas??????????????

– Eu quase não tenho hipóteses...

Ouvi há alguns dias que sem perguntas não há como seguir escrevendo... seguir pesquisando.

– Como pesquisar e escrever apenas com hipóteses?

Este exercício, de ler o projeto de pesquisa com outros olhos e traduzi-lo para uma outra língua, talvez a língua majoritária deste território a que venho me achegando, foi duro! Cansativo! Exaustivo! Contudo, importante: para que minha entrada na instituição pudesse ser autorizada... E, embora não conduza a pesquisa por este caminho, pude perceber outras nuances deste processo investigativo.

Figura 7²⁵

Cara amiga,

Revendo algumas de minhas fotos no computador, encontro esta. Fiquei olhando ela por alguns segundos e por fim resolvi enviá-la a você.

Tenho andado, ultimamente, por caminhos muito diferentes dos que estou acostumada. São praticamente os mesmo espaços, mas com caminhos diferentes, entende?

Eles têm exigido outras formas de andar... Outros ritmos... Outras velocidades de caminhada.

²⁵ Foto: Leidiane Macambira.

4.3- Caminhando com outros passos: guiada pelo ritmo do metrônomo²⁶ feito de bengala

Com adesivo de visitante, atravesso a roleta, viro à esquerda – sinto um piso bem lisinho, como me alerta Maria Helena²⁷, participante da pesquisa que um dia me conduziu até a casa 3 de Atividade de Vida Diária (AVD). Nunca mais andei por aquele espaço com a mesma percepção, sem me atentar para esses referenciais.

Viro novamente à esquerda, escolho a porta da direita, sigo em frente, depois à direita. Um belíssimo campo gramado e verde prende minha atenção... Preciso seguir no corredor de chão duro e áspero de concreto! Passo por outra porta, ao lado sinto o cheiro bom de comida fresca, o refeitório! Fez-me lembrar de que estava com fome. Não podia desviar do foco, afinal, tinha hora marcada!

Enfim, chego ao prédio da Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação (DDI). Entro pelos corredores que me conduziam entre suas curvas sem nenhuma opção além do “Acervo”, também chamado: Núcleo PesquisarCOM²⁸.

Ainda com o adesivo de visitante preso ao busto, apresento-me à Damiana – secretária que gentilmente me acompanhou por telefone por todo este processo de preenchimento de formulários e Plataforma Brasil – para entregar os documentos pessoais e toda esta parafernália de papéis que tiraram meu sono nas noites anteriores. Fui interpelada pelo seguinte chamamento: “Pesquisadora”.

...

...

Por milésimos de segundos, que em mim parecia infinito diante de tantas questões que me atravessavam naquele instante, percebi a seriedade do trabalho que se iniciava. E nas outras vezes que fui lá, ainda na graduação? Não seria também uma pesquisadora? Tinha perguntas... estranhamentos... curiosidade... Por que só no mestrado recebo este título? Seria eu mesma essa pesquisadora? Ou seria o poder destes papéis, todos intitulados com letras garrafais? O que faria de mim, então, pesquisadora? Perguntas? Estranhamentos?

²⁶ Aparelho que funciona como um relógio que marca o tempo e o ritmo musical.

²⁷ Maria Helena participou de um dos encontros. Ao término a acompanhei até a sala onde seria sua próxima aula, Atividade da Vida Diária (AVD), eu não sabia onde era, então ela que me conduziu. E quando chegamos à recepção, ela disse: *Esse piso é tão lisinho! Agora, vire à esquerda!*

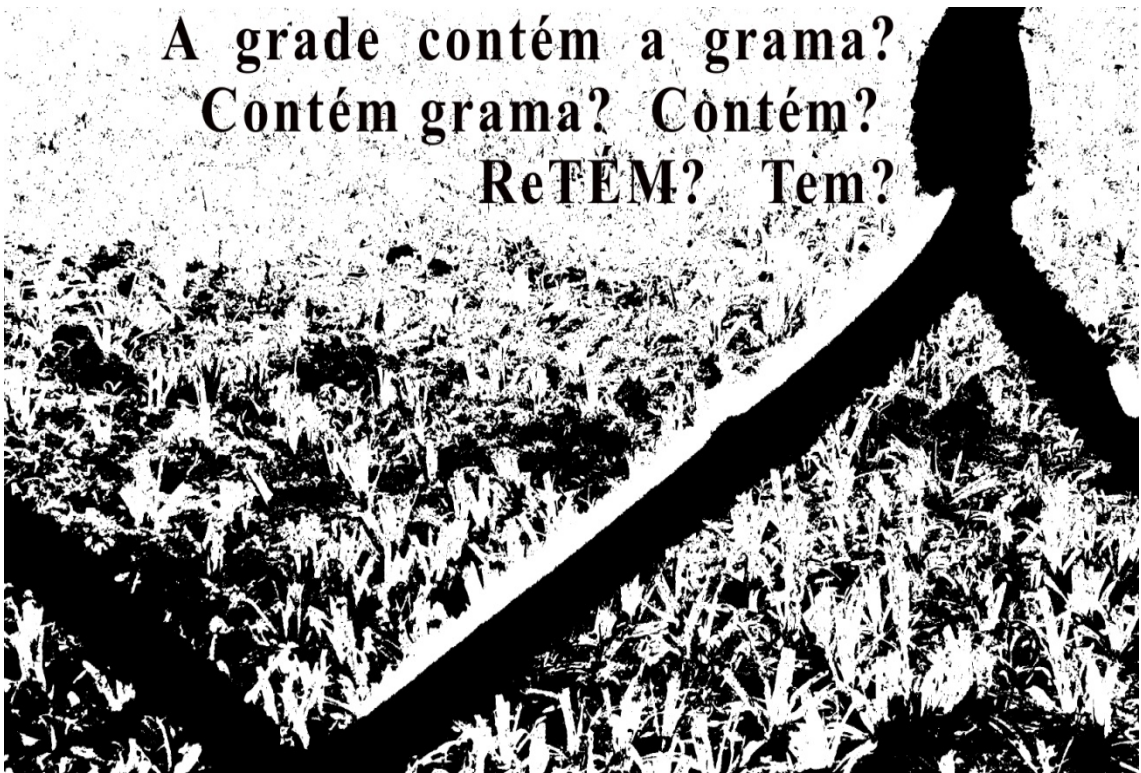
²⁸ Setor responsável por administrar todas as pesquisas científicas realizadas na instituição.

Experiências? Curiosidade? Papéis? Sensibilidade? Citações? Artigos publicados? Todas estas coisas?

??

Eu sou o que me chamam? Onde inicia esta pesquisa? Desde agora com todo este ritual de apresentação de formulários? Desde a graduação? Quando? Teria um início? Apenas rizomas.

Figura 8²⁹



²⁹ Foto: Leidiane Macambira.

Ainda à espera pela resposta de autorização da pesquisa... Sigo vivendo. Vivendo a filha, o marido, o trabalho, a religião, as disciplinas eletivas e obrigatórias do curso, os amigos, a dissertação... Enfim, todos estes afazeres que me atravessam em devir mulher-pesquisadora. E no meio desta vida, uma ligação telefônica!

– Boa tarde, Leidiane! É a Damiana do IBC... Temos um grupo de reabilitandos que poderiam participar de sua pesquisa. Eles não são alunos, são reabilitandos! Interessa a você?

Neste momento, não sabia o que responder. Afinal, o objetivo inicial da pesquisa era trabalhar com os alunos. Disse a ela que estava em dúvida, mas afirmei que conversaria com minha orientadora para pensarmos juntas sobre a questão. Imediatamente, pensei que talvez não tivesse problema, que até seria uma experiência interessante! Mas precisava de uma outra opinião. Liguei então para Anelice e contei todo o ocorrido. Sua fala, em vez de um SIM ou um NÃO, confortantes e objetivos, trouxe mais questões!

– Como assim? Será que eles realmente não são da escola?

– O que é escola para você?

– Em que parte do IBC fica a escola?

– A reabilitação não estaria também dentro da escola?

– O que seria reabilitar dentro de um contexto educacional?

– Seria educar para um outro modo de vida?

– Não seria isso que as escolas fazem?

Formando... (Des)formando... Dando outras formas... Por vezes até aniquilando as formas anteriores... A forma ideal: o projeto de sociedade que querem(os) que sejamos. Isso também não seria reabilitar? Seríamos todos reabilitandos?!

Passada algumas semanas...

Entrada no IBC autorizada! Uma das tensões passou! Entretanto, fica a preocupação pela autorização por parte da Plataforma Brasil, uma instituição governamental responsável por autorizar e acompanhar pesquisas feitas com seres humanos. Nesta plataforma, o processo de autorização requer maior tempo, no mínimo quatro meses.

Uma preocupação, diria até que um medo. E se não autorizarem? Como ficará a pesquisa que já estava em andamento? Poderia continuar? E as experiências surgidas a partir dos encontros ali firmados? Não seria ético, diante de uma não autorização, disponibilizar tais experiências em minha dissertação? Deveria abrir mão dessas experiências? O que fazer então?

Tantas perguntas e inseguranças... Mas desde quando a vida se faz na segurança? Por que a pesquisa seria diferente? Que peso teria um papel frio com um timbre institucional e algumas palavras administrativas legitimando o “AUTORIZO”? Autoriza o quê? Autorizaria a possibilidade de me relacionar com as pessoas daquele lugar? Autoriza o encontro? O encontro de olhares? Autoriza????????????? Que serventia teria um papel para que o encontro entre olhares aconteça?

Neste momento, este encontro tem sido o maior desafio! Mais complexo que escrever um texto dissertativo, que preencher formulários, plataformas na internet, participar das disciplinas curriculares, é encontrar e conversar com o outro! Como Larrosa (2006) já percebeu em suas pesquisas, precisamos criar juntos uma língua para podermos conversar... Ainda estamos criando...

4.4- Dar a ver talvez... O Instituto Benjamin Constant...

Como na maioria dos processos de criação de instituições destinadas às pessoas com deficiências, o Instituto Benjamin Constant também é fruto do engajamento de pais e pessoas cegas, cujo direito à educação especializada no Brasil, até meados do século XIX, ainda não era garantido por lei. Segundo fontes disponibilizadas no próprio *site* da instituição, em 1835 houve a primeira demonstração oficial de interesse à educação das pessoas cegas em nosso país, através de um projeto de lei enviado à Assembleia Geral Legislativa por intermédio do Conselheiro Cornélio Ferreira França, deputado da Província da Bahia.

Tal projeto solicitava uma “Cadeira de Professores de Primeiras Letras para o Ensino de Cegos e Surdos-Mudos, nas Escolas da Corte e das Capitais das Províncias” (LEMOS; FERREIRA, MEIO DIGITAL). O pedido não fora atendido por uma série de questões políticas, como o final de mandato do governo da época por exemplo.

Entretanto, somente em 1853 o professor José Álvares de Azevedo e o Dr. Sigaud conseguiram enviar através do ministro secretário de Estado dos Negócios do Império, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, a proposta para a criação de uma escola especializada na educação de pessoas cegas. A qual fora intitulada por Imperial Instituto de Meninos Cegos, atualmente chamada de Instituto Benjamin Constant (IBC).

O que se torna interessante nesta história, que pode ser encontrada em inúmeros bancos de teses e *sites* institucionais, é o modo com o qual as pessoas engajadas se movimentaram até a data que oficialmente conhecemos como o ano de criação do Instituto Benjamin Constant – a saber, 17 de setembro de 1854.

José Álvares de Azevedo era um rapaz cego proveniente de família rica e que teve oportunidade de estudar no exterior. Sua formação acadêmica aconteceu em Paris, no Instituto Imperial dos Jovens Cegos. Quando voltou para o Brasil, ocupou-se do ofício de professor de Braille de Adèle Marie Louise Sigaud, filha de Dr. José Francisco Xavier Sigaud, que era médico da Imperial Câmara.

Dr. Sigaud, ao conhecer as aspirações do jovem professor em criar no Brasil uma escola especializada na educação de pessoas cegas nos moldes da escola que frequentara em Paris, apresentou-o ao Barão de Rio Bonito, o qual poderia ser ponte direta ao Imperador D. Pedro II.

As táticas criadas pelo jovem professor e pelo Dr. Sigaud, segundo Lemos e Ferreira³⁰, eram mostrar ao Imperador, através de José Álvares de Azevedo, que as pessoas cegas poderiam ler e escrever por outros meios, pelo sistema Braille por exemplo. E que por isso tinham o direito à educação. A partir deste movimento, reformularam o requerimento enviado à Assembleia, o qual foi aprovado com êxito.

Em 17 de setembro de 1854, com a presença do Imperador, a Imperatriz e as mais altas autoridades da Corte e do seu primeiro diretor, o Dr. Sigaud, foi inaugurado o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em solenidade cujo registro, publicado no *Jornal do Comércio* do dia subsequente. (LEMOS; FERREIRA, MEIO DIGITAL)

Nesta mesma fonte de pesquisa há a transcrição feita da publicação do jornal da época em relação à solenidade de inauguração do instituto, a qual diria ser uma imagem não visual feita pelo redator do jornal.

Assistirão a este acto os ministros, alguns conselheiros de estado, senadores, deputados, e muitas pessoas gradas. Estiverão também presentes muitas senhoras de distincção.

Os meninos apresentarão-se já vestidos com uniforme do collegio. A scena da inauguração foi tocante e comoveu a muitos corações.

Tocarão as bandas de musica do batalhão de fuzileiros, que fez a guarda de honra e a dos menores.

O edificio é o da antiga residência do primeiro Barão do Rio Bonito, no morro da Saúde, vasto, espaçoso e arejado, com boa chacara, para recreio dos meninos, e está adornado com gosto e simplicidade. (LEMOS; FERREIRA, MEIO DIGITAL)

Produzi em mim uma imagem visual ante esta outra imagem não visual relatada pelo jornal da época. Assisti-a como a um filme de película do cinema mudo. Criei imagens e movimentos a partir da redação deste jornalista que fora recortada, focada e fotografada pelos autores do artigo que pesquisara nesta dissertação. A foto da foto... Melhor dizendo, a imagem da imagem. Que outras imagens visuais ou não visuais podem ser possíveis a partir de nossas experiências? Como seria esse IBC *praticado*? (CERTEAU, 2014).

³⁰ LEMOS, Francisco M.; FERREIRA, Paulo F. *Instituto Benjamin Constant: Uma História Centenária*. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/?catid=79&blogid=1&itemid=387>. Acessado em: 28 de outubro de 2015.

Leidiane,

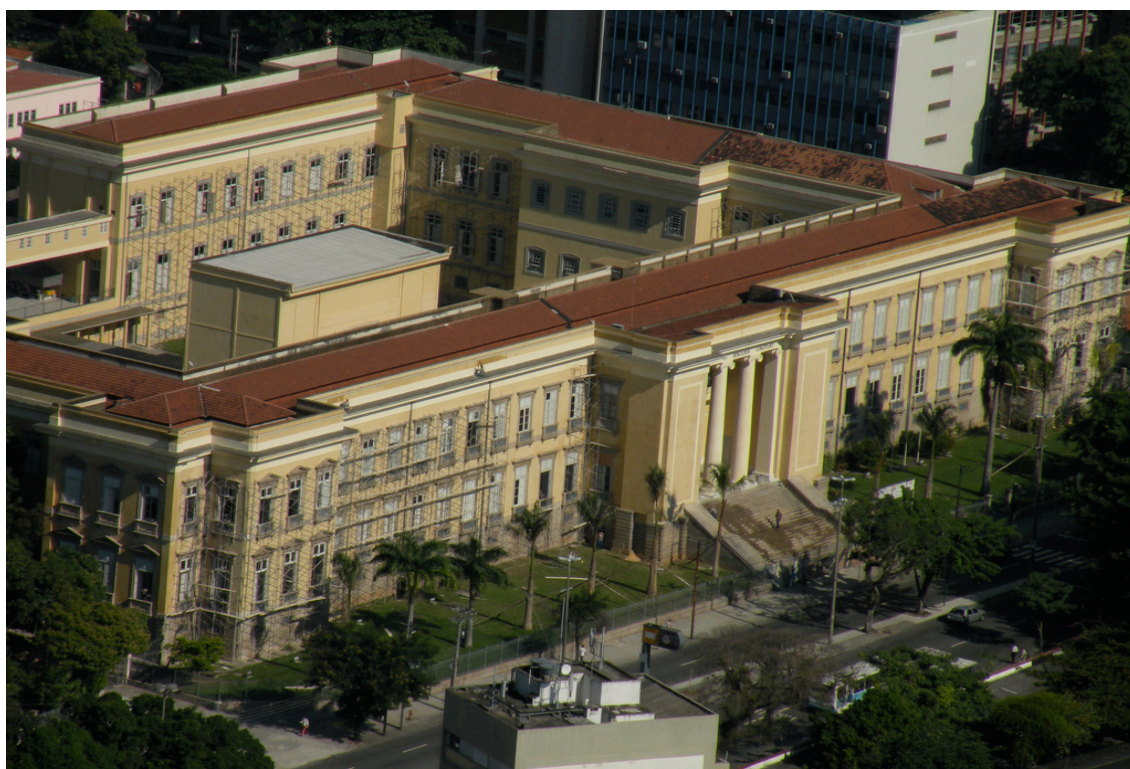
O IBC não é o “IBC”, o que você precisa trazer para a dissertação é o IBC praticado pelos sujeitos com quem tem se encontrado. Como aqueles sujeitos, que praticam aquele espaço, que o transformam, veem aquele espaço? Na visita guiada percebeu-se outro IBC. Como é esse lugar para eles? Por que não deixá-los mostrarem esse lugar? (Talvez pela narrativa do trajeto...)

O que dá vida ao lugar são as relações que produzimos, os encontros forjados, os usos que fazemos dele. Por isso, para além de dar a ver os espaços físicos e sua construção histórica e institucional, o que mais nos cativa e penso ser a riqueza deste trabalho são os IBCs inventados a cada dia, no movimentar efêmero da vida cotidiana.

Pensando na produção de múltiplas possibilidades de sentidos outros a partir de experiências no IBC vividas por pessoas que passaram por lá – desde Álvares de Azevedo, Sigaud, as pessoas com quem me encontro e eu –, pensei em trazer neste platô imagens visuais e não visuais de histórias oficiais e, também, mas não como um contraponto, imagens visuais e não visuais de histórias mínimas compostas por pessoas “anônimas” que vivem naquele lugar e que com seus modos de viver resistem, (re)existem e inventam outros IBCs.

Dar a ler (o que ainda não sabemos ler): dar a pensar (o que ainda não pensamos) (LARROSA, 2004, p. 17). Desejando dar a ver aquele lugar a partir de outros olhos, outras vozes, outros ângulos... Dar a ver o que ainda não sabemos ver...

A seguir darei a ver um repertório de imagens visuais e não visuais produzidas por pessoas que não veem (apenas) com os olhos, imagens que de algum modo nos ajudam a compor os sentidos que nos atravessam em relação ao IBC.³¹

Figura 10³²Figura 11³³

³¹ Fonte: <http://www.ibc.gov.br/Nucleus/?catid=92&blogid=1&itemid=447>. Acessado em: 7/11/2015.

³² Fonte: <http://www.jotazerodigital.com.br/noticia/images/grd/benjamin-grande.jpg>. Acessado em: 22/6/2016.

Figura 12³⁴Figura 13³⁵

³³ Fonte: http://portais.seed.se.gov.br/sistemas/portal/noticias_fotos/n8897_2.jpg. Acessado em: 22/6/2016.

³⁴ Foto: Leidiane Macambira.

³⁵ Fotografia composta pela autora deste trabalho.

Figura 14³⁶

4.5- Paisagem sonora: minha escuta no Instituto Benjamin Constant

Sons de buzina... Motores de automóveis... Bengalas batendo no chão... Sinal sonoro... Conversas alheias pelo saguão... A cada ida ao IBC parece-me que os sons são sempre os mesmos. Passam despercebidos... quase neutralizados à minha audição. Perceber imagens (in)visíveis no demasiado conhecido é um exercício duro. Fazia-se necessário desautomatizar o olhar, (...) *liberar o sonoro do domínio do audível, liberar a escuta do domínio exclusivo do sonoro e do musical* (GODOY, 2011, p. 10). Como se a atenção ficasse flutuando e ao mesmo tempo focada em muitos pontos.

E aos poucos o pedal da bicicleta começa a aparecer... o canto do pássaro ganha volume... os passos ganham destaque... A sonoridade daquele ambiente muda. Como se mudasse também o ambiente... E, até mesmo quem escuta.

Escuta disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y8pd4gSxgZY>

³⁶ Foto: Leidiane Macambira.

4.6- Paisagem sonora: imagem não visual do IBC

*Quando o mundo abandonar o meu olho.
Quando o meu olho furado de belezas for esquecido pelo mundo.
Que hei de fazer?
Quando o silêncio que grita de meu olho não for mais escutado.
Que hei de fazer?
(Manoel de Barros, 2013, p. 346)*

– Isso! Siga em frente, está vendo uma porta? Ali que entraremos... Calma... Espera aí. Não é essa porta. É a outra! Ande mais um pouco adiante! Está vendo? Chegamos do lado de fora! Aqui é o estacionamento, vamos atravessá-lo para lhe mostrar uma coisa.

– Me desculpe! Não vi o buraco! Machucou-se?

– Claro que não! Eu já conheço esse buraco! Todos os dias ele tenta me enganar! –
Alguns risos e seguimos o percurso.

Escuta disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6IM8r8E3Ycc>

Figura 15³⁷



³⁷ Foto: Leidiane Macambira.

Atualmente, o Instituto Benjamin Constant atua como Centro de Referência Nacional na educação de pessoas cegas, surdocegas e com baixa visão desde a educação infantil até o ensino médio. Conta também com serviços de adaptação de material didático, imprensa Braille, desenvolvimento de *softwares* descritores para materiais didáticos do Ministério da Educação. Oferece cursos profissionalizantes, conta com professores pesquisadores da própria instituição e também de universidades externas.

Oferece também à comunidade atendimento oftalmológico e de reabilitação. Neste último é que se encontram os sujeitos com os quais me encontro. São pessoas que se tornaram cegas ao longo da vida e que veem no instituto um lugar para continuar vivendo, resistindo e reafirmando outros modos de vida num mundo organizado pela lógica visual.

“*O Instituto Benjamin Constant é a capital dos cegos. Entretanto é pouco acessível. É muito difícil andar por aqui sem estar acostumado.*”³⁸ Esta fala reafirma ainda mais o motivo pelo qual escolhi desenvolver a pesquisa nesta instituição. Embora o IBC se coloque, institucionalmente, como um lugar de referência na educação e atendimento de pessoas cegas, surdocegas e com baixa visão, ainda existem ranhuras e lacunas que de alguma forma desestabilizam a “perfeição” apresentada pelas imagens oficiais.

Contudo, as pessoas que compõem aquele espaço ainda desejam estar lá, desejam fazer parte daquele lugar por inúmeros motivos. Talvez, um dos principais motivos seja o encontro, o estar junto. *Estar juntos para fazer durar o mundo; para retirar a sombra da cada vez mais impaciente aceleração da vida; para que, ao fim e ao cabo, exista mundo* (SKLIAR, 2011, p. 33). Um lugar considerado “Capital dos Cegos”, mesmo não sendo perfeito, ainda é o melhor lugar para estar. Para estar junto, somar forças... conviver... resistir... (re)existir... criar mundos possíveis de serem habitados.

Reafirmando mais uma vez, o IBC é uma das linhas do plano de experiências e de encontros. As aulas, oficinas, participações em pesquisas funcionam como um artifício para estarmos juntos, para forjar os encontros. Por isso faz-se necessário seguir na construção desta ruína (pesquisa) ao modo de tapera, para dar ver, ou pelo menos tentar, um plano de experiência que esgarce as fronteiras físicas de um “lócus de pesquisa”, o qual é redesenhado constantemente pelos movimentos de seus sujeitos. Estende-se para o sinal de trânsito que fica na rua, para a Rocinha, para Maricá, São Gonçalo, e para tantos outros lugares virtuais

³⁸ Trecho retirado da fala do representante dos alunos do Instituto Benjamin Constant durante a cerimônia de comemoração do aniversário da instituição no dia 17 de setembro de 2015.

impossíveis de serem descritos nestas linhas, mas que atravessam nossos encontros. Isso, nosso plano de experiência são os encontros que forjamos diariamente naquele lugar. Encontros estes inventados por eles muito antes de conhecê-los.

Vale aqui relembrar algumas das falas de seu Eli e Regina Célia ao perguntar-lhes o que faziam lá. As duas falas atravessaram como apenas uma, pois foi dessa forma como me disseram. Ou seja, em muitas linguagens diferentes querem me dizer:

– Ah, eu faço muitas coisas! Faço academia, dança, oficina de cerâmica, canto no coral, faço curso de degustação de café, faço culinária... e tantos outros cursos.

Diziam-me isso, ao passo que eu mesma me perguntava, qual nexo há na escolha desses cursos? Diziam-me insistentemente o que relutei não perceber. O encontro. Os cursos são apenas motivos para estarem juntos, para conviverem, para se encontrarem.

Pode ser que Eli, Sandra, Regina Célia, Joaquim, Amélia, e tantas outras pessoas que praticam aquele lugar, tenham *desconstruído* o IBC, fazendo nele uma ruína ao jeito de tapera. Nesta ruína, mora uma palavra abandonada, vazia de gente: chama-se ESCOLA. Talvez, o que fazem lá, faça nascer de seus monturos um lírio chamado ENCONTRO.

5- CRÔNICAS DE ENCONTROS POSSÍVEIS (ENTRE) PESSOAS QUE NÃO VEEM (APENAS) COM OS OLHOS

*Com o que cada um vai para o encontro?
Que possibilidades existem para que cada um
esteja disponível para o encontro?*

Valter Filé

17 de março de 2016

*O outro seria, ao mesmo tempo, aquele que se quer
encontrar e aquele cuja impossibilidade do encontro cria
as próprias condições de construção de uma pesquisa.*
(SIMONI; RICKES, 2008, p. 105)

O caminho se produz à medida que se caminha, que se movimenta. O que dá esse movimento são os encontros.

Eles me deslocam, me inquietam...

Esta pesquisa seria outra sem suas perguntas, inquietações e deslocamentos. Os quais não aconteceriam se não houvesse encontros.

Os encontros me fazem movimentar. São linhas

Não há como iniciar a composição deste platô sem antes pensar nos encontros produzidos, os quais vêm sendo a mola que faz movimentar toda esta maquinaria forjada para dar a ver a pesquisa que se enuncia, a cada palavra que balbucia: encontrar com pessoas que não veem (apenas) com olhos, a fim de conhecer e cartografar suas experiências (LARROSA, 2014) e percursos de vida. Ao passo que a caminhada ganha corpo, ainda que pouco simétrico e um tanto desconjuntado (se for comportá-lo no esquadro do homem vetruviano de Da Vinci, por exemplo), esta pesquisa, como sua escrita, tenta se inscrever e se escrever numa outra língua.

Uma língua que pretende desdizer mais do que declarar certezas e juízos. Pois *a experiência tem a ver com o não dizer, com o limite do dizer. Na experiência sempre existe algo de “não sei o que dizer”, por isso não pode se elaborar na linguagem disponível, na linguagem recebida, na linguagem do que já sabemos dizer* (LARROSA, 2014, p. 69).

Uma língua inventada... Não para que a conversa seja compreendida apenas na esfera do inteligível, mas para que aconteça e atravesse o território do sensível, dos afetos e das afecções, porque mais importante que a afetação em si é a própria ação de afetar. Talvez seja uma língua até impossível de ser traduzida, explicada, entendida... Talvez a conversa que se sustenta nesta língua seja um falar e ouvir por sentidos, onde o racional ou tudo o que for da ordem da explicação não nos sirva, não caiba em nossas bocas. *É um convite, não para explicar nem para compreender, mas para transcorrer e devir eternamente em sua escarpada geografia* (SKLIAR, 2011, p. 27).

Portanto, muitos são os encontros que impulsionam este caminho investigativo. Encontros com a academia... encontros com a docência... encontros com a pesquisa... encontros com modos (outros) de se fazer ciência... encontros com a arte... encontros com a cidade vivida de outras maneiras... encontros com pessoas que não veem (apenas) com os olhos...

Por que encontros? Como mantê-los como um *problema*? Pensado no sentido que Deleuze e Guattari agregam ao conceito. O que faz movimentar, o que dá a pensar, que resiste à sua resolução, mas que se mantém vivo, forçando-nos a produzir pensamento.

O encontro predispõe a presença de um outro. Um outro (LARROSA, 2014) que resiste às nossas vontades, aos nossos desejos, às nossas opiniões ou quaisquer outras formas de controle. Que na sua estrangeiridade passa – sem pedir passagem – no entremeio deste plano de experiências.

O estrangeiro seria “aquele que ameaça o dogmatismo do logos” (DERRIDA, 2003, p. 6), que põe em cena “a guerra interna ao logos” (ibid., p. 9). “Como se o estrangeiro fosse, primeiramente, aquele que coloca a questão” e, ao mesmo tempo, “aquele a quem se endereça a primeira questão” (ibid., p. 5). (SIMONI; RICKES, 2008, p. 105)

O outro, um estrangeiro que chega sem sabermos ao certo de onde vem ou para onde vai... Irrompe as fronteiras enunciando movimentos que afirmam hospitalidade e coragem. Deslocando nossa tranquilidade, certezas, medos e paixões.

O acolhimento – a hospitalidade – vai por conta de sua capacidade de suportar a alteridade sem reduzi-la a um outro abordável e compreensível por seu sistema de significação. A coragem vai por conta da possibilidade de se mover em um terreno onde as bússolas norteadoras do caminho decantam do próprio percurso e não se

situam no *a priori* garantidor de uma ilusória sensação de domínio. (SIMONI; RICKES, 2008, p. 101)

Talvez o encontro só seja possível devido a essa condição estrangeira... *É num estado de profunda ignorância que se vive, aqui e agora, na imanência de desafiadoras condições do sentir, do pensar, do agir... condições cujos blocos se recombina a cada lance dos corpos* (ORLANDI, 2014, p. 2).

Somos estrangeiros em terras desconhecidas... Desconhecidas porque não está nem aqui nem acolá, mas num entre... num plano de experiências que se mantém vivo pelo fluxo constante de agenciamentos no presente. Não estamos fixos num terreno, mas mantemo-nos flutuantes, reconfigurando nossos corpos a cada presente, a cada encontro. A pesquisa, um desenho inacabado, em constante movimento, sempre provisório e singular. Somos desconhecidos atraídos pelas nossas singularidades, movimentamo-nos por desejos e negociação de desejos. Encontro.

Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, só uma longa preparação. Roubar é, ao contrário de plagiar, copiar ou imitar ou fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isto o que faz não algo mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias sempre “fora” e “entre”. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 15)

O encontro é sempre um duplo-encontro, sempre “fora” e “entre”. Muitos desejos e expectativas eu carregava na bagagem ao me encontrar com Eli, Regina Célia, Joaquim, Amélia e Sandra, também pessoas que não veem (apenas) com os olhos e que fazem reabilitação no Instituto Benjamin Constant. Mas o que eu levava para este encontro não era o bastante para que ele acontecesse, tampouco o que eles traziam consigo nos foi suficiente. Nesta relação de alteridade (SKLIAR, 2011) o que sustenta nosso encontro é um *entre*.

Como então produzir um conhecimento acerca do encontro desencontrado com o outro sem apagar seu lugar de alteridade? De que forma dar lugar à língua estrangeira no texto sem realizar a tradução de uma alteridade intraduzível? Como dizer do outro sem assumir uma postura moral? (RICKES; SIMONI, 2008, p. 105)

Como manter viva esta relação? Como conseguir forças para manter a atenção e continuar criando uma outra língua que nem é minha nem deles? Quem seria esse outro? O que pode esse outro a encontrar comigo? O que podemos produzir juntos? Quem portaria, ou encarnaria, essa alteridade que nos provoca e nos desloca na pesquisa, com quem nos encontramos?

Talvez, não haja um outro encarnado... Talvez, seja mesmo num entre que o encontro acontece, nem aqui, nem lá, mas num *não lugar* que atravessa um *nós*. Talvez, um desenho possível em que *se desenharia uma zona intervalar, onde interior e exterior se*

conjugam para desenhar um mais além, nem dentro nem fora e, ao mesmo tempo, dentro e fora (SIMONI; RICKES, 2008, p. 104).

Como se o encontro não se resumisse apenas a estar juntos fisicamente, mas na fricção e no estranhamento dos corpos, na impossibilidade de se falarem em uma única língua, em que o que apenas se leva para o encontro são desencontros de desejos e expectativas...

O que pode uma pesquisa em encontros?

Como narrar tais acontecimentos?

Leidi,

O que podes passar enquanto acontece o encontro?

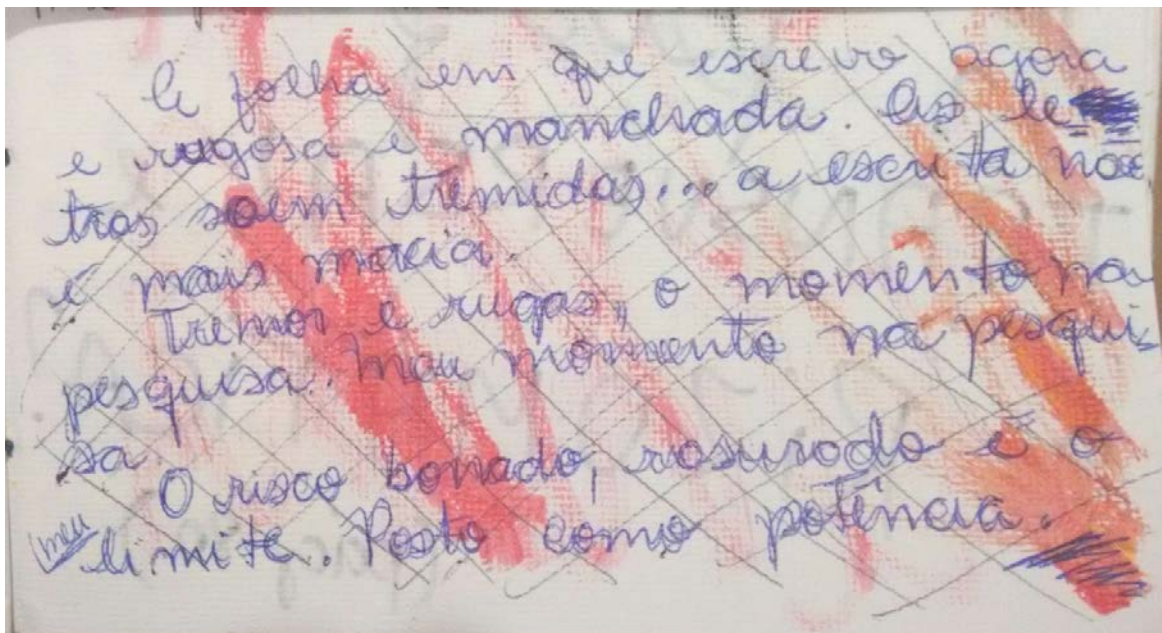
Coisas se dão...

Coisas se produzem...

E se idealizam...

Em que língua dizer dessas experiências?

Figura 16³⁹



³⁹ Trecho do diário de pesquisa.

Como dar lugar ao ruído sem a ele imputar um código capaz de transformá-lo em algo uníssono e harmônico, anestesiando o mal-estar que lhe concerne? Questões constantes do trabalho do pesquisador. (SIMONI; RICKES, 2008, p. 102)

É complexo o exercício de narrar cada encontro. Pois não se limitam, apenas, a fatos, e nem acontecem, tão somente, obedecendo a uma ordem cronológica progressiva. Interligam-se a muitos lugares e a dimensões temporais múltiplas, dando a ver o passado, o presente e o futuro como produções. Como se todas as coisas estivessem acontecendo pela intensidade da vida. (...) *e isso tudo se passa sem que se saiba o que pode o corpo (...) a inesperada fulguração de afectos que tomam o corpo no aqui e agora, intensificações de um poder, sim, mas de um “poder de ser afetado”* (ORLANDI, 2014, p. 2).

É no aqui e agora que o encontro acontece, nessa dimensão atemporal intempestiva, um emaranhado de experimentações que fervilham no presente. *Tudo isso lança as escolhas num jogo não regrado de razões contingentes e de um complicado zigue-zague de paixões e ritmos, pois implicam o que se passa no aqui-e-agora das conexões entre os corpos* (ORLANDI, 2014, p. 2). O *aqui e agora*, o tempo da experiência, difícil de ser capturado. Talvez, o possível de ser feito, ou melhor, o possível que tenho feito, seja a invenção deste plano experimental num outro plano, o das palavras. A cartografia, talvez, seja a transposição inventiva de um plano incapturável para outros planos, das palavras, da arte, da poesia...

Encontram-se... Encontramo-nos...

Puro desejo...

Reconfiguram-se as expectativas para manter-se em agenciamento. O que está em jogo não é mais fazer cumprir um cronograma de ideias, mas sim manter o fluxo de desejos vivo, os corpos em atração.

Querida amiga,

Enfim, conheci as pessoas com quem farei os encontros no IBC. Estou contente! Parecem ser pessoas bastante interessantes!

Regina Célia foi a primeira. Uma senhora muito alegre, extrovertida e que gosta muito de conversar. Me sinto bem perto dela. As questões que ela suscita durante as conversas podem gerar bons efeitos na pesquisa que venho fazendo.

Outra pessoa fantástica é o Seu Eli, um senhor bastante alto e de uma simpatia contagiante. Muito engajado politicamente no instituto. Conhece todo mundo... Já foi representante da associação de pais e amigos dos alunos do IBC... Faz muitos cursos lá dentro... Tem Facebook... (rsrsrs) Adora conversar!!!! Contar sobre sua vida fora do instituto... Ah, ele trabalha como pintor! Fiquei impressionada! Tem muitos clientes antigos, de quando enxergava, e muitos novos indicados pelos outros.

Já o Seu Joaquim Alcântara, como sempre se apresenta, é mais sério. Diria que até um pouco tímido, mas tem umas reflexões interessantes. Gosta de ser correto em tudo o que faz. Fica sempre preocupado com o que diz durante nossas conversas... pelo fato de estar gravando, sabe?!

Outro dia, ele me trouxe sua fotografia, nela estava toda sua família, era seu aniversário de casamento. Com muito orgulho me contava sobre suas filhas, suas profissões... sua esposa... (Linda, por sinal!) A foto de si que ele considera era a

Passei todo o fim de semana pensando em como me aproximar. Pensei em levar uma dinâmica de grupo etc. Mas como sempre o cotidiano nos prega peças... Nada foi como previsto! As pessoas não estavam lá.

Tive que me refazer para continuar habitando aquele sua família. Não era ele sozinho, mas ele junto de sua família. A família parecia ser muito importante para ele!

Por enquanto, são esses os participantes que se mantêm constantes em nossos encontros. Parece que toparam mesmo estar comigo durante esses dois anos. Não sei se entrarão mais pessoas, mas estou feliz com o grupo atual.

Em breve envio mais notícias,

Leidiane.

Maricá, 13 de agosto de 2015.

Muitas expectativas e desejos já transitaram por estas páginas. E a cada encontro que acontece uma outra pesquisa se revela, outros corpos desejantes se formam, outras perguntas disparam.

Muitas vezes estive no Instituto Benjamin Constant para estar com Eli, Regina, Sandra, Amélia e Joaquim. Mas foram poucas as vezes que se tornaram encontros. E posso dizer que todos eles foram marcados pelo caos, pelo truncamento de desejos, de desencontros...

Talvez nunca tenhamos dimensão de como nossa presença atravessa a vida do outro. *O registro do outro/Outro de seus rastros ou vestígios como produção de uma experiência se processa num campo de irreduzível tensão entre heterogêneos intransponíveis* (SIMONI; RICKES, 2008, p. 104). Talvez essa impossibilidade de dominar outro, de controlar seus saberes, seja o que nos apaixona e nos atrai a estar juntos.

Por muito tempo procurava incessantemente por definir o *encontro* num conceito linear e tranquilo de ser memorizado. Não o conseguia fazer. O pensamento e a escrita não fluíam. Pois,

(...) não existe princípio, fundamento ou conceito que seja anterior ou esteja fora do jogo de diferenças que operam em qualquer discurso. Deste modo, afirmar que “o jogo é isto” ou “o jogo é aquilo” seria reduzir essa noção ao sistema de oposições que ela visa subverter. (VASCONCELOS, 2003, p. 75)

Hoje estive com Regina Célia. Percebo que nossa relação vem se estreitando cada vez mais. Gosto de estar com ela!

Sáímos pelo IBC a fim de gravar a paisagem sonora. A proposta era que ela fizesse uma imagem não visual da instituição vivida por si.

Ao final de nossa atividade, quando a acompanhava até o ponto do ônibus, conversávamos sobre nossa vida. Então a pergunta: como está sua pesquisa? Isso que eu faço está te ajudando?

Muito queria dizer naquele momento para responder sua pergunta, tamanha era a intensidade com que intervinha na “minha” pesquisa, na “minha” formação, na “minha” vida. Mas as palavras nos traem, faltam quando mais precisamos delas.
- E como você tem me ajudado! Muito obrigada pela sua presença aqui! Sem você esta pesquisa não aconteceria! Ao final disso tudo, farei uma apresentação aqui no IBC para todos vocês. Aí você verá como seu nome está presente na minha escrita. Este trabalho foi feito por todos nós! Você também é autora dele! Muito obrigada!

Rio de Janeiro, 14 de junho de 2016.

Desde logo percebi que não se trata de um conceito que se defina *a priori*. Mas, sim, de um jogo que vai sendo produzido à medida que se joga, e nunca terá uma forma acabada, definida, uma definição fechada, por assim dizer. Talvez, o que tenhamos ao final deste platô sejam escritos sobre experiências de encontros.

Talvez, possa ter sido muito reducionista ao dizer que sejam apenas *escritos*, mas não encontrei palavras que dessem conta das intensidades que compõem este jogo e este platô. *A palavra será sempre, por assim dizer, nossa mais eterna e desoladora confusão. Confundimo-nos com palavras, em palavras, por palavras, sem palavras* (SKLIAR, 2012, p. 36).

E dou-me conta desse limite posto pela condição babélica de nossa língua (LARROSA; SKLIAR, 2001).

O homem é um vivente de palavra, de linguagem, de logos. E isso não significa que o homem tenha a palavra, ou a linguagem, como uma coisa, ou como uma faculdade, ou como uma ferramenta, mas que o modo de viver específico desse corpo ao mesmo tempo vivente e mortal (vivente porque mortal e mortal porque vivente) que é o homem se dá na palavra e como palavra. (LARROSA, 2007, p. 170)

E persigo nessa paixão limítrofe de dizer, inventando outra língua para dizer, outras formas de narrar. Sabendo que nunca, talvez, seja compreendida, mas que nessa confusão de línguas, de diferença, produza dissenso, inquietação, provocação, efeitos... Como têm me provocado os tantos outros com quem me encontro. O que se passa no encontro entre mim e as tantas outras pessoas que também não veem (apenas) com os olhos? Que outros encontros atravessam-nos nesse entre? O que podem os efeitos que nos provocam? Como narrá-los? Em que língua dizer?

Neste movimento, invento uma linha de fuga para narrar tais efeitos, um roubo criativo da literatura: as crônicas.

Cronicar para inventar realidades... Para criar mundos...

Cronicar com o intento de dizer desde outro plano, o da literatura...

Cronicar afetos e afecções...

A cada encontro urge a necessidade de narrar as experiências, para recontá-las, dizer de outros modos, inventar outros sentidos... Cartografar seus movimentos. Para

cartografar, faz-se necessário também pensar na linguagem que será dita. Não sendo, portanto, mera escolha técnica ou estética, mas também uma escolha política.

E isso na convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e às vezes funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, em que fazemos coisas com as palavras e também que as palavras fazem coisas conosco. (LARROSA, 2007, p. 152)

Por isso, componho modos outros de dizer que dão passagem, dispositivos que dão a ver as intensidades que transcorrem os corpos no encontro.

Neste sentido, podemos pensar a política da narratividade como uma posição que tomamos, quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político. (PASSOS; BARROS, 2014, p. 151)

Juntamente com esses autores, penso que somente transcrever os diálogos (tecnicamente) não daria a ver a dimensão política, ética e estética que apostamos nesta pesquisa: desnaturalizar os modos hegemônicos e reconhecidos de fazer ciência, inventando formas de narrar a experiência que deem passagem aos afetos, às afecções, às dimensões temporais (outras) de uma pesquisa. E neste movimento de resistência e (re)existência, comecei a transitar pela literatura. Comecei a cronicar.

Nestes termos, pesquisar

(...) é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas. Quando já não nos contentamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo de pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos. O método, assim, reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas. (PASSOS; BARROS, 2014, p. 30)

...uma cartografia de um encontro e de uma chegada num lugar em agenciamento. O que se produz em mim? Que realidades são possíveis? Retornando às perguntas feitas anteriormente... Como cartografar experiências e percursos de vida de pessoas que generosamente se dispõem a estar comigo? Que visualidades eu, implicada nesta pesquisa, poderia produzir com estas narrativas? Sendo eu também autora e personagem destas histórias, pergunto-me: como narrar nossos processos de deslocamento possíveis vivendo, resistindo e criando mundos possíveis de serem habitados? Que dispositivos forjar para dar a ver nossas experiências? Tais perguntas, para além de serem respondidas, vêm sendo ensaiadas constantemente ao longo da pesquisa.

O cartógrafo [neste caso] está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os [outros] corpos. (ROLNIK, 1989, p. 2)

Foram experimentadas diversas estruturas textuais e não textuais: diários de pesquisa... fotografias... fotocartografias... platôs... crônicas... aforismos... romance... paisagens sonoras... Utilizei *tudo o que me aproximava, o mais próximo e o mais distante* (DELEUZE, 2011, p. 17). Todos fazem parte da composição que se apresenta neste texto dissertativo. Entretanto, não me preocupo em assumir categoricamente uma ou outra forma. Irei cartografando e compondo com todos os recursos textuais, visuais e não visuais que os movimentos da pesquisa me solicitarem.

5.1- Crônicas de encontros possíveis... Cartografias de uma entrada...

Sherazade

Para se vingar de uma, que o havia traído, o rei degolava todas.

No crepúsculo se casava, na alvorada enviuvava.

Uma atrás da outra, as virgens perdiam a virgindade e a cabeça.

Sherazade foi a única que sobreviveu à primeira noite, e depois continuou trocando uma história por cada novo dia de vida.

Essas histórias, por ela escutadas, lidas ou imaginadas, a salvaram da decapitação. As dizia em voz baixa, na penumbra do quarto, sem outra luz que a da Lua. Dizendo essas histórias sentia prazer, e dava prazer, mas tomava muito cuidado. Às vezes, em pleno relato, sentia que o rei estava examinando seu pescoço.

Se o rei se aborrecesse, estava perdida.

Do medo de morrer nasceu a maestria de narrar.

(GALEANO, 2015, p. 7)

Quantas histórias inventamos cotidianamente? E nelas, quantas vidas?

Uma história para cada novo dia de vida... Uma vida de cada vez... Um dia de cada vez...

O cruel rei ainda me atormenta examinando meu pescoço. Pelas brechas, “em voz baixa, na penumbra do quarto, sem outra luz”. Somente a claridade vinda pela fresta da porta. Aqui, forjo minha vida, narro

Do medo de morrer nasceu a maestria de narrar (GALEANO, 2015, p. 7). Do medo de morrer ante os encantos do tempo *cronos*, da rapidez, da objetividade, da facilidade da razão e da explicação, conto histórias. Uma história por vez... um encontro por vez... um dia de cada vez... E assim, como Sherazade, sigo resistindo às ameaças de degolação de todos estes reis que imperam, como pensamento majoritário, na academia e em nossa sociedade ocidental.

Cronicar para não morrer...

Cronicar para não deixar morrer...

5.1.2- “A encontrar-me... Com o que cada um vai para um encontro?”

O dia amanhece ensolarado! Pego o ônibus a caminho do IBC. Sentada à janela, perco-me em meus pensamentos.

“O que podem as pessoas que me esperam naquele lugar? Quais suas histórias de vida?”

O diário de pesquisa é meu único companheiro. Recorro a ele, então, para afogar minhas inquietações.

Nesse momento, releio minhas lamentações deixadas com este mesmo companheiro:

Já estou no mês de julho e ainda permaneço na peregrinação a fim de agendar um horário com o responsável da reabilitação para poder começar a realizar as oficinas. Estou preocupada com o tempo! Não posso esperar muito, há um prazo a ser cumprido, um texto a ser produzido para a qualificação! Assim como as linhas moleculares (DELEUZE, 2011) me dão chão para caminhar, preciso também lidar com as linhas mais duras: o tempo cronológico, as datas, os prazos, o tempo dos outros sujeitos que compõem esta pesquisa... Como trabalhar com estas tensões? Para além de resolvê-las,

Passei todo o fim de semana pensando em como me aproximar... iniciar a oficina... Pensei em levar um texto para lermos juntos, uma dinâmica de grupo, uma música etc... Mas o que melhor poderia responder minha ansiedade por conhecê-los era uma simples pergunta, uma puxada de conversa: “Oi, tudo bem? Conte-me de você! Dos seus desejos e expectativas sobre a oficina...”. E com estas perguntas na bolsa segui viagem.

Enfim, aos 6 de julho saio de casa a caminho deste encontro. Estava ansiosa, há muito esperava por ele! Sinto que a pesquisa está de alguma forma estagnada... Uma proposta de pesquisa que se lança num entendimento de pesquisar COM e não sobre os sujeitos não se estabelece sem seus parceiros, visto que a intenção não é representar um objeto, mas no encontro estabelecido por agenciamentos *constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho* (PASSOS; BENEVIDES, 2014, p. 31).

Quem serão, então, os parceiros de pesquisa? Ou melhor, que outros efeitos serão provocados no encontro? Pois *a presença do outro não precisa ser completamente descortinada para que ela produza seus efeitos* (SIMONI; RICKES, 2008, p. 110).

Já tenho muitos pés agregados aos meus e que já caminham comigo faz tempo, e dentre eles estão os pés das colegas da orientação coletiva, de minha orientadora, dos interlocutores, da família, dos amigos, dos colegas de turma...

5.1.3- *Chegando de visitante... A imprevisibilidade de um encontro*

Chegando ao instituto, percebo que nada saíra como sonhado e previsto. Não tinha reabilitandos, a pessoa com quem marquei a reunião não estava... o planejado desmoronou! Tive que me refazer para habitar aquele lugar que se apresentava ante tantos imprevistos. Na tentativa de fazer hora esperando a pessoa chegar, fui caminhar pelo IBC. Percorri corredores, pátios, procurei lugares que frequentei em outros momentos... Tudo estava muito diferente! Não via tantos alunos pelos corredores como nas visitas guiadas que fazia com a turma de Educação Especial. Parecia outro IBC! Será porque está próximo das férias de inverno? Será mesmo que mudou? Será que eu mudei?

Passada a hora, encontro-me com a pessoa responsável, Vanessa. Conversamos muito! Conte sobre minha pesquisa, sobre a oficina que pretendia realizar ali... E neste desenrolar de palavras ela foi me dando uma série de recomendações.

– O grupo com o qual você irá trabalhar são pessoas em processo de reabilitação... Você terá uma sala emprestada para realizar a oficina... Não serão permitidas atividades externas à instituição... Se for o caso de andar com eles pelo *campus*, terá de nos informar para disponibilizarmos profissionais de orientação e mobilidade...

– Ok! Sem problemas! Então posso voltar na próxima terça para encontrar-me com o grupo?

– Sim! Apenas ligue alguns dias antes para confirmar.

Foram estas as recomendações... E de igual modo segui.

Leidi,

Lendo um texto, lembrei-me de você e de sua pesquisa. Veja:

O trabalho do pesquisador atualiza algo dessa vivência do estranho, desse encontro estrangeiro, que se desenha um lugar incômodo e instigante (SIMONI; RICKES, 2088, p.

Rejane,

Muito obrigada por sua intervenção. Há tempo que tenho me encontrado num mundo desconhecido. Conviver com pessoas que não veem (apenas) com os olhos me fez perceber um mundo outro.

Tenho começado a exercitar, também, esse ver oblíquo de Manoel de Barros, sabe? Esse olhar infantil que Larrosa nos apresenta, um olhar de surpresa, que procura desver o demasiado visto.

Tenho buscado a não ver (apenas) com os olhos.

5.1.4- *Estrangeira em terras conhecidas*

A caminho da Urca, bairro onde está localizado o IBC, torna-se impossível não registrar o trajeto que faço. São quatro cidades: Maricá, São Gonçalo, Niterói e Rio de Janeiro. Cidades vizinhas com características distintas!

Maricá, com seu verde montanhoso, seu ar gelado que queima os seios da face... O amontoado de moradias atravessadas pela RJ-106 em São Gonçalo... O trânsito caótico da Alameda São Boaventura em Niterói, com toda sua urbanidade que cansa só de olhar... A ponte Rio-Niterói... Símbolo faraônico de um momento tão sombrio em nossa história política, a ditadura militar. Ponte esta que está sobre a Baía de Guanabara. A belíssima Baía de Guanabara! Ahhhh, como é bela! “*E eu cega de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela!*” (Veloso, Caetano. “O estrangeiro”). A movimentação e a aglomeração de coisas e pessoas pelas ruas do Rio... E por fim, a calma, o verde e a beleza da Urca. Ruas pavimentadas, com um trânsito extremamente planejado, ciclovias com sinalização, postos de bicicletas públicas... Tão heterogêneo esse Estado! A cidade maravilhosa... sua beleza e sua contradição...

Tantos caminhos para chegar a um único lugar...

Seria mesmo **ÚNICO?**

Se o lugar fosse definido pelo uso que as pessoas fazem dele, seriam
mesmo únicos?

A partir do uso que (SENTIDOS) fazemos dele?

Que trajetos as pessoas que irei conhecer hoje fazem até o
IBC?

Por que querem tanto fazer parte daquele lugar?

5.1.5- *Em terra de cego quem pode ser invisível?*”

O Instituto Benjamin Constant. Grande prédio! Estrutura imponente! É impossível comportá-lo em uma única fotografia, tamanha é sua dimensão. Ela vai até a recepção. Passa por todos os procedimentos de identificação e como numa barreira alfandegária autorizam sua bagagem. Dentro da mala? Planos, sonhos, expectativas, desejos... Segue para a sala da supervisão da reabilitação, mas estava vazia.

– E agora? O que fazer? – pergunta-se no mesmo momento em que esvazia sua mala. Jogam-se fora as expectativas, os sonhos e planos... Resta-lhe apenas o desejo de encontrar-se com aquelas pessoas.

Olha ao seu redor e vê diversas pessoas que aparentemente não veem (apenas) com os olhos pelo corredor. Neste mesmo espaço, há muitas salas de atendimento reabilitacional, portanto há sempre muita movimentação por ali. Olhava para cada um e pensava...

– Será que ele é um dos participantes?

Ela sabia que a demanda naquele momento era perguntar a cada um... Mas resistiu, porque não sabia como chegar até alguém que não se antecipe com os olhos. Escolheu, então, andar mais um pouco para ver se encontrava a supervisora, mas nada! Sentia-se de alguma maneira travada em pedir alguma informação às pessoas que estavam naquele corredor. Sentia-se por alguns instantes, invisível... Ninguém a olhava! Isso lhe causou de alguma forma uma barreira, estranhamento.

– A quem pedir informação se ninguém olha para mim? Como dirigir a palavra a alguém sem assustá-lo com minha voz? – pensava consigo mesma. Naquele momento, talvez, sua voz era seu único recurso de comunicação.

– Como chegar do nada e perguntar algo? Como fazer? Por que me comporto desta maneira tão preconceituosa? – questiona-se ante seu incômodo.

No enfrentamento dos seus pensamentos, vai ao encontro de duas senhoras que estavam sentadas num dos bancos do corredor. Regina Célia e Vanessa...

Ao passo que conversavam era perceptível sua aflição. Pois naquela conversa não existia a troca de olhares e muito menos podia contar com as gestualidades para compor os sentidos do que queria dizer. Logo percebeu que precisava imprimir seus gestos na voz. Era necessário depositar todo diálogo na força da palavra dita, pronunciada, em sua entonação... pausas... silêncios...

– Que limites, ou melhor, que possibilidades as palavras faladas teriam? Não conheço sua potência! O que estariam percebendo do que eu falava? – Eram as perguntas que atravessavam seus pensamentos durante aquele encontro.

A intensa e radical condição babélica (LARROSA; SKLIAR, 2001) da língua, a poética relação de alteridade.

5.1.6- “Não é para aprender nada, mas me faz bem!”

– Já está gravando?

– Sim, já está gravando!

– Então, vamos lá! Meu nome é Regina Célia, sou cega há cinco anos por um erro médico daqui mesmo. Moro na Rocinha. Já fazia tratamento aqui e o erro foi aqui dentro mesmo. Você deita enxergando e acorda cega... Você quer se suicidar... Não quer viver mais... Chorei muito! Mas descobri a academia daqui. Fui para a educação física, mas com dois meses não podia mais frequentar, porque já tinha me adaptado tanto que julgaram não ter mais a necessidade de ir. Ah!!! Eu experimento de tudo! Meu negócio é experimentar! O fazer academia pra mim é muito mais importante, mais satisfatório, entendeu? É de dentro pra fora. Não é para aprender nada, mas me faz bem. A psicóloga me disse para eu focar mais naquilo que eu gosto, mas não sobrecarregar tanto! Levanto às 4h30 da manhã para vir para cá, malho até às 8h; às 9h entro em outro curso... Então, a cabeça fica cheia, eu acabo não assimilando nada! Já tenho o problema da deficiência visual. Que é um problema! Para mim, isso é um *problemaço*!

Diante de sua fala, das coisas que fazia e com todo entusiasmo com que me contava do seu dia a dia, não havia percebido que esse seu novo modo de vida era um problema. Onde estava o seu problema? Na vida que inventa a cada dia? Na cegueira? Onde? Então lhe perguntei:

– Por quê?

– Ah... A dependência! Nossa Senhora! Eu nunca imaginei que ser cego fosse tão ruim! Você fica na dependência de alguém para ajudá-la a atravessar a rua... é ônibus que você não vê... Você já sai de casa tensa! Fico pedindo a Deus para mandar um anjinho da guarda para me dar carona. Pois, se tiver que sair de casa sozinha, já chego aqui tensa demais! Enfim, essa é minha história!

5.1.7- (A produção da) Paisagem sonora: entulhos de uma edição: da Urca até a Rocinha.

Diante da fala de Regina, fiquei pensando o que acontecia durante seu trajeto de casa até o IBC que a fazia considerar uma viagem. Porque ficava tão tensa se precisasse ir sozinha. Encontramo-nos para, juntas, irmos para sua casa. Após toda a viagem, começa a edição.

Quase três horas de áudio. Muitas conversas atravessando, os ruídos, as buzinas, o som do motor do ônibus, os passos, suspiros, tosses, espirros... Tantos sons que me chamam a atenção! Mas nem todos continuarão após a edição. É preciso reduzir! Recortar... equalizar... normalizar... E os tantos outros procedimentos usados para tratar o áudio e compor esta paisagem. O que manter? Quais ruídos retirar? E o ronco do motor que resiste em aparecer durante quase toda a gravação? Às vezes, atrapalha o som que quero que fique no foco.

O tempo também foi outra questão! Como reduzir quase três horas de viagem num tempo em que nossos ouvidos consigam aguentar? Na primeira edição, consegui reduzir para sete minutos.

Entretanto, após a audição na orientação coletiva, percebemos o quanto era doloroso ouvir sons desalinhados sem nenhuma imagem visual de suporte. Incomodava! Parecia que os sete minutos desdobravam-se em 14, 21, 28 minutos. Aqui o encontro na diferença.

Segui então uma segunda edição... Ainda é grande, tem quatro minutos, e incomoda a minha escuta cega... No entanto, vale deixar como está e manter viva a diferença.

Escuta disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kq1Adt7yk7Q>

...e estes foram alguns sentidos e efeitos de nossa conversa naquele dia

5.1.8- Novamente um primeiro dia!

Estava animada para chegar logo! Afinal, hoje era o grande dia! Me encontrarei com Regina e Vanessa! As duas são bastante animadas para conversar!

No último encontro, pedi que trouxessem para mim uma fotografia de si e uma música ou poesia que dissesse algo de si... Pretendia compor imagens de si com o que trouxessem.

(Que fotografia elas trarão?)

– Boa tarde! Sou pesquisadora daqui.

– Boa tarde! Pode entrar!

Feitas as identificações... entro no instituto, viro o corredor à esquerda e nada. Nenhuma delas estava. Vou até a reabilitação para ver com Vanessa (coordenadora do setor) se algo havia acontecido. Ela também não sabia o motivo que as fizeram faltar naquele dia. Enfim... Fomos à busca de novos participantes.

Dois senhores e uma senhora toparam participar. Eli, Joaquim e Sandra. Dirigimo-nos até a sala 143, que fora emprestada para realizar os encontros. E mais uma vez me apresento e conto sobre minha pesquisa.

Novamente um primeiro dia! Pensava que poderia controlar o fluxo de tempo por onde transitavam tais encontros, mas eles escorrem pelas mãos.

– Gostaria de saber se vocês topariam me levar pra conhecer o Instituto Benjamin Constant?

– É melhor então você trazer um capacete! (Eli)

– Sem problemas! (rsrsrs) Eu já havia combinado com o professor da orientação e mobilidade pra ir junto com a gente nesse passeio. Mas serão vocês que vão me conduzir!

– Eu estou preocupado com você. Porque o cego anda sozinho, mas quando anda com outra pessoa de vez em quando ele dá umas cabeçadas por aí. (rsrsrs) Podemos fazer num outro dia? Hoje temos aula daqui a pouco.

– Podemos então nos encontrar no próximo dia 17 de setembro? Gostaria que, para esse próximo encontro, vocês trouxessem uma fotografia e uma música ou poesia ou frase que mais combine com vocês.

– Eu tenho uma máquina em casa, ela fotografa e filma também! – disse Seu Eli.

– Se você quiser, poderia trazer a máquina para fotografar os nossos encontros. Acho bem interessante! E você?

– Da última vez que eu tentei mexer nela estava travando, posso ver se consigo consertar!

– A gente pode ver aqui o que dá para fazer, traz ela?!?

Um silêncio imperou no ambiente... Acho que foi o momento de interromper nossa conversa...

Após aquele encontro... em cada fala de apresentação uma imagem se construía em mim. Quase sempre a mesma imagem: viviam suas vidas até que um dia ficaram cegos, prostraram-se por algum tempo... E aos poucos, indo ao IBC, construíram outros modos de vida.

Talvez essa imagem tenha sido como uma fotografia composta em mim a partir do que ouvira de cada história. A imagem de que a relação com a cegueira é sempre uma relação de morte e o estar no Instituto Benjamin Constant caracteriza a salvação, o escape de um mundo tão cruel.

Será mesmo que cada fala traz a mesma história? Talvez esta fotografia composta em mim pelas falas ali compartilhadas tenha também lacunas, pensamentos e, quem sabe, alguns “sinos”, como na fotografia de Bavcar! O que há (in)visível nestas falas? O que há (in)visível nesta pesquisa que se enuncia?

5.1.9- Olha a minha amiga aí! Está vendo?

Manhã ensolarada... espero, no ponto, o ônibus passar. Fico à espera. De que o ônibus chegue logo. De que todos tragam o que pedi na última oficina. De uma troca de olhares. De um sorriso gratuito.

Fico à espera⁴⁰...

O ônibus não passou... Recompus meus planos e reformulei um novo trajeto. Era chegada a hora da oficina e todos estavam lá, melhor dizendo, quase todos. Sr. Joaquim, Seu Eli e mais duas simpáticas senhoras – Amélia e Sandra – trazidas pelo colega. A entrada das duas me fez perceber que algo de interessante havia nestes encontros. Mais uma vez iniciei a

⁴⁰ Inspirada pelo livro *Fico à espera*. CALI, Davide; BLOCH, Serge. *Fico à espera*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

oficina... Iniciando já pelo meio... Apresentei brevemente minha pesquisa para elas e pedi que se apresentassem. Timidamente falaram de si, disseram apenas seus nomes e justificaram não ter mais nada a falar...

“Tudo bem!”, pensei comigo... O que conheceríamos do outro com apenas o que ele diz de si?

– Lembraram-se de trazer a fotografia e o texto que pedi?

O silêncio reinou.

– Me desculpe! Acabei esquecendo!!! – foi a lacônica resposta de Sr. Joaquim.

As fotografias não chegaram... Fiquei preocupada com o andar lento da oficina. Mais um dia e não consigo avançar! Mantive-me em silêncio para ver se mais alguém se pronunciava.

– Olha, eu fiz uma paródia! Serve? – Foi a resposta de Seu Eli que veio a mim como uma injeção de ânimo.

Após a paródia que Seu Eli cantara, Sandra me diz que trouxe uma fotografia, da época em que ela participava de uma oficina de fotografia lá mesmo no IBC.

Com meus olhos seguia todos os movimentos de suas mãos indo à bolsa, procurando pelo fundo... Tamanha era minha expectativa! Enfim, um que salvasse a oficina!

Figura 17⁴¹

Esta foi a fotografia da fotografia apresentada por Sandra!

– Está vendo? – perguntou-me.

– Esta daí é minha amiga, ela está na praia de Botafogo.

A fotografia que ela me apresentava era (in)visível naquela foto, que para mim era apenas um cartão de aniversário!

– Sandra lhe deu a ver muito mais do que você esperava. *Dar a [ver], então, é dar as [imagens] sem dar ao mesmo tempo o que dizem as [imagens]. Ou, melhor, interrompendo todas as convenções que nos fazem dar a [ver] o que já temos como próprio, o que já sabemos [ver]* (LARROSA, 2004, p. 20).

Sem saber o que dizer, respondi: – Sim! Estou vendo!

Mas não conseguia enxergar a sua amiga! O que via sempre e repetidamente era aquele cartão de aniversário. Toda vez que olhava para a foto, via sempre o mesmo cartão.

⁴¹ Fotografia (in)visível de Sandra.

Dom Juan [outro que entra em nossa conversa] falou que a [minha] razão [me] dizia o mesmo e, no entanto, eu presenciara [o cartão de aniversário] várias vezes (CASTAÑEDA, 1971, p. 294).

– Não é assim? – perguntei.

– É impossível ver a amiga de que fala! – disse eu.

– *Você está acorrentada* – exclamou Dom Juan. – *Está acorrentada a sua razão.*

Explicou que via [o cartão de aniversário] várias vezes (...) para eu parar de tentar entender. Num tom confidencial, disse-me que eu estava com tudo pronto e que, no entanto, minha mania sempre me cegava no final.

– *Não há nada para entender. Tal faculdade é apenas uma coisa muito pequena, muito pequena mesmo* – disse ele (CASTAÑEDA, 1971, p. 294).

Se eu pudesse me fotografar naquele exato instante em que olhava para a foto, teria talvez a mesma expressão do barbeiro de Nova York, o mesmo fotografado por Chinolope, no momento crucial em que o gângster Joe Anastasia fora assassinado. Por assim dizer, vale ressaltar que a foto foi a grande façanha de Chinolope, pois ele havia conseguido fotografar a morte, que não estava nem *no morto, nem no matador, mas na cara do babeiro que a viu* (GALEANO, 2002, p. 16).

Estava na minha cara, a morte! Morreram as expectativas... os planos... as certezas... a oficina. Teria que fazer viver alguma coisa naquele momento, já que há muito vinha sendo dito por diversas formas que não era o que queriam. Necessitava negociar outros modos para seguirmos nos encontrando, para continuarmos convivendo...

Leidi,

Veja como vc é ligada e sofre por não poder se deslocar: vc oferece uma imagem que é esta que vc narra... mas vc fala de fotografia. Tá presa, Leidi!

São Gonçalo, 26 de outubro de 2015.

Ane,

Li com muita atenção o seu bilhete, e por inúmeras vezes fiz o exercício de releitura.

Sim! Agora vejo como estou fortemente presa à imagem visual! Preciso aprender a não ver com meus olhos. Aliás, isso não é muito fácil, pois sou uma pessoa muito visual, não me lembro de nomes ou números, mas consigo guardar por anos a fisionomia de uma pessoa. Tamanha é essa minha forma de funcionamento.

Talvez, ela tenha crescido como uma célula cancerígena em mim, talvez meus olhos estejam matando meus outros sentidos... talvez a academia esteja matando minha sensibilidade... E como resistir a isso? Poderia eu arrancar meus olhos? Ou abandonar a academia?

Como resistir ainda tendo olhos e dentro da

– Talvez a convivência não seja esse relacionamento harmônico que tanto perseguimos. *É que estamos demasiadamente habituados a pensar a conversa como um idílio, como esse intercâmbio equilibrado, pausado, severo, consciente, particularmente caracterizado pela harmonia das vozes, dos corpos e das mentes* – lembrou-me Skliar (2011, p. 29).

– Pode ser... Se não nos deixamos afetar pela presença do outro, não há convivência. O que fazia era perseguir incessantemente minha fixação por fotografias. Nem sequer perguntava-me pelo que o outro se interessava ou o que o motivava a continuar encontrando-se comigo.

– Talvez até este dia vocês estivessem apenas tendo monólogos... linguagens vazias... sem conversa, sem troca de olhares... *E quando digo que essa linguagem parece vazia, me refiro à sensação de que se limita a gerir adequadamente o que já se sabe, o que já se pensa, o que, de alguma forma, se pensa sozinho* – Larrosa direciona-me a palavra (2014, p. 63).

Outro personagem que aparece nesta conversa e me interpela com sua observação. E continua a me dizer...

– *Necessitamos de uma linguagem para a experiência, para poder elaborar (com outros) o sentido ou a falta de sentido de nossa experiência, a sua, a minha, a de cada um, a de qualquer um* (2014, p. 67).

5.1.10- A passear por um IBC desconhecido... sempre...

– Podemos, então, sair hoje para passear pelo IBC? Gostaria que vocês me apresentassem a instituição. – Foi a saída encontrada para manter o encontro.

Ou, talvez, o encontro tenha iniciado neste exato momento.

Quase todos toparam, com exceção de Amélia, que já precisava ir embora.

Sáímos então pelos corredores... Eu, Seu Eli, Sr. Joaquim e Sandra. Um com a mão no ombro do outro... a passos bem curtos... num ritmo bem demorado... Eu estava ao

lado, controlando minha velocidade... Parecia que andávamos passo a passo e não mais meta a meta.

Com minha visão estabeleço metas visuais, como pequenos pontos de chegadas até concluir meu caminho. Com eles, não tinha metas, o que tinha eram passos... um atrás do outro...

– Como vocês fazem para se localizar nestes prédios? Quais as referências que vocês usam? – perguntei curiosa.

– Ué! A gente vai andando! Cego tem um GPS na cabeça!

Pensando em como eu responderia esta pergunta, percebi os preconceitos nela embutidos. Eu, por exemplo, não saberia responder, categoricamente, como chego a determinado lugar, ou a determinado conhecimento. Os processos são rizomáticos! Suas conexões são infindáveis... Como esperar tal resposta?

Durante nosso passeio, conheci lugares dentro daquele espaço que por diversas vezes em visitas guiadas por funcionários da instituição não conhecia. Um dos que mais me chocou foi a “Casa das mães”. Segundo Seu Eli, é um dos espaços que ele mais frequenta. É como uma sala de espera para as mães que levam seus filhos para estudar, mas que, pela distância, têm que esperar lá, então ficam nesta casa das 8h às 15h de segunda a sexta.

A casa é pequena, mal iluminada, cheirava a umidade. Dentro das minhas concepções do que pode ser uma casa, não diria que aquele espaço poderia ser chamado de “Casa das mães”. Faltava muita coisa para ter o conforto de uma casa. Claro que dentro do que concebo ser uma casa.

Fiquei me perguntando pela estética colonial que geralmente via pelos corredores e salas da instituição. Seus móveis clássicos... a iluminação vinda pelas grandes janelas que

dão caráter histórico e ostentam grandeza ao lugar... Tudo isso não encontrei na casa! Aliás, nem sabia que ela existia, das outras que visitara o IBC.

Continuamos nosso percurso, porém estava exausta! Tamanha era minha atenção naquele dia. Ter que ficar ligada em lombadas, em degraus, em carros que poderiam vir em nossa direção... Tudo isso solicitava de mim muita energia.

Na parte externa do instituto, após visitarmos o curso de massoterapia e o Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) que funcionam dentro da instituição, seguimos caminhando pelo pátio.

Seu Eli vira-se para mim e diz:

– Olha! Tira foto! Viu o pássaro? Um bem-te-vi! Bem-te-vi... Bem-te-vi...

(Cantarola imitando seu canto.)

– Não vi! Onde?

– Ali! Fotografe! – apontando a direção.

Mesmo não encontrando, fotografei. Pode ser que já tenha voado! Ou não! Talvez ainda esteja lá, escondido pelo que eu conseguia enxergar.

– Esta câmera que Eli usou me lembrou da câmera de Manoel de Barros –disse-me Filé, numa de nossas conversas durante a banca de qualificação.

Neste momento aquela poesia latejava em mim como se nunca a tivesse ouvido. Um zunido novo, embora já a conhecesse, era novo naquele momento.

Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
Madrugada a minha aldeia estava morta.
Não se ouvia um barulho, ninguém passava as casas.
Eu estava saindo de uma festa.
Eram quase quatro da manhã.
Ia um silêncio pela rua carregando um bêbado.
Preparei minha máquina.
O silêncio era um carregador?
Estava carregando um bêbado.
Fotografei esse carregador.
(BARROS, 2013, p. 351)

Como capturar a imagem de um bêbado sendo carregado pelo silêncio? Como capturar o perfume de uma flor? Como capturar a imagem do canto de um bem-te-vi? Como capturar a imagem da emoção que faz nascer uma lágrima?

Como capturar a imagem?

Como capturar?

Que imagem?

Capturar?

Prender? Encapsular? Congelar um momento numa película? É possível?

Que câmara Manoel de Barros, Eli, Regina Célia, Joaquim, Amélia e Sandra usam? Que imagens são produzidas por ela? Haveria outras imagens? Outro suporte para elas?

– A câmara dele era a linguagem e com ela fotografou a imagem não visual, era a própria poesia. – Interpelando-me mais uma vez, Filé levanta uma série de questões travestidas de resposta.

– Talvez, assim também eu fizera, embora tenha guardado a fotografia visual da estrondosa árvore. Não a publiquei no texto da qualificação, pois achava que bastasse apenas esta crônica. Esta já é a imagem não visual daquele bem-te-vi.

A cegueira da cegueira.

Não vi que não via...

5.1.11- É necessário dar a volta para estranhar o demasiado conhecido...

Já no fim do nosso passeio, Sandra vira-se para mim com um tom meio brincalhão e diz:

– Podemos deixar você aqui? Daqui você consegue ir sozinha?

– Não! Não conheço esse lugar! Não faço a mínima ideia de onde estamos! – Fiquei surpresa por nunca ter ido àquele lugar, embora tenha visitado por inúmeras vezes a instituição. Permanecendo eles ainda comigo, seguimos em frente, e ao virar o corredor tudo se tornou familiar!

– Agora sim! Já estou me localizando!

– Você conhece ou não conhece? – Sandra, mais uma vez com um sorriso no rosto.

– Agora já me sinto em casa! Estou mais tranquila!

Era o lugar para onde ia durante todas as oficinas, entretanto, visto de outra perspectiva. Por que não o conhecia? Por que desconsiderava a possibilidade de aquele lugar existir de outros modos, perspectivas e ângulos e, assim, criar padrões e considerá-los únicos, verdadeiros e universais?

– Olha aí, Leidiane! Viste? – Sandra... Dom Juan... perguntam-me.

– Tenho olhado, mas não tenho visto. Chego cheia de desejos, anseios e expectativas, esperando caminhar por um terreno já conhecido, demasiado tranquilo.

– Trate de abandonar suas certezas para então poder ver! Ver o que nós desejamos ao nos dispor a encontrar contigo. Veja e aprenda a língua com a qual vimos conversando desde o início dos nossos encontros.

– Ver... ver... VER... NÃO ver...

– Olha aí! Viste?

O olhar de Argos, da academia, sendo desvelado em cegueira por pessoas que veem além do que os olhos podem enxergar. Por que insistir em depender apenas deste pequeno órgão para julgar a realidade? Quanta pretensão!

5.2- Cartas (entre) queridas amigas encontrando-(se) na academia...

Leidiane,

Fiquei com algumas dúvidas. Gostei muito da ideia da carta.

“Mesmo não encontrando fotografei. Pode ser que já tenha voado! Ou não! Talvez ainda esteja lá, escondido pelo que eu conseguia enxergar.”

Era exatamente disso que eu estava falando. Estava pensando, lembra? Da fotografia que ele tiraria – paisagem com o bem-te-vi – mas se vc não escreve o que ele vê (ou fotografa), quem vê apenas a foto não saberia que ali ele vê um pássaro (pelo som). Mesmo pensando também que a imagem não “é” o que ele vê, mas o que cada um de nós vê.... acho que seria importante encontrar um forma de colocar a imagem como ele vê.

Não sei kkkkk só fico instigada pela temática kkkkkk

Bruna Pontes (amiga de orientação coletiva),

São Gonçalo, 26/10/2015.

Querida Bruna,

Na hora fiquei procurando o pássaro. Durante longos 40 segundos fiquei olhando para aquela estrondosa árvore a fim de enxergar o bem-te-vi. Mas, te confesso, ao perceber minha tolice desisti de procurar. Fotografei... Não sei o que, apenas mirei a câmera para o alto e fotografei. Talvez o pássaro esteja lá mesmo! Talvez não!!! Isso não importa para mim.

Aliás, as fotografias, assim como as palavras, são vivas e pensam! Após clicar o obturador e deflagrar o flash não tenho mais controle sobre ela. Está fora de mim o poder de mensurar o limite e os poderes do outro. Este outro eu, esta outra fotografia, esta outra pesquisa, este outro que me interpela e pede para fotografar o pássaro... Todos estes outros e tantos outros mais não dependem de mim, nem do meu saber, nem do meu poder, nem da minha vontade (LARROSA, 2011, p. 5).

Entretanto, querida Bruna, este radical encontro com a estrangeiridade, como nos aponta Larrosa em seus escritos, que nos compõem. Pois não há experiência sem o outro que me atravessa deixando marcas, deixando experiência...

Agradeço encarecidamente por suas generosas palavras que me interromperam nesta tarde de terça-feira. Espero que minhas palavras, assim como as suas, também encontrem um não lugar em você.

Forte abraço,

Leidiane Macambira

Maricá, 28 de outubro de 2015.

Querida Leidi,

... é verdade, que tolice a nossa de ficar procurando o pássaro na árvore. De certa forma, penso que estamos constantemente procurando algo que materialize o que pensamos, o que sentimos, o que vemos....

Ane tem razão, sofremos e muito por ter que sair do lugar seguro que construímos. Sofremos seguidamente pelos abalos que a pesquisa nos dá. Às vezes, os solavancos são tão fortes que demoramos a organizar os pensamentos e conseguir

colocar no papel toda a experiência que nos atravessou. Já desisti. Já conversamos sobre isso. São outras experiências as que colocamos no papel. Talvez seja isso, a experiência é algo que não permite o encapsulamento da palavra.

Eu sofro cada vez que percebo que não tenho o controle da pesquisa, dos encontros.... Sofro porque é difícil traduzir em palavras o que sinto e o que vem sendo produzido em mim. Assim, penso que você tem feito exercícios desafiantes com a paisagem sonora. Então sofro antecipadamente por você também.

Além de sofrer, a cada ligação que você me faz, me sinto excitada de ouvir tudo o que você vem passando. É bom! É muito bom! Perceber que a pesquisa vive e que a cada encontro ela é outra, e nós também.

São Gonçalo, 16 de novembro de 2015.

Bruna Pontes.

Querida amiga,

Necessitava escrever-lhe. Tenho muitas notícias boas! Estou prestes a qualificar. Há alguns dias será minha última orientação coletiva. Estou ansiosa. Não consigo parar de pensar no texto da qualificação. Escrevo, apago, reescrevo... Mas sempre fica a sensação de que ainda falta muito a ser dito. Tenho muito apreço por esse dia, pois acredito que a banca contribuirá bastante.

Ao mesmo tempo, fico angustiada, porque soube há poucos dias que algumas das pessoas com quem me encontro no IBC não renovaram a matrícula na reabilitação, foram para outro setor. E isso significa que talvez não participem no próximo ano. Estou muito preocupada! Quero muito permanecer com eles! O tempo da pesquisa é de dois anos... Mas o tempo da reabilitação é semestral. Como acompanhar esse tempo tão truncado?

Amiga, deseje-me sorte! Preciso muito.

Beijos, Leidiane

Maricá, 12 de dezembro de 2015.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel. *Poesia completa*. São Paulo: LeYa, 2013.
- BOAVENTURA, Sousa Santos. *Um discurso sobre as ciências*. 7. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1995.
- CASTAÑEDA, Carlos. *Uma estranha realidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1971.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer*. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- CLARETO, Sônia M; VEIGA, Ana Lygia V. S. da. Uma escrita de muitos, ou uma escrita em travessia. In: RIBETTO, Anelice; CALLAI, Cristiana (orgs). *Uma escrita acadêmica outra: Ensaios, experiências e invenções*. Rio de Janeiro: 2016.
- COELHO, Ana Carolina Sampaio. *José Saramago e Evgen Bavar: os paradoxos do olhar*. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Departamento de Letras, 2006.
- COLASANTI, Marina. *A moça tecelã*. São Paulo: Global Editora, 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B2a3UynNKV2CUHhSDROQm9qQUU/edit>. Acessado em: 22/6/2016.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- FOERSTER, Heinz Von. Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.
- GAI, Daniele Noal; FERRAZ, Wagner (Orgs.). *Parafernalias I: diferença, artes, educação*. Porto Alegre: INDEPIN, 2013.
- GALEANO, Eduardo. *Mulheres*. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- _____. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- GODOY, Ana. Paisagens sonoras: quando a escuta recorta o invisível [divagações a propósito de algumas experimentações]. *Alegrear*, n. 8, ISSN 18085148, dez/2011. Disponível

em: http://www.alegrar.com.br/revista08/pdf/paisagens_godoy_alegrar8.pdf. Acessado em: 1/11/2015.

JANELA DA ALMA. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Roteiro: João Jardim. Direção de fotografia: Walter Carvalho. Montagem: Karen Harley e João Jardim. Brasil: Copacabana Filmes, 2001. 73 minutos.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

KIRST, Patrícia Gomes. Redes do olhar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto alegre: Editora UFRGS, 2003.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. Experiência e alteridade na educação. *Revista Reflexão e Ação*. Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, jul/dez. 2011.

_____. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

_____. Una lengua para la conversación. In: *Revista Educación y Pedagogía*. V. 18, 2006. Disponível

em: <http://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/revistaeyp/article/viewFile/19062/16285>. Acesso em: 23/10/2015.

_____. Dar a ler... Talvez. In: LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. A arte da conversa (epílogo). In: SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 2002, n. 19.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LEMONS, Francisco M.; FERREIRA, Paulo F. *Instituto Benjamin Constant: Uma História Centenária*. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/?catid=79&blogid=1&itemid=387>. Acessado em: 28 de outubro de 2015.

LINHARES, Célia. Escrever e viver: estranhamentos recíprocos (Prefácio). In: RIBETTO, Anelice; CALLAI, Cristiana (orgs.). *Uma escrita acadêmica outra: Ensaios, experiências e invenções*. Rio de Janeiro: 2016.

MACHADO, Leila Domingues; ALMEIDA, Laura Paste de. Notas sobre escrever [n]uma vida. In: RIBETTO, Anelice; CALLAI, Cristiana (Orgs.). *Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

MOEHLECKE, Vilene. Oficinar. In: FONSECA, Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

NISE: O CORAÇÃO DA LOUCURA. Direção: Roberto Berliner. Roteiro: Roberto Berliner, Chris Alcazar, Maurício Lissovski, Flavia Castro, Patrícia Andrade, Leonardo Rocha, Maria Camargo. Brasil: TVZERO, 2015. 106 minutos.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Estudo do cotidiano, pesquisa em educação e vida cotidiana: o desafio da coerência. *Revista Educação Temática Digital*, Campinas, v. 9, n. esp., p. 162-184, out. 2008.

ORLANDI, Luiz B. L. Um gosto pelos encontros. São Paulo: 2014. Disponível em: <http://deleuze.tausendplateaus.de/wp-content/uploads/2014/10/Um-gosto-pelos-encontros-Artigo-de-Luiz-Orlandi1.pdf>. Acessado em: 5/4/2016.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PEDROSO JUNIOR, Neurivaldo Campos. Jacques Derrida e a desconstrução: uma introdução. *Revista Encontros de Vista*, 5. ed. ISSN 1983-828X, 2010, p. 9-20. Disponível em: http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/Neurivaldo_Junior_Derrida_e_a_desconstrucao_uma_introducao_final.pdf. Acessado em: 10/5/2016.

PEREZ DE LARA, Núria; CONTRERAS, José Domingo. *Investigar la experiencia educativa*. Madrid: Morata, 2010.

RIBETTO, Anelice. Experiência e formação de professores. In. IV Congresso Internacional Cotidianos Diálogos sobre Diálogos. ISBN 978-85-61593-59-9. Niterói/RJ. *Anais IV Congresso Internacional Cotidianos Diálogos sobre Diálogos*. Meio Digital. 2012.

_____. *Experimentar a pesquisa em educação e ensaiar a sua escrita*. 2009. 131 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.uff.br/pos_educacao/joomla/images/stories/Teses/tese%20anelice%20ribetto.pdf. Acessado em: 20/5/2016.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>. Acessado em: 13/6/2016.

SAMPAIO, Carmen Sanches; ESTEBAN, Maria Teresa. Provocações para pensar em uma educação outra: Conversa com Carlos Skliar. *Ensayo y Error. Revista Nueva Etapa*, Caracas, Año XXI, n. 43, p. 179-197, 2012. Depósito Legal: p. 199102Dc4209, ISSN: 1315-2149.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SKLIAR, Carlos. *Desobedecer a linguagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. *Experiências com a palavra: notas sobre linguagem e diferença*. Rio de Janeiro: Editora WAK, 2012.

_____. Conversar e conviver com os desconhecidos. In: FONTOURA, Helena Amaral da (org.). *Políticas Públicas, Movimentos Sociais: Desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões*. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011. Disponível em: <http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/livro3.pdf>.

_____. Educar la mirada. Entrevista. *Revista Sin Puntero*. Director: Sergio Kipersain. Editor: Carlos A. Tolosa. N. 3. Julio de 2009. Disponível em: <http://laescuelaylosjovenes.blogspot.com.br/2010/02/educar-la-mirada.html>. Acessado em: 10/5/2012.

_____. Abordagens socioantropológicas em Educação Especial. In: SKLIAR, Carlos (Org.). *Educação & Exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SIMONI, Ana Carolina Rios; RICKES, Simone Moschen. Do (des)encontro como método. *Currículo sem Fronteiras*, v. 8, n. 2, p. 97-113, jul/dez 2008. ISSN 1645-1384 (on-line). Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/simoni-rickes.pdf>. Acessado em: 15/5/2016.

SUBCOMANDANTE MARCOS. *Los otros cuentos: relatos del subcomandante Marcos. Comunidades zapatistas*. Disponível em: <http://www.redchiapas.org/proyectos/los-otros-cuentos/>. Acessado em: 18/10/2016.

VASCONCELOS, José Antônio. O que é a desconstrução? *Revista de Filosofia*, Curitiba, vol. 15, n. 17, p. 73-78, jul/dez 2003. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/RF?dd1=117&dd99=pdf>. Acessado em: 22/5/2016.

WUNDER, Alik. Fotografias, restos quase mortais. In: AMORIM, Antônio Carlos; GALLO, Silvio; OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. *Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e...* Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq, 2011.